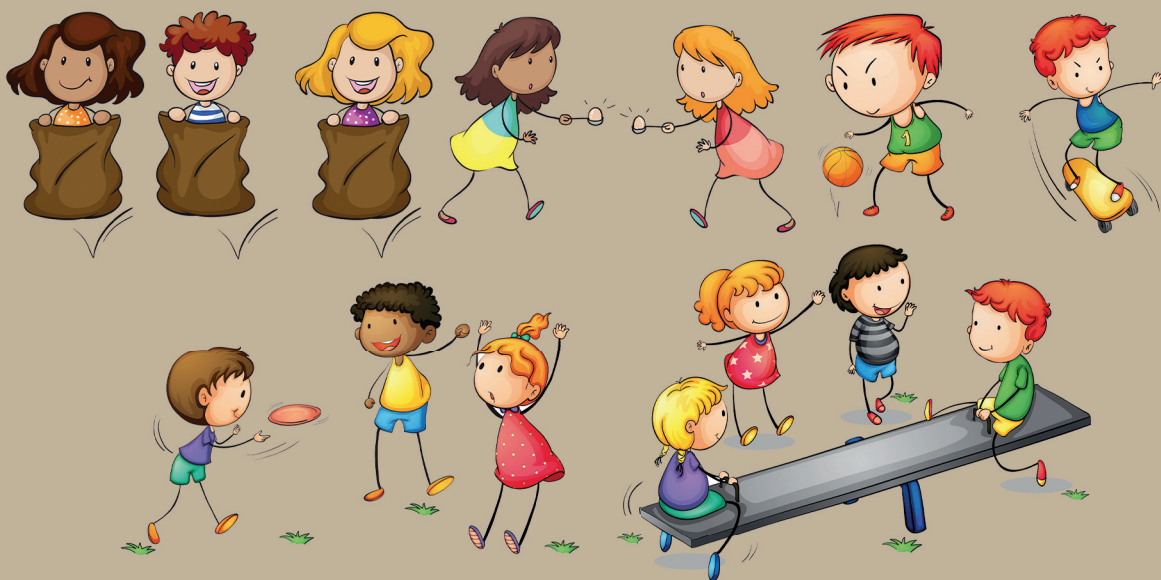


CORPO E MOVIMENTO

ENSAIOS, INICIAIS, DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE

RODRIGO LEMOS SOARES
DÉRIK CAMARGO FERNANDES
NAYANE MACHADO LIMA DE MELO
PEDRO BORGES FREITAS
RENATA NOGUEIRA ANDRADE
(ORGANIZADORES)



RODRIGO LEMOS SOARES
DÉRIK CAMARGO FERNANDES
NAYANE MACHADO LIMA DE MELO
PEDRO BORGES FREITAS
RENATA NOGUEIRA ANDRADE
(ORGANIZADORES)

CORPO E MOVIMENTO:
ENSAIOS, INICIAIS, DE UMA
FORMAÇÃO DOCENTE


EDITORA
SCHREIBEN

2023

© Dos Organizadores - 2023
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: Brgfx - Freepik.com
Revisão: Dêrik Camargo Fernandes, Pedro Borges Freitas, Nayane Machado Lima de Mello, Renata Nogueira Andrade e Rodrigo Lemos Soares

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C822 Corpo e movimento: ensaios, iniciais, de uma formação docente. / Organizadores : Rodrigo Lemos Soares... [et al.]. – Itapiranga : Schreiben, 2023.
124p. ; e-book.

EISBN: 978-65-5440-125-8
DOI: 10.29327/5263089

1. Educação. 2. Educação infantil. I. Título. II. Soares, Rodrigo Lemos. III. Fernandes, Dêrik Camargo. IV. Melo, Nayane Machado Lima de. V. Freitas, Pedro Borges. VI. Andrade, Renata Nogueira.

CDU 37

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
<i>Rodrigo Lemos Soares</i>	
O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	6
<i>Dérik Camargo Fernandes Eduarda Kutter Eduarda Priebe Julia Madail Luciano Lopes Renata Nogueira Andrade Rodrigo Lemos Soares</i>	
O LÚDICO FORA DO RECREIO: O IMPACTO DO BRINCAR NAS INFÂNCIAS	15
<i>Bárbara Ratto Eduarda Kaster Kristin Timm Nathalia Lemons Sthefanie Peverada Renata Nogueira Andrade Rodrigo Lemos Soares</i>	
PEDAGOGIA CRÍTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DEBATE DA HISTÓRIA E CULTURA NEGRA EM ESCOLAS.....	23
<i>Angela de Carvalho Grassi Gabriel Gonçalves da Silva Itiane Borges Oliveira Juliana da Rocha dos Santos Lavínia Ávila de Moraes Lívia da Silveira Lapuente Marina Xavier da Silva Renata Nogueira Andrade Rodrigo Lemos Soares</i>	
VISÃO COLONIZADORA: UMA REALIDADE QUE ESTÁ DIANTE DE NÓS	34
<i>Laís Funari Hartwig Carolina Lemos Fiss Amanda Bettin dos Santos Késsia Peres dos Santos Nayane Machado Lima de Melo Rodrigo Lemos Soares</i>	
JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	44
<i>Abimael Lobo Gabriela Spiering Kethlen Oliveira Pedro Freitas Vitória Zahn Rodrigo Lemos Soares</i>	
EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	51
<i>Aline Redü Deise Mar Farias Gonçalves Isabelle Cristina Tonn Luiza Silveira da Silva Nayane Machado Lima de Melo Pedro Freitas Raquel Sanches Dutra Tânia Raquel Knabach Rodrigues Rodrigo Lemos Soares</i>	
EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	58
<i>Dérik Camargo Fernandes Elise Ávila Rodrigues da Silva Mariana Barros da Silva Marthina Souza da Silva Valéria dos Santos Pereira Nayane Machado Lima de Melo Rodrigo Lemos Soares</i>	

CORPO-ÁRVORE: DANÇA E TEATRO NO DESENVOLVIMENTO DA CORPOREIDADE.....	68
<i>Daniele Thomasini Elize Torbes Maria Laura Roman Renata Nogueira Andrade Rodrigo Lemos Soares</i>	
FORMAÇÃO DOCENTE: DANÇA, TEATRO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	77
<i>Débora Braga Gutknecht Letícia Hardtke Schwanke Márcia Eliane Silva Oliveira Rodrigo Lemos Soares</i>	
COLETIVIDADE E INDIVIDUALIDADE NO ENTRETENIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	89
<i>Amanda Casarin Isadora Lopes Janaina Zanetti Manuela dos Santos Pedro Freitas Rodrigo Lemos Soares</i>	
JOGOS COOPERATIVOS E JOGOS COMPETITIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	97
<i>Jonathan Correa Cavalheiro Leandro Leal Bandeira Luiza da Silva Tessmer Duarte Pedro Freitas Rafaella Petrucci Alvetti Rodrigo Lemos Soares Vitor Saquete Rodrigues</i>	
COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO: USOS A PARTIR DE ENSAIO REFLEXIVO.....	108
<i>Brenda Abreu Diulia Dietrich Juan Bório Natani With Renata Nogueira Andrade Rodrigo Lemos Soares Vivian Holz</i>	
JOGOS COOPERATIVOS E COMPETITIVOS NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	116
<i>Alana do Amaral Pety Eduarda Pinto de Souza dos Santos Fernanda Dutra Silveira Gerusa Bohlke Pinto Souza Kassandra de Moura Rodrigo Lemos Soares</i>	

APRESENTAÇÃO

O componente curricular *Corpo e Movimento nas Infâncias* se propõe a analisar os sentidos e significados atribuídos ao corpo na sociedade contemporânea, considerando gênero e raça/etnia. Dos exercícios analíticos pretende exercitar articulações entre percepções e experiências corporais, docência e infâncias nas aulas de Educação Física, de modo a apropriar-se dos princípios teórico-metodológicos do ensino da Educação Física com as crianças, abrangendo o saber de múltiplas infâncias e culturas escolares.

O e-book que segue está implicado em apresentar exercícios de escrita, em formato de ensaio acadêmico procedido de uma proposta de plano de aula, de discentes do primeiro e segundo semestre, do curso de Pedagogia.

As escritas foram orientadas por diálogos acerca dos corpos, na sociedade contemporânea, da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, com foco nas histórias, ordenamentos legais e infâncias. Ademais a isso, o campo discursivo avançou às temáticas que envolvem as(os) professoras(es), as crianças e as práticas lúdico-corporais. Por fim, focou nos planejamentos: objetivos, conteúdos e metodologias para o ensino da Educação Física nos anos iniciais.

Os treze textos que compõem este e-book significam empreendimento, exercício de pesquisa, maturação e fragilidades de uma escrita inicial, de uma aventura acadêmica. Que os voos apresentados aqui sejam retomados, em outros momentos, pelas(os) próprias(os) autoras(es), como um ato ético-político-reflexivo de quem sabe que a formação se faz ao significar momentos e compreender processos de maturação. Temáticas como: Cultura lúdica, relações étnico-raciais, competição e cooperação, Jogos e brincadeiras, Educação Física na Educação Infantil, Dança e Teatro, são elementos essenciais em uma formação docente que se pretende plural e diversa. Que outras temáticas emergjam e tornem-se potentes nas próximas escritas de vocês.

Rodrigo Lemos Soares

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dérik Camargo Fernandes¹

Eduarda Kutter²

Eduarda Priebe³

Julia Madail⁴

Luciano Lopes⁵

Renata Nogueira Andrade⁶

Rodrigo Lemos Soares⁷

Resumo

Este ensaio acadêmico visa levantar a discussão sobre a cultura lúdica, o corpo e a infância e explora, através da bibliografia, os espaços educativos das creches da Rede Municipal de Florianópolis, a relação da brincadeira e do capitalismo com o corpo e a infância, abordando a temática de “corpo brincante” e “corpo produtivo”. O fato de a cultura infantil, definida por seu caráter lúdico, ser um conhecimento constituído por elementos culturais específicos da criança, do local onde ela vive e sua classe social, reafirma a ideia da criança como criadora e não como passiva cultural. Tanto quanto os adultos, as crianças experimentam emoções, reformulam objetos, comunicam e compreendem valores e atitudes. Em suma, a criança tem a capacidade de transcender o senso comum e a visão vulgar dos adultos, que colocam a cultura infantil como um mero mundo fantasioso, não como criação de significados. Desta forma, este estudo se propõe a contribuir na desconstrução dessa visão errônea acerca da cultura infantil e investigar de que forma o arcabouço cultural da criança faz dela uma agente criadora.

Palavras-chave: Ludicidade. Culturas. Corpos. Infâncias.

1 Universidade Norte do Paraná – Pedagogia – E-mail: <camargoderik24@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <eduardakutter@outlook.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <eduardabosenbecker03@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <julia.madail.b@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <lopes.luciano3020@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <andradecontatorenata@gmail.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

1. Introdução

Este ensaio tem como tema a cultura lúdica da infância e, como objeto investigativo, se propõe a abordar a visão capitalista sobre a ludicidade infantil. A pesquisa será desenvolvida em cima do artigo *EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA: Corpo em movimento e a cultura lúdica nos tempos-espaços na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis ou “Por que toda criança precisa brincar (muito)?*

O problema norteador cerca algumas consequências do sistema capitalista: a destruição das forças produtivas, a perversão da exploração do trabalho infantil; que em suma, representam as questões problemáticas da Educação da Rede Municipal de Educação de Florianópolis.

Silva (2007) adentra o universo das crianças da classe baixa trabalhadora e, desse processo, emergiram as categorias “corpo produtivo” e “corpo brincante”. Bem como, o autor analisa o cotidiano da Educação Física na Educação Infantil e o corpo em movimento nos tempos e espaços lúdicos da Educação Infantil. Os corpos, ludicamente falando, são elementos fundamentais na infância, pois é através deles que a criança experimenta o mundo e se relaciona. Os educadores devem proporcionar atividades que valorizem o movimento, a expressão corporal e a interação social, promovendo o desenvolvimento físico e emocional das crianças.

Buscamos falar do corpo e da ludicidade por meio das rotinas, da regulamentação do tempo e do espaço da vida cotidiana em que são moldados e marcados pelo disciplinamento dos corpos.

O lúdico é uma das formas mais importantes de expressão, sendo essencial para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Na sociedade atual, onde os valores capitalistas predominam e busca-se os ideais objetivos do mundo racionalista, há urgência em experienciar o lúdico, através do envolvimento e da partilha de situações.

Este ensaio acadêmico tem como objetivo central subsidiar o debate junto ao Grupo de Estudos Independente de Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, a partir dos “temas problematizadores” da vida cotidiana dos ambientes educativos das creches, tais como: corpo, movimento, tempo, espaço, conteúdos, conhecimentos, linguagens. Não obstante, este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual as questões supracitadas são provisoriamente problematizadas, tendo como eixo teórico-metodológico o método dialético.

2. Desenvolvimento

Silva (2007), juntamente ao Grupo de Estudos Independente de Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, partindo dos “problemas” do dia a dia dos ambientes educativos das creches, abordando corpo, movimento, tempo, espaço, conteúdos, conhecimentos, linguagens e outros. Procuram subsidiar o debate sobre tais temas.

A investigação da realidade das crianças oriundas da classe trabalhadora menos privilegiada deu origem a duas categorias empírico-teóricas, as de “corpo produtivo” e “corpo brincante”. Observar o cotidiano da educação física no ensino infantil foi pivô para as reflexões acerca da questões de “corpo e movimento” nos tempos e espaços lúdicos.

A pesquisa de Silva (2007) foi realizada na comunidade escolar, instigada pelas inquietações pessoais do autor. Aproveitando sua experiência como professor de educação física, questiona a problemática “infância, trabalho e educação” e escolhe a rede municipal de Florianópolis para se imergir dentro dos espaços educativos e observar seu funcionamento.

Salientando as reflexões introdutórias sobre o corpo em movimento na Educação Infantil, estando estruturado aos temas/problemas comoventes, relevantes e perenes, incluindo os projetos políticos pedagógicos, de diversas unidades de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Florianópolis. Ressaltando que, quando se trata dessa linha de pensamento específicas, das “rotinas” do cotidiano das creches, cabe lembrar, que há outras questões de caráter mais amplo, complexo e universais, sobretudo que envolvem a “dimensão pedagógica do projeto político pedagógico”, especialmente, na escola pública, tais como: alfabetização, educar e cuidar, organização do trabalho pedagógico e coletivo da escola em sua totalidade, concepções de educação, homem e sociedade, tratos teórico-metodológicos para com o currículo, organização das disciplinas, tempos, espaços e conteúdo-linguagens. Reforçando que todo o projeto educacional precisa ser estudado e planejado para atuar contra a desigualdade social, assim reconhecendo as diferenças e que, a criança que será sempre prejudicada, é da classe trabalhadora empobrecida.

As crianças têm sua própria cultura formada desde muito cedo, e mesmo que busque seus elementos e referência na cultura genérica dos adultos, elas tendem a dar outros significados, de acordo com sua necessidade, especificidade e imaginário. Portanto, reconhece a cultura infantil como uma cultura constituída de elementos culturais específicos das crianças e caracterizados por sua natureza lúdica, fato este que reafirma a ideia da criança como “criadora de cultura” e não ser culturalmente passivo. Deste modo,

[...] criança cria cultura, ainda que seu trabalho não seja reconhecido pelos adultos, uma vez que, na sociedade capitalista, somente os que “produzem” e “reproduzem” o sistema econômico são passíveis de reconhecimento, de identificação, tendo como um desafio ético que resistir aos rumos impostos pelo capital, e visar para uma educação além da barbárie, ou seja, além do capital [...] (Perrotti, 1995, p.22-23).

Desenvolvendo sobre a criança uma capacidade ética na formação cultural humana, deixando-nos importantes legados socioculturais éticos e estéticos, sinalizando com elementos ontológicos simbólicos-reais para a construção de um outro modelo de sociedade.

Assim como os adultos, as crianças também sentem emoções, ressignificam os objetos, comunicam-se, e compreendem valores, atitudes etc. Em síntese, a criança consegue desenvolver-se para além do senso comum e da visão vulgar que os adultos têm sobre a cultura infantil, que entendem apenas como “um mundo de fantasia” e não como o modo de construção de significados.

A relação da criança com cultura corporal na vida cotidiana, são extremamente importantes, considerando que, no âmbito da sociedade capitalista (pós-moderna), há uma “fetichização” e “mercadorização” do corpo, ou seja, enxergando o corpo como consumidor, transformando-o em objeto de consumo, que consome coisas “próprias do corpo de criança” (brinquedos, aparatos roupas etc). Resultando no corpo mercado: na qual há uma busca pela “beleza ideal”, pois há uma pressão social e psicológica, para que o indivíduo se adeque aos estereótipos corporais ideais, e corpo mercadoria: resultando no corpo como mercadoria, exemplo, garotos (as) de programa.

Compreende-se que quando se trata da relação entre corpo em movimento e jogo, há uma ligação entre a imaginação, movimento e o papel do brinquedo no desenvolvimento infantil da criança, sendo que a criação de uma situação imaginária não é algo inesperado, muito pelo contrário, é a manifestação da liberdade da criança em relação às restrições situacionais.

Na atualidade, há uma grande ênfase nos cuidados e estudos sobre o corpo. Provavelmente, pela emergência de um projeto de libertação deste, principalmente, considerando-se a sua utilização como instrumento privilegiado de controle, opressão e censura das condutas humanas, como por exemplo, no mundo do trabalho, educação, lazer, saúde e em outras instâncias da vida cotidiana. Há, simultânea e contraditoriamente, a ideia do corpo como portador de repressões sociais e da mais profunda servidão e exploração humana gerada pelo capitalismo. Como por exemplo, o corpo produtivo, que opera através da mediação entre o social e o biológico sob a amparo do trabalho socialmente necessário, cujo fim único é trabalhar para manter-se e satisfazer as necessidades básicas e, conseqüentemente, produzir para tornar mais rentável o capital. Nestes enredos, o corpo se transforma

em mercadoria para atender às exigências do desenvolvimento da ciência e das tecnologias, à expansão do mercado de produtos e serviços para o corpo, à substituição da higiene pelo prazer, à identificação da personalidade com a aparência. O corpo, desta maneira, adquire um novo valor e constitui, juntamente com a ciência e o mercado, um novo arquétipo de felicidade.

Mediante estes argumentos, o desafio dos educadores e pesquisadores, que atuam nos ambientes educativos das creches, é pensar o corpo em movimento das crianças e da sociedade em geral, detendo-se sobre o corpo, elaborando uma crítica contundente aos modos com os quais ele vem sendo concebido e tratado. Muitos estudos sobre e, particularmente, a sociologia aplicada ao corpo, dedicam-se ao inventário e à compreensão das lógicas sociais, culturais, políticas e econômicas que envolvem o corpo do homem em movimento, tornando os estudos sobre o corpo uma tarefa crítica e de caráter multi e interdisciplinar. Em vista disso, pensar o corpo e, particularmente o das crianças pequenas, requer uma compreensão das contradições que envolvem o fenômeno da condição corporal ou os usos sociais do corpo, ampliando nosso olhar para as políticas do corpo, de forma macro e micro-social e um dado tempo-espço histórico. Neste sentido, pode ser vislumbrada a chamada sociologia implícita do corpo, na qual o pensamento sociológico dedica-se, principalmente, aos estudos críticos acerca da deturpação das populações empobrecidas oriundas da condição operária.

O corpo contém contornos multidimensionais pertencentes a uma determinada sociedade, quer seja na história do trabalho humano, das gestualidades carregadas de sofrimento, dor, desprazer, sacrifício, tortura, dominação e exploração ou ainda, nas expressões corporais ligadas ao prazer, ao estético, ao sensível, ao gozo, à festa, à cultura. O corpo é um suporte de signos sociais e nele estão marcadas todas as regras e normas, os valores e a cultura de uma determinada sociedade. Com efeito, o corpo em movimento das crianças pequenas produz conteúdos/linguagens durante o processo de desenvolvimento infantil, os quais não estão dissociados das possíveis mediações com as políticas do corpo dos adultos, da família, da mídia e da sociedade como um todo. Aliás, quanto à mídia, há uma estreita relação entre este fenômeno e o corpo das crianças em ambientes educativos.

Diante dessa questão, penso que, no corpo das crianças, nas creches ou fora delas, no âmbito das diferentes classes sociais, de algum modo, está reverberando os valores, as marcas, as práticas sociais, enfim, o *ethos* da sociedade na qual vivemos. Em todas essas classes, estão impressas as marcas da educação implacável do corpo engendradas pelo capitalismo. Contudo, em meio a esta barbárie social, as tatuagens históricas que mais se destacam são as marcas do envelhecimento precoce no corpo das crianças trabalhadoras, cunhadas a ferro e brasa pela exploração capitalista. Porém, antes mesmo de adentrar nesse

ambiente educativo, não devemos esquecer os diversos fenômenos sociais, culturais, políticos e econômicos que engendram, retratam e, acima de tudo, maltratam, cotidianamente, as crianças de diferentes classes sociais, além de raça/etnia, cultura, gênero etc., principalmente, as oriundas da classe trabalhadora empobrecida que estão, sobretudo, nas creches públicas.

De acordo com Silva (2003), o “corpo brincante” é o corpo da festividade, da celebração dos rituais do tambor que batem no coração, da criatividade, da ginga, do jogo, do carnaval, da infração dos códigos sociais monótonos contidos no cotidiano, da fantasia social que contém mistério e que produz política e utopia. Em suma, é aquele que se manifesta enquanto construtor de signos sociais subversivos e resistentes à ordem alienante do capital. Trata-se, por conseguinte, do corpo portador de outras subjetividades e que é produtor de outros tipos de riqueza da condição humana: a estética, os afetos, os desejos, os jogos, as danças, a contemplação, enfim, a cultura. O corpo brincante é o corpo lúdico, ou seja, aquele que pensa, sonha, cria mundos e é capaz de assumir todas as responsabilidades de viver com liberdade. O corpo lúdico nunca será reduzido a objeto lúdico. Isso acontece na sociedade do trabalho produtivo. Corpo lúdico é o da criança que “faz coisas não-produtivas”.

A ludicidade da cultura infantil é uma parte importante da vida social das crianças, e sua relação com a sociedade é complexa e multifacetada. A cultura infantil é moldada pelas sociais e pelo ambiente em que as crianças vivem e se desenvolvem. As brincadeiras, jogos e atividades lúdicas são uma forma de expressão cultural que permite às crianças explorar e experimentar o mundo ao seu redor, aprender habilidades sociais, desenvolver sua imaginação e criatividade, e construir identidades individuais e coletivas.

As brincadeiras infantis são influenciadas pelas normas e valores da sociedade em que a criança está inserida, bem como pelas condições alimentares, políticas e culturais em que a criança vive. Por exemplo, algumas brincadeiras infantis são específicas de determinadas culturas e refletem tradições e costumes locais, enquanto outras são mais básicas e compartilhadas por crianças de todo o mundo. Da mesma forma, as brincadeiras infantis podem refletir as condições socioeconômicas da sociedade em que a criança vive, como a disponibilidade de recursos, o acesso a espaços de lazer e o nível de urbanização.

Além disso, a ludicidade da cultura infantil pode ter um papel significativo na formação da sociedade em si. As brincadeiras infantis podem ajudar a construir e fortalecer os laços sociais entre as crianças e suas famílias, bem como promover a cooperação e a solidariedade entre as crianças em seu grupo social.

A ludicidade da cultura infantil tem uma relação importante com a educação e a pedagogia, uma vez que as atividades lúdicas podem ser utilizadas

como uma ferramenta pedagógica para promover o aprendizado e o desenvolvimento das crianças.

Através da ludicidade, as crianças podem aprender de forma mais natural e espontânea, já que estão envolvidas em atividades que são prazerosas e desafiadoras para elas. Além disso, as brincadeiras e jogos podem ser adaptados e utilizados como uma forma de transmitir conhecimentos e habilidades específicas, de forma que as crianças possam aprender enquanto se divertem.

Na pedagogia, a ludicidade é considerada uma abordagem importante para o ensino infantil, já que as atividades lúdicas podem ser utilizadas para incentivar a curiosidade e a criatividade das crianças, desenvolver suas habilidades motoras, sociais e emocionais, e promover a construção de novos conhecimentos.

Por meio da ludicidade, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e motivador, onde as crianças se sintam à vontade para explorar e experimentar novas ideias e conceitos. Além disso, as atividades lúdicas também podem ser usadas para promover a inclusão social e a diversidade, já que as brincadeiras podem ser adaptadas para atender às necessidades e interesses de diferentes grupos de crianças.

3. Conclusão

Concluindo, além de redefinir o conceito da palavra aprender, aprender a aprender, que significa aprender a aprender, é de extrema importância atentar para como as crianças percebem seu próprio corpo e como elas são percebidas na sociedade, buscam conhecimento e respondem às novas situações. Por meio de brincadeiras e brincadeiras, o professor é colocado de lado e só pode “ajudar” o processo de aprendizagem do aluno. Tendo o seu processo de desenvolvimento de forma agradável, descontraída e até mesmo prazerosa.

Pois a intenção do sistema capitalista com relação ao corpo da criança, para fins rentáveis, acaba por na maioria das vezes, dificultar este processo de aprendizagem da criança, mostrando também que a classe empobrecida, sendo a maior parte dela negros, são os mais afetados diante deste sistema de desigualdade.

O grupo ao fazer este ensaio acadêmico também chega à conclusão, de que há uma falha no sistema de Educação e a falta uma política rígida e rigorosa de inclusão e igualdade social nas escolas públicas, para fortalecer e assegurar os direitos das crianças quanto cidadão de forma que possa contribuir para o seu desenvolvimento.

PLANO DE AULA

2. Objetivos:

2.1 *Objetivo Geral:*

Dialogar em relação ao desenvolvimento da cultura lúdica na educação infantil e no processo de conhecimento corporal das crianças.

2.2 *Objetivos Específicos:*

Discutir sobre o corpo nos espaços educativos;

Contextualizar os elementos do corpo, da infância e da cultura lúdica;

Explicar a relação entre o corpo e a cultura lúdica.

3. Metodologia:

Serão utilizadas ferramentas expositiva e o diálogo.

4. Quadro organizacional do tempo de aula

Momento:	Referência:	Tempo
Dinâmica perguntas e respostas	Com base no material proposto para a leitura antes da aula, partindo das perguntas de: o que entendem por ludicidade? O que acham que é o corpo produtivo e corpo brincante? O capitalismo influencia no corpo ou em outros aspectos da criança?	10 min
Apresentar olhares sobre a cultura lúdica	Apresentação com base na compreensão do grupo em relação ao material estudado para o desenvolvimento do ensaio acadêmico	20 min
Análise dos resultados e conclusão	Será aberto um tempo para as crianças tirarem suas dúvidas e observaremos se o conteúdo foi agregado e, em seguida, concluiremos a aula.	10 min

5. Recursos: slides, computador, projetor.

6. Avaliação: Observar o envolvimento dos alunos na aula através da atividade realizada, assim como, o nível de participação. Realização de perguntas.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Após o conteúdo ter sido explicado para a turma, será feita uma brincadeira para trabalhar a imaginação dos alunos, visando a interação e a avaliação de como os alunos compreenderam os assuntos abordados, com intuito de proporcionar uma experiência e contato com a ludicidade de forma instigante, provocativa e interativa. A brincadeira consiste em uma caixa fechada com alguns objetos, de aspectos, cores e texturas diferentes. Após os alunos tocarem os objetos, dirão o que imaginam estar ali presente.

Através dessa aplicação, é possível observar que os alunos trabalham a imaginação, o tato, a construção de conhecimento e o desenvolvimento da cognição.

Referências

MEIRELLES, Renata; ECKSCHMIDT, Sandra; SAURA, Soraia Chung. Olhares por dentro do brincar e jogar, atualizados no corpo em movimento. In: Marin, E.C.; Gomes-da-Silva, P.N. [Orgs.] **Jogos Tradicionais e Educação Física Escolar**. Editora CRV: Curitiba – Brasil, 2016, vol. 16, 182p. pág. 63-78.

SILVA, Maurício Roberto da. “EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA”: Corpo em movimento e a cultura lúdica nos tempos-espaços na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis ou “Por que toda criança precisa brincar (muito)?” **Motrivivência**. Ano XIX, nº 29, p.141-196 Dez./2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/11247/10744>> Acesso em: 14 de abr. de 2023.

MACHADO, Sandro e Carvalho, Rodrigo Saballa de. Relações afetivas, gestualidades e musicalidades: culturas lúdicas infantis na pré-escola. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2020, v. 25, e250060. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250060>> Acesso em: 06 de abr. de 2023.

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina. **A produção cultural e a criança**. Porto Alegre: mercado Aberto, 1990.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

O LÚDICO FORA DO RECREIO: O IMPACTO DO BRINCAR NAS INFÂNCIAS

Bárbara Ratto¹

Eduarda Kaster²

Kristin Timm³

Nathalia Lemons⁴

Sthefanie Peverada⁵

Renata Nogueira Andrade⁶

Rodrigo Lemos Soares⁷

Resumo

O presente trabalho tece reflexões acerca do lúdico. Tido por prazeres pontuais pela sociedade capitalista, o mesmo fica restrito ao “tempo livre”, devido aos ideais produtivistas e meritocráticos. Abordaremos a importância do brincar, criar, e, ainda, da ociosidade, para o desenvolvimento sociocultural, político e cognitivo; o papel das escolas e dos educadores no processo de valorização da ludicidade, da brincadeira e da ruptura desses ideais de constante busca pelo lucro e produtividade. Em busca de provocar questionamentos acerca do conceito pré-estabelecido de ludicidade, pretende-se afrontar esses valores e enaltecer a importância de exercitar o que de fato é ser criança. Através de uma pesquisa bibliográfica com base em cinco principais autores, definiu-se o lúdico transcendente ao lazer, mas parte da formação humana. Proporciona descontração, alívio, descanso, permite aprendizagem social, cultural e política. É parte fundamental para a formação do ser.

Palavras-chave: Lúdico. Sociedade Capitalista. Escola. Brincar.

1 Universidade Federal de Pelotas; Pedagogia; E-mail: <barbararatto@hotmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas; Pedagogia; E-mail: <kastereduarda1@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas; Pedagogia; E-mail: <kristmm@outlook.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas; Pedagogia; E-mail: <nathylemoonsz@hotmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas; Pedagogia; E-mail: <sthefanie221112@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas; Pedagogia; E-mail: <andradecontatorenata@gmail.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

Introdução

Na atual sociedade capitalista, os cidadãos e seus corpos são moldados. Projeções são depositadas em quais capacidades e habilidades uma criança deve desenvolver, voltadas, especialmente, para uma produtividade idealizada — destina-se o tempo de crianças para práticas que alimentam somente as competências favoráveis para o sistema e que irão, também, nortear sua vida futura.

Como consequência, ocorre o direcionamento da ludicidade para atividades pontuais, a generalização de seus conceitos e a restrição para o “tempo livre”, em que o lúdico é meramente um recurso que proporciona lazer. Dessa forma é construído o “furto do lúdico”, ferramenta que reduz tempos e espaços da criança e, conseqüentemente, restrição de suas vivências e da cultura infantil (MARCELLINO, 1990).

Através de um levantamento bibliográfico, o ensaio busca colaborar com o rompimento de algumas concepções. A quebra da ideia meritocrática de infância, na constante busca por horizontes emancipatórios traz a importância do ato de brincar, que se faz presente ao decorrer da vida, como recurso sociocultural e político para adultos e crianças, na construção crítica e criativa da cidadania. É um recurso que possibilita pensamento e vivência para além da cultura do capital e do lucro, em que o lúdico assume o papel de subverter os valores mercantis, não somente o deleite.

Concepções de ludicidade

Com frequência, o tema ludicidade é acompanhado de palavras como prazer, alegria, relaxamento, recreação, tempo livre, criatividade. Atualmente, é observável uma predisposição a esse pensamento. Na sociedade capitalista em que vivemos, o lúdico é banalizado: nesse tempo, não estamos produzindo, portanto, é visto como tempo inútil perante um sistema que prega a ideia de que tempo é dinheiro. Com base nessa concepção do tema, Silva (2007, p. 168) pondera que “[...] lúdico não é sempre festa, prazer, alegria, relaxamento, criatividade e liberdade, considerando que estes aspectos nunca são vividos plenamente na sociedade capitalista”.

Ainda segundo o autor, é perceptível que o lúdico não gera somente emoções agradáveis, mas, inevitavelmente, aguça sentimentos negativos, também. Por exemplo, a criança que se envolve em algum jogo competitivo, experimenta diversos desequilíbrios ao decorrer da partida; como tristezas, alegrias, ansiedade, tensão. Toda vez que o objetivo não é alcançado, a criança passa por momentos de frustração. Experimentar essas sensações, mesmo que dolorosas, é importante para o desenvolvimento infantil e contribui com a maturidade. Silva

(2007, p. 170) defende que: “A atividade lúdica permanece sendo uma forma de descontração e alívio do cansaço, ao mesmo tempo, de esforço necessário para o equilíbrio emocional e social das crianças e jovens.”

Ou seja, a visão da ludicidade como recurso que preenche lacunas de tempo precisa ser objeto de questionamento. Para o autor, as atividades com base no lúdico impactam o físico e o emocional da criança, mover e sentir são aliados nesse processo. O lúdico gera mudanças na visão de mundo do sujeito e na percepção de si e do outro.

Tempo do lúdico

O lúdico, tendo encontro inicial com a infância, pode-se perder na transição dos estágios da vida. É no lúdico que a criança e, posteriormente, o adulto, criam a percepção de sua cultura e, com ela, podem intervir na construção crítica de uma sociedade que, em sua maioria, faz da ludicidade uma produção lucrativa.

Nesse sentido, é preciso compreender o tempo do lúdico como uma qualidade de vida completamente desprezada, um tempo que deveria ser tomado para um entendimento pessoal. Entretanto, é ocupado por um padrão exigido para suprir a necessidade de sua perpetuidade, com foco em um futuro profissional. É por essa racionalidade produtiva que o tempo do lúdico é descaracterizado, deformado e fetichizado, preso demais no esquema tempo-mercadoria e transformado em um lazer capitalista (SILVA, 2007).

A banalização do lúdico

Lúdico, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) refere-se a jogo, brinquedo, divertimento. Ao verificar possíveis sinônimos para o termo “lúdico”, encontra-se os seguintes termos: divertir, brincar, recrear. É nítida a associação do lúdico com o ato de brincar. No entanto, o lúdico não se restringe apenas a esse ato, no momento em que a criança está “ocupada”, mas sim ao tempo de descanso, o tempo de escolher com o que quer brincar, tempo do entendimento pessoal. De acordo com Silva (2007), “[...] o jogo, a brincadeira, tendo a preguiça como a virtude e não como um pecado capital, com a criação contínua, ininterrupta e intrínseca à produção”.

Dentro do sistema de ensino, o lúdico é mais presente na Educação Infantil justamente por ser uma etapa da escolarização mais associada ao brincar. Porém, muitas vezes as crianças têm tempo determinado para brincar, com algo pré-estabelecido pelo docente e denominado como “o momento lúdico” pelas próprias instituições. Já no ensino fundamental, o lúdico acaba

se perdendo, pois já é aplicada a lógica da produção. A partir dessa etapa, a brincadeira não está mais presente, as crianças precisam “encher” cadernos. Segundo Silva:

[...] racionalidade produtiva inviabiliza o “tempo do lúdico” cuja lógica não é regulável, mensurável, objetivável, lucrativa. Assim é que ao tentar subordiná-lo e atrelá-lo ao tempo de produção ocorre sua descaracterização, sua mutilação, sua morte (SILVA, 2007, p.166).

Na educação o lúdico deveria ser o tempo da curiosidade que leva a experimentar, investigar, testar, questionar, criticar, envolver-se com o próprio processo de construção de conhecimento. Neste sentido, destaca-se o lúdico nas escolas:

Lúdico é o processo pedagógico em que há a comunicação, escuta, troca de saberes, participação e em que todos aprendem: alunos e professores. Existe alegria em aprender a qual pode estar aliada à concentração e à disciplina necessárias à realização de um projeto (MASTELLA, 2013, p.14).

Em aula, a presença da ludicidade é proveitosa, não somente nos momentos de recreação. Conforme abordado anteriormente, não está atrelada somente à brincadeira: é curiosidade, investigação, entendimento humano e se relaciona com os âmbitos cultural, político, econômico e social.

A partir desse entendimento, Marcellino (1990) forja a teoria do “furto do lúdico”, que consiste em inviabilizar a cultura das crianças, as percebendo como adultos em miniatura, preparadas para o mercado de trabalho. A fim disso, brinquedos passam a ser confeccionados de maneira que atenda a essa demanda, roubando o caráter lúdico das atividades e impedindo o criar e imaginar. Para Silva (2007), a teoria critica a “[...] restrição do tempo e espaço para a criança, cuja consequência é a redução da cultura infantil, basicamente, ao consumo de bens culturais, não produzidos “por ela”, mas “para ela”” (SILVA, 2007, p.164). Dessa forma, as crianças perdem o direito sobre sua produção cultural e tornam-se consumidores, parte de uma cadeia.

O autor Benjamin (1984) traz a importância da repetição na brincadeira. A lei da repetição, quando a criança faz algo que a agrada é comum pedir “de novo”, a maior demonstração de que a atividade foi aprovada está na satisfação e no animado pedido de “mais uma vez”. Este comportamento faz a experiência tornar-se hábito. Explorando e usando o recurso tempo, entendendo e conhecendo seus corpos, seus limites, suas capacidades, enxergando evoluções e diferentes formas de se fazer e pensar, utilizando a criatividade, possibilitando exploração de seus corpos e movimentos.

Considerações

Deste modo, o real significado do lúdico se encontra na produção simbólico-real do cotidiano. Nas vivências da criança pelo exercício do que a própria vida apresenta, rompendo também limites etários, fazendo-se presente na adolescência e vida adulta (SILVA, 2007). A vida não se restringe a prazeres, alegrias, relaxamento, divertimento, liberdades, encantamentos, mas tem-se o movimento, da polarização com o desprazer, tristeza, alienação, estresse, opressão, característicos do “jogo do lúdico”. Trazendo o alívio das pressões da alta produtividade meritocrática, mas também exigindo um esforço da movimentação entre os pares, positivos e negativos da vida e do jogo, possibilitando o equilíbrio emocional.

Assim, o desafio das escolas começa pela construção da definição do lúdico. Desconstruindo o conceito de ludicidade imposto pela sociedade capitalista, sendo necessário abandonar a ideia centralizadora de lucratividade, e possibilitar a expansão e o desenvolvimento livre e social dos alunos. Não restringindo o tempo do lúdico ao tempo livre de outras atividades consideradas mais importantes, nem relacionando de forma isolada com a fantasia, encantamento, festas e prazeres, mas reconhecendo sua importância como parte do processo educativo.

Enxergando carências de crianças, adolescentes e adultos da sociedade contemporânea, vê-se a falta da presença do “jogo do lúdico” em sua educação e em sua vivência. A exploração do mundo, em diferentes contextos e situações, dos movimentos físicos, para além de uma cadeira de classe, ou do jogo com altos e baixos, vitórias e derrotas, ganhos e perda. Dando espaço a diferentes possibilidades de adaptação a situações e lugares, físicos, sociais e culturais. Sendo assim uma ferramenta que possibilita a experimentação, exercitando a brincadeira de viver, o lúdico também é educação.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Explorar o corpo através de uma atividade lúdica.

Objetivos Específicos:

- Discutir os conceitos de lúdico dentro da sociedade;
- Problematizar o tempo de ludicidade para as crianças nas creches;
- Estimular o desenvolvimento dos corpos em suas diferentes possibilidades.

Metodologia:

Aula expositiva do conteúdo, realização de discussões e atividade prática.

Quadro organizacional do tempo da aula:

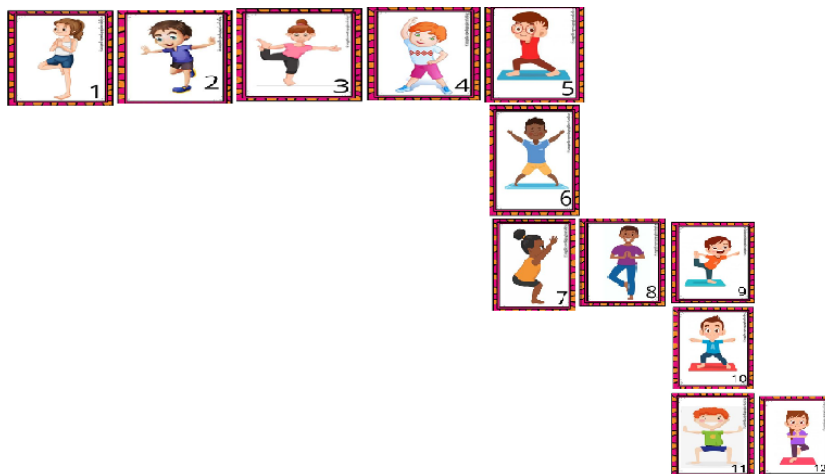
Momento:	Referência:	Tempo
Slides explicativos	“EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA”: Corpo em movimento e a cultura lúdica nos tempos-espacos na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis ou “Por que toda criança precisa brincar (muito)?”	20 minutos
Corrida lúdica	Atividade de desenvolvimento da aula	20 minutos
Fechamento	Conversa final e avaliação da aula	10 minutos

Recursos: Papel pardo, projetor, notebook e lousa.

Avaliação: Exercício para anamnese intitulado Corrida lúdica.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Corrida lúdica: a turma será dividida em três grupos. Cada grupo irá eleger um representante, os quais terão que percorrer a trilha. Cada “casa” terá uma questão de verdadeiro ou falso relacionadas ao conteúdo visto em aula e um movimento a ser executado. Quem acertar avança a casa. O primeiro grupo que chegar ao final da trilha é a equipe vencedora. A trilha terá 12 casas, as questões serão sorteadas.



Verdadeiro ou falso:

1. As pessoas usam o termo lúdico de forma equivocada, sem considerar seu real significado. VERDADEIRO

2. A ideia de “furto do lúdico” não provoca consequências na cultura infantil”. FALSO
3. O tempo do lúdico é criticado em nossa sociedade pois vivemos em uma lógica de lucro e competição, onde pensa-se que as crianças devem se preparar para tornarem-se adultas rapidamente. VERDADEIRO
4. A racionalidade capitalista não está impregnada nas práticas educativas, já que é separado tempo ao lúdico, descanso e relaxamento. FALSO
5. Andar de bicicleta, quebra cabeça e jogos de estratégia, podem ser considerados atividades lúdicas. VERDADEIRO
6. A pintura é considerada uma atividade lúdica que desenvolve a imaginação e a criatividade das crianças. VERDADEIRO
7. Brincadeiras lúdicas têm a intenção de promover bem-estar e alegria, sem sacrifício e tensão. FALSO
8. “Furto do lúdico” ocasiona na redução da cultura infantil, onde os bens são produzidos PARA ela, não POR ela. VERDADEIRO
9. O lúdico não leva em conta os direitos das crianças, pois é apenas uma brincadeira sem propósito. FALSO
10. A lógica produtivista impede que o tempo do lúdico aconteça. VERDADEIRO
11. O lúdico opera em pares dialéticos como: tensão e relaxamento, repetição e criatividade, objetividade e subjetividade. VERDADEIRO
12. O lúdico pode ajudar na construção de equilíbrio emocional, pois proporciona momentos e sentimentos diversos. VERDADEIRO
13. A lei da repetição diz que as crianças só aprendem se repetirem as atividades até acertarem. FALSO
14. O lúdico envolve intervir no processo de desenvolvimento crítico e criativo da cidadania. VERDADEIRO
15. O critério dos adultos não interfere na cultura infantil. FALSO
16. Os brinquedos são transformados em mercadoria pela influência dos pensamentos adultos. VERDADEIRO
17. Cada vez mais o lúdico é banido da lógica produtivista. VERDADEIRO
18. O lúdico nada mais é do que uma relação entre lazer e atividade de recreação. FALSO
19. Há um significado social e histórico da brincadeira na formação da criança, e quando a ideia da criança brincar e jogar são focados apenas no prazer, ambos são secundarizados. VERDADEIRO

20. Os programas lúdicos não precisam ser cuidados para atender às necessidades de ações espontâneas da criança. FALSO

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus Editorial, 1984. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/8737/8058>>. Acesso em: 09 de abr. de 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da Animação**. Campinas, SP: Papirus, 1990. Disponível em: <<https://www.livrebooks.com.br/livros/pedagogia-da-animacao-nelson-carvalho-marcellino-2r3n8hsxp1ac/baixar-ebook>>. Acesso em: 10 de abr. de 2023.

MASTELLA, Ana Maria Obino. **A banalização dos discursos a respeito do lúdico na educação:algumas problematizações**. Monografia – Faculdade de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78069/000897476.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 de abr. de 2023.

SILVA, Maurício Roberto da. **“EXERCÍCIOS DE SER CRIANÇA”**: Corpo em movimento e a cultura lúdica nos tempos-espacos na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis ou **“Por que toda criança precisa brincar (muito)?”**. Motrivivência. Ano XIX, nº 29, p.163-173 Dez./2007. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/11247/10744>> Acesso em: 01 mar. 2023.

PEDAGOGIA CRÍTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO DEBATE DA HISTÓRIA E CULTURA NEGRA EM ESCOLAS

Angela de Carvalho Grassi¹

Gabriel Gonçalves da Silva²

Itiane Borges Oliveira³

Juliana da Rocha dos Santos⁴

Lavinia Ávila de Moraes⁵

Livia da Silveira Lapuente⁶

Marina Xavier da Silva⁷

Renata Nogueira Andrade⁸

Rodrigo Lemos Soares⁹

Resumo:

Este ensaio acadêmico traz à luz reflexões, pesquisas e discussões no que tange a importância do debate que cerca a temática da corporeidade e cultura negra. O estudo discorre sobre a necessidade de desmistificar o racismo, empoderar o corpo negro e suas particularidades. Para tal exposição, o texto faz uso de autores reconhecidos, como Fanon, que defende a causa e levanta atualidades que afetam as escolas, demonstrando como o racismo se adapta às mudanças sociais. O texto aborda o fato de que o corpo negro é inferiorizado e de que forma o papel dos professores neste debate torna-se fundamental, uma vez que a nossa classe tem a potencialidade de figurar como principais agentes de mudança social, por

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <acgrassi17@hotmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <gabrielgoncalvesgarcia3@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <iti_oliveira@hotmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <julianadarocha67@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <laviniaavilademoraes@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <livialapuente@gmail.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <xavierdasilvamariana1@gmail.com>.

8 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <andradecontatorenata@gmail.com>.

9 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

meio de uma educação antirracista e inclusiva. É essencial que, como educadores, estejamos preparados para lidar com situações de discriminação e conscientes de que, o racismo ainda é uma realidade presente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Corporeidade negra. Fanon. Racismo.

1. Introdução

Abraçar uma temática como o corpo humano, envolve diversas questões culturais, sociais e históricas. Através do assunto étnico-racial, o corpo é um espaço de disputa, sendo alvo de preconceito e estereótipo. As vivências corpóreas da população negra é marcada por um histórico de escravatura, violência e opressão, o que torna a discussão uma grande reflexão atrelada a esse tema.

Através de pesquisa e contextualização histórica étnicas raciais, discutiremos como essas escolhas e percepções influenciam na maneira em que o corpo negro é representado, valorizado e desvalorizado, gerando desigualdades estruturais e sociais, e o quanto isso impacta na construção do (re) conhecimento dentro da educação infantil.

2. Desenvolvimento

A subjugação dos corpos negros como objetos de controle e dominação da branquitude figura uma problemática profundamente enraizada na história brasileira, sendo a base do projeto de nação e sociedade colonial que culminou no Brasil atual. Dentre outras ferramentas de opressão, estereótipos e preconceitos que reforçam a inferioridade do negro em relação ao opressor, branco, foram e são amplamente instrumentalizados contra essa população. Fanon (2008) descreve essa experiência do corpo negro como marcada pela opressão e pela violência, em um mundo em que a branquitude é vista como superior em relação à negritude.

Para Araújo (2020, p.102), essa visão para com o corpo negro reforça a relação de docilidade-utilidade, conforme mencionado em sua tese, pois esse mesmo corpo é utilizado como objeto de controle e exploração pelos brancos, sem que lhes seja dada a devida valorização e respeito. A luta por liberdade e por uma existência plena é fundamental para a reversão desse quadro, sem que essa população seja ignorada, explorada como mão-de-obra barata e segregada em diversos setores da sociedade.

Surgimento das discussões sobre Corpo e questões étnico raciais

No século XIX, em decorrência da abolição do regime escravista em muitos países, surgiram outras formas de opressão racial, como o racismo

científico, que buscava justificar a inferioridade dos negros e de outros grupos considerados “inferiores” em relação aos brancos. Ao longo do século XX, especialmente a partir das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos e dos movimentos negros e anticoloniais em todo o mundo, as discussões sobre corpo e as questões étnico-raciais ganharam visibilidade e importância.

Segundo a obra “Peles Negras, Máscaras Brancas”, por Frantz Fanon, as discussões a respeito do tema do corpo e as questões étnico-raciais surgiram na França, onde o autor estudava medicina e psiquiatria na década de 1950. Fanon (2008) observou que diversos pacientes que atendia em clínicas psiquiátricas eram negros, e que a maioria apresentava problemas de autoestima e identitários, relacionados à opressão enfrentada na sociedade francesa.

Atualmente, as discussões raciais continuam relevantes em diversos contextos, como na luta estrutural, na discriminação, na violência policial, na valorização da diversidade cultural e na conquista da equidade.

O pensar da educação sob a perspectiva racial

Hooks (2013) aborda sua vivência escolar, como mulher negra que estudava numa escola segregada, em que as professoras eram, em sua maioria, mulheres negras que voltavam as aulas para uma educação anticolonial e anti-hegemônica. A autora aponta a perceptível diferença no tratar do assunto quando passou a ter aulas com professores brancos e, como estes, visavam a educação como meio de controle ao invés de liberdade.

Esta experiência, relatada por Hooks, instiga a reflexão acerca das questões diaspóricas dentro das escolas contemporâneas: são levadas em consideração as diferentes realidades dos seus alunos ou, persistem em educar através do controle?

Hooks também fala, indiretamente, sobre a Educação Bancária, trazida por Freire em 1972 e, infelizmente, utilizada ainda na atualidade, sendo os conteúdos dados sem levar em conta a realidade e a vivência dos alunos. Afetando, diretamente, a população negra, onde passam a enfrentar estruturas que reforçam estereótipos, como apotamentos negativos sobre cabelos cacheados e crespos, dentre outros.

[...] O preconceito de cor é assim dinamizado no contexto capitalista, os elementos não brancos passam a ser estereotipados como indolentes, cachaceiros, não persistentes no trabalho e, em contrapartida, por extensão, apresenta-se o trabalhador branco como o modelo do perseverante, honesto, de hábitos morigerados e tendências à poupança e à estabilidade no emprego (MOURA, 2019, p.98-99).

Freire (1996) propõe o pensar a Pedagogia da Autonomia a fim de ir contra a Educação Bancária, enfatizando uma educação que busque a inclusão

de todos os indivíduos na sociedade. Hooks aborda a importância de trabalhar o feminismo negro nas escolas, priorizando uma educação antirracista. Assim como a clássica frase de Angela Davis, que Ribeiro (2019) apresenta em seu livro “Pequeno manual antirracista”, não basta não sermos racistas, precisamos ser antirracistas. A escola é um dos meios em que se faz necessário o combate acerca do preconceito racial, apresentando, como educador, a construção de um diálogo com os educandos sobre questões que envolvem a realidade negra.

O corpo negro

O estereótipo racista do negro animalizado e inferiorizado, denunciado por Fanon (2008), persiste no imaginário da sociedade atual. Ainda são tratados como super humanos em aspectos físicos e violentados com o uso disso como justificativa, com a visão do corpo negro mais resistente e capaz de suportar condições de violência e dor.

O corpo da mulher negra, além de sexualizado, visto como o corpo de trabalho, o corpo que suporta mais, que atende a uma finalidade, que diferentemente do feminismo branco, as mulheres negras não precisaram lutar para poder trabalhar fora dos seus lares, elas foram, desde sempre, obrigadas a isto (RIBEIRO, 2017). E, sendo futuros professores, precisamos questionar como esses estereótipos racistas seguem sendo repercutidos nas escolas: qual a relação da criança negra com o seu corpo, seu cabelo? Sua capacidade intelectual? E como educadores, podemos e devemos trabalhar a auto estima das crianças negras, trazendo exemplos positivos e que as represente, incluindo a realidade diaspórica na sala de aula.

Cabe, também, aos professores parte dessa responsabilidade, levando em conta questões atuais, como o aumento de movimentos neonazistas e de supremacistas brancos nas escolas. Anteriormente estavam escondidos e respaldados por figuras políticas emergentes de meados da década de 2010 e a violência institucionalizada decorrente dessa ascensão, se sentem na liberdade de expressar o ódio e preconceito, transparecidos em ataques e assassinatos de crianças e professores. Muitos, com o intuito de virar mártir e incentivar tamanha violência.

A pedagogia no ensino das questões étnico-raciais

Para entender melhor a relação entre pedagogia e questões étnico-raciais precisamos, antes, falar sobre o estereótipo da classe, onde resumem o estudo do Pedagogo a lecionar para o público infantil, algo que faz parte do

seu papel na sociedade, porém não se basta dentro seu imenso significado. Segundo Libâneo (2001), a pedagogia é um campo de conhecimentos que busca estudar sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. Ou seja, a prática pedagógica, além de tornar seus docentes aptos para ensinar aos seus educandos, apresenta um campo de estudos que busca refletir o ensinar, concluindo que o “ensinar por ensinar” já não cabe mais nos padrões da nossa sociedade atual.

É correto afirmar que as práticas pedagógicas são respostas para as demandas apresentadas na sociedade. Como exemplo, nas questões étnico-raciais, o papel da pedagogia é introduzir o assunto na sala de aula, desmistificando a ideia do racismo como somente atos racistas, o abordando como um problema estrutural pós-colonial. Essa constatação é perceptível na leitura de Fanon (2008), em que sua obra retrata a vivência negra com suas subjetividades silenciadas no contexto social. A fim de contemplar tal demanda, é necessário que sejam encontradas as ferramentas e metodologias para que esse assunto seja abordado da forma cotidiana e não apenas em datas de conscientização. A exemplo, a negritude poderia ser uma pauta abordada ao decorrer do ano letivo através da leitura de autores negros; não somente no Dia da Consciência Negra.

Para que ocorra uma orientação antirracista para quebra desse ciclo, o pedagogo necessitou e necessita conquistar o amparo do poder legislativo, tendo conhecimento dos documentos que orientam a rede pública de educação. Através desses recursos podemos afirmar que a criança necessita de uma educação com uma boa relação entre espaço e ambiente. Segundo Silva (2012),

Educar para a igualdade racial na Educação Infantil significa ter cuidado não só na escolha de livros, brinquedos, instrumentos, mas também cuidar dos aspectos estéticos, como a eleição dos materiais gráficos de comunicação e de decorações condizentes com a valorização da diversidade racial (SILVA, 2012, p.20).

É preciso que o professor proporcione dinâmicas e espaços propícios para o reconhecimento dessa identidade, valorizando a ancestralidade negra e suas subjetividades através de recursos e metodologias de ensino representativas. A Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena nas escolas públicas e particulares de ensino fundamental e médio em todo o território nacional. O currículo escolar deve contemplar a história e a cultura africana, abordando, de maneira interdisciplinar e contextualizada, o papel dessas culturas na formação da sociedade brasileira, a fim de aplicar uma educação antirracista.

Diversidade racial na Educação Infantil

De Souza (2011) aborda a diversidade racial e cultural na educação infantil, citando os desafios enfrentados pelos docentes acerca dessa temática. Como critério, torna-se relevante considerar a formação continuada dos docentes. A precariedade da formação e a ausência de recursos e condições adequadas são reflexos das amarras sociais e culturais encontradas no cotidiano. A autora problematiza as datas comemorativas, das quais as escolas citam a negritude somente em momentos pontuais.

[...] O negro e o preconceito racial são frequentes no espaço da escola e na história do Brasil. A diversidade racial revela a riqueza de um povo de luta, de resistência e as conquistas dos povos negros. Na formação docente e no cotidiano da escola, embora a Lei n.º 10.639 garanta os estudos da África e da Cultura Afro-brasileira, estes apenas são apresentados às crianças em datas comemorativas oficiais, fugindo do caminho legal. O emblema eurocêntrico embranquecido é tão forte, que mesmo com a Lei, a escola em seus projetos pedagógicos e práticas cotidianas não a utiliza como ferramenta de desconstrução desse espaço segregatório (DE SOUZA, 2011, p.82)

As crianças tornam-se o público alvo para uma conscientização, uma vez que são agentes de transformação em potencial. Os professores têm dificuldade em abordar e trabalhar esse assunto em sala de aula como consequência das prioridades financeiras das instituições de ensino. Para a efetivação das práticas, é necessário conhecer a realidade de cada criança, considerando suas diversidades — é usual que professoras da educação infantil discurssem sobre sermos iguais, mas, ainda que sejamos iguais enquanto cidadãos, cada criança tem sua vivência única. É preciso que elas sejam, de fato, escutadas. Isso possibilita que a visão de mundo delas seja colocada em prática e que possamos trabalhar através dessa perspectiva, com acolhimento e inclusão.

Hooks (2013) destaca o papel fundamental do pedagogo na luta contra o racismo e outras formas de opressão. Segundo a autora, é preciso que os educadores estejam comprometidos em desenvolver uma pedagogia crítica, que questione as normas estabelecidas e trabalhe para promover a justiça social e a igualdade. Isso implica em reconhecer a importância da diversidade e em adotar práticas pedagógicas que valorizem a cultura e a experiência dos estudantes negros e demais minorias. Além disso, Hooks defende que os educadores precisam estar dispostos a se engajar em lutas políticas e sociais, lutando contra o racismo e outras formas de opressão dentro e fora da sala de aula.

3. Considerações Finais

A valorização da negritude e sua herança é de fundamental importância para que as crianças compreendam seus corpos e origens. Nesse aspecto, o papel do professor, de observar a criança e intervir no seu processo de aprendizagem é vital. Entretanto, para que seja ultrapassada a barreira do racismo é importante que as escolas adotem políticas e práticas inclusivas, que reconheçam a diversidade de suas comunidades e trabalhem para combater o preconceito e a exclusão. Além disso, é fundamental que os currículos escolares contemplem a história e a cultura africana e afro-brasileira, contribuindo para uma educação mais plural e democrática.

Podemos concluir então, que o nosso papel como docente é buscar uma educação acadêmica, esportiva e cultural que proporcione a todos uma identificação de seus diversos grupos étnico-raciais e de suas ancestralidades. Incluindo aquelas crianças que ainda não conhecem determinada cultura e, acima de tudo, garantindo que todos se sintam confortáveis de serem quem são.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Dialogar sobre como a representação de corporeidade construída pela visão colonial afeta no corpo negro em construção e desenvolvimento.

Objetivos Específicos:

- Debater sobre como o corpo negro é visto na sociedade, utilizando ou não, recursos diversos de expressão artística.
- Experimentar e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.
- Fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.
- Discutir a importância do respeito à diversidade cultural brasileira.
- Identificar as capacidades físicas e ações motoras nas práticas vivenciadas.
- Localizar na comunidade e no entorno da escola espaços para experimentação segura das brincadeiras tematizadas.

Competências Gerais da BNCC

1. Conhecimento
2. Pensamento científico, crítico e criativo

3. Repertório cultural
5. Cultura digital
8. Autoconhecimento e autocuidado
9. Empatia e cooperação
10. Responsabilidade e cidadania

Metodologia:

Combinação de metodologias expositiva, dialogada e prática.

A parte expositiva seria representada pela apresentação dos vídeos “A Carne” de Elza Soares e “Eu sou” de WD. Nessa fase, o professor apresenta o material e explica suas respectivas mensagens e abordagens em relação às questões étnicas e raciais.

A parte dialogada será embutida na roda de conversa após a apresentação de cada vídeo, em que os alunos são convidados a expressar suas opiniões e percepções sobre o tema. Os alunos podem, por exemplo, compartilhar suas experiências pessoais e discutir como as questões étnicas e raciais afetam suas vidas cotidianas.

A parte prática será a atividade do “Pega cauda”, que tem o objetivo de envolver os alunos de forma lúdica e trabalhar a coordenação motora, mas também sensibilizar os alunos em relação à questão racial. Essa atividade será realizada em grupo, onde os alunos podem vivenciar uma situação de diversidade e inclusão em sua turma.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo:
Mostra do vídeo com a música: “A Carne- Elza Soares”	SOARES, Elza Soares. A Carne - Elza Soares(Vídeo-clipe Oficial) . YouTube,2002. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw >.	5 min
Roda de conversa sobre a música e o vídeo clipe		10 min
Introduzir o assunto: Falar sobre a construção da corporeidade do ser negro no social.	SOUZA, Yvone Costa de Souza. Espelho meu: as crianças e a questão étnico-racial . IN Revista Paulo Freire. N°, v. 6.2012. FANON, Frantz. Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas) . Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.. OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de; BALIEIRO, Thais Bispo; SANTOS, Abrahão de Oliveira. Racismo e psicologia na escola: diálogos entre Fanon e Freire. Arquivos Brasileiros de Psicologia , v. 72, n. SPE, p. 94-108, 2020.	15 min

Mostra do vídeo com música: “Wd Eusou”	Duarte, Washington Duarte (WD Oficial). WD Eu Sou (Clipe Oficial) . YouTube, 2019. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp_HYsbI >.	5 min
Iniciar a atividade prática: “Brincadeira do “Pegacauda”	CONZATTI, Shana. Brincadeiras Africanas para fazer na escola . Educa criança, 2021. Disponível em: < https://educacrianca.com.br/brincadeiras-africanas-para-fazer-na-escola/#google_vignette >. Acesso em: 04/11/2021. PENHA, Gabriela. Brincadeiras africanas – Dia da Consciência Negra . Escola Educação, 2018. Disponível em: < https://escolaeducacao.com.br/brincadeiras-africanas/ >. Acesso em: 06/04/2023	10 min

3. Recursos: Slides, caixa de som e lenço.

4. Avaliação: A avaliação será feita através de perguntas orais durante a roda de conversa e após a exibição dos vídeos, em que os alunos terão oportunidade de expressar suas opiniões e dúvidas sobre as questões abordadas. Além disso, a atividade prática será utilizada como métrica para avaliar a coordenação motora dos alunos e também o engajamento e participação na brincadeira.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Elaboração de um questionário com perguntas **COMO**:

1. Você já sofreu preconceito por causa da sua aparência ou origem?
2. Você já presenciou alguma situação de preconceito?
3. Como você se sentiu quando viu alguém sendo discriminado?
4. Você já refletiu sobre a importância da igualdade e da valorização da diversidade?

Essas perguntas visam fazer com que os alunos reflitam sobre suas próprias experiências e como elas se relacionam com os temas abordados em aula. Além disso, essa pesquisa pode ser uma forma de fazer com que os alunos se sintam mais envolvidos e motivados a participar ativamente da aula, pois estarão compartilhando suas próprias histórias e opiniões.

Referências:

ARAÚJO, Angela Maris Murillo et al. **O corpo negro e educação: discutindo questões étnico-raciais em um projeto político-pedagógico-participativo**. 2020.

BARROSO, Milena Fernandes. **Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista**. Serviço Social & Sociedade, p. 446-462, 2018.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **A prece de Frantz Fanon: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!**. Civitas-Revista de Ciências Sociais, v. 16, p. 504-521, 2016.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 de 09 de Janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.

CONZATTI, Shana. **Brincadeiras Africanas para fazer na escola**. Educa criança, 2021. Disponível em: <https://educacrianca.com.br/brincadeiras-africanas-para-fazer-na-escola/#googl_e_vignetteL> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

CURI, Paula Land; RIBEIRO, Mariana Thomaz de Aquino; MARRA, Camilla Bonelli. **A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 72, n. SPE, p. 156-169, 2020.

DA SILVA, Raimundo José Pereira; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. **Corpo infantil, artefatos culturais e o processo de pedofilização social**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, v. 5, n. 3, p. 612-627, 2019.

DA SILVA VITORIO, Rafael Borges. **Raça, corpo e existência: uma leitura pós-colonial em Fanon**. Anãnsi: Revista de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 14-26, 2020.

DE RÊ, TAKAHASHI, REIS, FARIA, REYES, Eduardo, Isabela, Julia, João Pedro e Leonardo Gabriel. **Direitos étnico-raciais: o que são?**. Politize!, 2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-etnico-raciais-o-que-sao/>> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

Duarte, Washington Duarte (WD Oficial). **WD | Eu Sou (Clipe Oficial)**. YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QJ-8Zp_HYsBI> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

DU BOIS, Willian Eduard Burghardt. **As almas do povo negro**. Veneta, 2021.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs (Pele negra, máscaras brancas)**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008 [1952].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1971.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa**. Educar em Revista, p. 19-33, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar em Revista, n. 17, p. 153-176, 2001.

KOGA, Dirce; SANT'ANA, Raquel Santos; MARTINELLI, Maria Lúcia. **Questão étnico-racial: desigualdades, lutas e resistência.** Serviço Social & Sociedade, p. 399-405, 2018.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Educação antirracista para crianças pequenas: ideias para começar um novo mundo.** Zero-a-seis, v. 23, p. 58-76, 2021.

OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de; BALIEIRO, Thais Bispo; SANTOS, Abrahão de Oliveira. **Racismo e psicologia na escola: diálogos entre Fanon e Freire.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 72, n. SPE, p. 94-108, 2020.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f. e negra para trabalhar”:** escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

PENHA, Gabriela. **Brincadeiras africanas – Dia da Consciência Negra.** Escola Educação, 2018. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/brincadeiras-africanas/>> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala.** Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das letras, 2019.

SANTOS, Douglas Rafael. **Breve análise de movimentos de extrema direita em diferentes locais e épocas.** 2019.

SANTOS, Victor. **Educação Antirracista: como trabalhar o tema na Educação Infantil.** Revista Nova Escola, 2022. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/21363/educacao-antirracista-como-trabalhar-o-tema-na-educacao-infantil>> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

SOARES, Elza Soares. **A Carne - Elza Soares (Videoclipe Oficial).** YouTube, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

SOUZA, Yvone Costa de Souza. **Espelho meu: as crianças e a questão étnico-racial.** IN Revista Paulo Freire. N° 6, 2012.

VITORIO, Rafael Borges da Silva. **Raça, Corpo e Existência: uma leitura pós-colonial em Fanon.** Anãnsi: Revista de Filosofia, v. 1, n. 2, p. 14-26, 30 dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10170/7392>> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

WEBER, Camila Eduarda; SOARES, Ana Amélia Serafim; STEIERNAGEL, Daiane Raquel. **O MOVIMENTO NEONAZISTA E A EXTREMA DIREITA NO BRASIL.** Salão do Conhecimento, v. 7, n. 7, 20.

VISÃO COLONIZADORA: UMA REALIDADE QUE ESTÁ DIANTE DE NÓS

Láís Funari Hartwig¹

Carolina Lemos Fiss²

Amanda Bettin dos Santos³

Késsia Peres dos Santos⁴

Nayane Machado Lima de Melo⁵

Rodrigo Lemos Soares⁶

Resumo

O presente ensaio busca, através da explicação do artigo de Vitorino, “Raça, Corpo e Existência: uma leitura pós-colonial em Fanon”, retirar a visão que assombra a sociedade acerca dos sujeitos negros. Uma visão que é estereotipada (hipersexualização, animalização) e repleta de ocultações. Ocultações de cultura, ocultações de tradições e ocultações de subjetividades. Pois se cria por meio de uma visão colonizada um olhar de que somente o branco é verdadeiro e somente as suas crenças estão corretas. Assim, por meio de uma subjetividade apagada, o negro para tentar se reconhecer começa a se ver em terceira pessoa, a se sentir inferior. Com objetivo de retirar essa visão e de mostrar o outro lado dessa visão colonizadora, o lado ruim, que prejudica pessoas e que poucos veem. Para contribuir com o fim do dilema branquear ou desaparecer, que tanto vem prejudicando diversas pessoas, em uma sociedade que não respeita a coletividade.

Palavras-chave: Racismo. Frantz Fanon. Vitorino. Raça. Corpo.

Introdução

O presente ensaio e plano de aula foram construídos a partir do artigo

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia - E-mail: <hartwiglais@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia - E-mail: <carollemmos19@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia - E-mail: <absantox@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia - E-mail: <kessiaperes.kp40@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia - E-mail: <naylimamelo@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

“Raça, Corpo e Existência: uma leitura pós-colonial em Fanon” (2008), do autor Rafael Borges da Silva Vitorio. Com a análise do artigo citado, se busca descolonizar o olhar/a visão que a sociedade possui acerca das pessoas negras. Nosso maior objetivo é trazer uma reflexão acerca de construções sociais, políticas, históricas e culturais sobre os sentidos atribuídos a diferentes etnias e raças. O artigo constrói-se sob o olhar do livro de Frantz Fanon “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952) que analisa a relação entre a identidade racial e a construção da subjetividade, fala sobre a mistificação das pessoas negras e sobre os reforços de estereótipos que ocorrem a partir de uma visão colonizada, visão esta que assombra a sociedade, levando o sujeito negro a negação de sua própria identidade. Fanon acreditava que deveria ocorrer uma mudança radical na sociedade, para assim mudarmos os olhares colonizados.

Através de uma pesquisa bibliográfica e da análise de casos, buscou-se trazer para a aula uma possibilidade de mudar olhares. Visando a desconstrução de uma visão enraizada na sociedade. Neste ensaio iremos apresentar as principais ideias do artigo de Vitorio (2020), buscando uma explicação com base no que é retratado no livro de Alves e Medeiros (2022), que nos fala sobre transmissão de conhecimento. Na aula se utilizou de recursos como apresentação de *slides*, plataformas digitais e reportagens, como mencionado no plano de aula.

Uma introdução a mudança de olhar

Segundo Nunes (2006), a escravidão negra no Brasil trouxe profundas marcas para a atualidade. O racismo, como um todo, a inferiorização dos corpos negros, a hipersexualização e objetificação. Tendo em mente que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, a autora nos diz que esse fato deixou marcas na sociedade brasileira.

Nesse período, a forma de relação com o escravo é muito clara, pois ele é visto como “peça”, tratado como coisa que tem um proprietário: é alugado, vendido, comprado, entra na contabilidade das fazendas ao lado das cabeças de gado, das ferramentas e outros bens materiais (NUNES, 2006, p.90).

A partir do excerto acima é possível estabelecer uma relação com a visão colonizadora que se estabelece em nosso país. O paradigma da sociedade moderna leva o sujeito negro a não se reconhecer, mas porque isso ocorre? Segundo Vitorio (2020), ocorre pois os sujeitos negros não se encaixam no padrão que é estipulado, em nossa sociedade colonialista, sendo-lhes negados o pertencimento a sua cultura e as suas tradições. Uma sociedade colonialista, nesse caso, seria uma sociedade com visão retrógrada, que não percebe a humanidade dos sujeitos, fazendo com que esta seja desumanizada por essa visão que não reconhece um sujeito como importante para a construção e significação da sociedade.

Sendo assim, perante a sociedade o homem negro não é visto como homem, mas sim como objeto, como um corpo, somente. Dessa forma, não seria impossível que o sujeito negro lançasse sobre si um olhar carregado de objetificação, tendo em mente que a sociedade como um todo lança sobre ele esse olhar. Propagandas, novelas, jornais, livros, todos reforçam esse estereótipo, segundo Vitorio (2020). A pessoa negra é vista como objeto em meio a objetos, sem valor e sem necessidades.

Essa objetificação leva homens e mulheres negras à hipersexualização, reforçando os estereótipos lançados sobre eles. Dessa forma, o homem negro se relaciona a ideia de virilidade, força, agressividade, relacionando o sujeito a “masculinidade tóxica”. Fanon, em seu texto, trata apenas de homens negros, mas Vitorino nos permite ampliar o olhar para as mulheres negras, que sofrem com a mesma objetificação, animalização.

“Descobre sua negridão, suas características étnicas e, pelo discurso colonial alienante, pela linguagem colonialista, novamente sua existência é subordinada a suas referências [...]” (VITORIO, 2020, p.16). Nesse pequeno trecho do artigo podemos resumir bem o que se vem tratando neste ensaio. Os negros acabam por ter que subordinar a sua existência a uma visão que os coloca em posição inferior, em posição de não-ser.

O negro como não-ser

O sujeito negro se encontra na posição de não-ser em nossa sociedade, pois descobre-se como objeto e acaba se entregando ao outro (branco), desejando descobrir o sentido de si e das coisas. Além de ser impossibilitado de entrar em seu sistema de referência, pois tem culturas que diferem das dos colonizadores, para tanto sua cultura e tradições são apagadas.

A partir disso, é possível concluir que todas as construções acerca dos negros foram feitas para a dominação racial, sendo construídas desde o período colonial e prevalecendo até hoje. Assim, tudo que situava o negro foi abolido e lhe impuseram uma visão que vem da Europa, que era considerada a única visão correta.

Se cria uma visão, chamada pelo autor de “mito negro”, que consiste em uma visão com viés colonizador e estereotipada dos negros, fazendo assim com que a subjetividade negra seja apagada em função de uma construção ideológica. Segundo Vitorino (2020) o objetivo de Fanon, com sua escrita, é libertar o negro da visão colonialista, para que se liberte do dilema: **branquear ou desaparecer**. Se constrói uma visão colonizadora do ideal a ser seguido, um modelo, mas esse modelo só se encaixa para os brancos. Aos negros resta o dilema, acima citado, onde é negada a cultura dos povos de origem africana

e lhes é imposto algo que não condiz com a realidade deles. O olhar branco vem com opressão, pois apenas ele se assume como verdadeiro, sendo assim o negro encontra dificuldades na análise do seu corpo, lançando sobre si um olhar em terceira pessoa.

“A busca pelo sentido de vida, do seu corpo revelado à consciência, não é vivida em plenitude exatamente porque o negro não reconhece seu próprio corpo no mundo branco [...]” (VITORIO, 2020, p.22). Como já mencionado, o ideal branco, construído através da visão colonialista, apaga o negro. Deixa com que ele seja afirmado como instrumento, animal, fazendo assim com que corpos e mentes sejam alienados, ou seja, são jogados sobre os sujeitos negros aspectos que não correspondem com as suas existências.

Abordagem do assunto em sala de aula

Este tema foi abordado de maneira em nossa turma através da explicação do texto, depois com um questionário para verificar se todos tinham compreendido o texto, ao fazer a leitura prévia e após a explanação. Posteriormente, foi feita uma roda de conversa com a turma dividida em 10 grupos, os quais receberam uma reportagem, que deveria ser lida, para após, por meio de uma pergunta suleadora, iniciarmos um debate com a turma acerca das reportagens.

Assim, de maneira súpil, mas sem deixar de mostrar a importância do tema, a turma desenvolveu respostas partindo de um questionamento simples para uma discussão mais ampla. Como Para que, como nos explicam Alves e Medeiros (2022), o conhecimento deve ser compartilhado, por todos, independente de idade, raça, religião. Mas como mudar a visão de uma sociedade que tem tão enraizada as marcas do colonialismo? Pois essa é uma luta de todos.

A esperada cidadania após a abolição não aconteceu e, até hoje, é uma luta constante em uma sociedade em que a desigualdade racial é arraigada e as tentativas de apagar a memória da barbárie contra os escravos são permanentes, quer pela eliminação de documentos, quer pela disseminação do mito da democracia racial (NUNES, 2006, p.91).

Acreditamos que a melhor forma de fazer isso é não apagar a memória de tudo que aconteceu com os sujeitos negros ao longo da história. Como o excerto acima nos relata, a nossa sociedade contemporânea tenta apagar os registros da escravidão e, também, dissemina um mito de que temos uma democracia racial. É importante explicar em sala de aula a realidade e não continuar a espalhar a ideia errônea de que vivemos em uma sociedade com igualdade. Para que não tenhamos mais casos como o de Genivaldo de Jesus (2022), morto por pessoas que deveriam defender a população.

Considerações Finais

Portanto, o sistema colonial constrói nas subjetividades negras uma visão colonizada, que não condiz com a sua existência. Tendo em mente tudo que já foi dito, fica fácil compreender como isso tem sido prejudicial para a sociedade como um todo. Partindo do ponto, que é imposta uma visão de mundo que não condiz com a realidade e que não é justa e não manifesta a equidade. Por fim, gostaríamos de sugerir a leitura das reportagens (Crescimento de protagonismo negro na Globo é fruto de pacto com a ONU (2023); Prefeitura de Garanhuns promove a 2ª Semana de Conscientização e Combate ao Racismo (2023); Ministro dos Direitos Humanos defende indicação de mulher negra para vaga no STF (2023); Entidades pedem a Lula indicação inédita de mulher negra para o STF (2023); Público faz comentários racistas e se revolta após trailer do filme *A Pequena Sereia* (2023); Crianças se identificam com a Ariel negra de “*A Pequena Sereia*” (2022); Se o racismo não existe, por que negros ganham 30% a menos do que brancos, na Amazônia Legal? (2022); Deputada indígena Célia Xakriabá denuncia clientes de restaurante em Ouro Preto por racismo (2022); Spike Lee diz que Beyoncé nunca ter ganhado categoria ‘Álbum do Ano’ no Grammy foi “sacanagem” (2023); PF indiciou três policiais rodoviários por morte de Genivaldo de Jesus- referenciadas abaixo) e dos textos (*Raça, Corpo e Existência: uma leitura pós-colonial em Fanon de Vitorio*) (2008) e do livro (*Cultura Infantil de Terreiro: agenciando memória, histórias e narrativas de Alves e Medeiros*) (2022) utilizados como base, para que possas perceber a importância desse tema e, principalmente, a importância de que ele seja abordado nas escolas e universidades.

Esse tema se relaciona com a sociedade a partir do momento que fere a existência de diversas pessoas, que são prejudicadas em detrimento de uma visão que é imposta por uma minoria. Já com a educação e Pedagogia, este tema se relaciona quando temos a oportunidade de, por meio da educação, conscientizar indivíduos a não reproduzir essa visão colonialista.

A partir de uma das reportagens acima citadas, Crianças se identificam com a Ariel negra de “*A Pequena Sereia*”, podemos ver os impactos que o racismo e a visão colonizadora causam nas Infâncias. Que, embora não citadas no artigo de referência, para esse ensaio, e, no livro “*Pele Negra Máscaras Brancas*” (1952) de Fanon, são muito prejudicadas e, temos desde a infância, crianças objetificadas.

Por fim, entendemos que é de extrema importância que se fale mais sobre essa temática, para que possamos nos livrar das amarras do colonialismo e consigamos uma sociedade mais justa.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

Promover reflexão acerca das construções sociais, políticas, históricas e culturais sobre os sentidos atribuídos às diferentes etnias e raças, pensando em como romper o preconceito.

Objetivos Específicos:

Apresentar síntese do texto base e tema da aula;
Traçar conexões do texto base com vivências e as reportagens;
Debater conexões visando a troca de ideias da turma.

Metodologia:

Aula expositiva e realização de uma roda de conversa.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Explicações:	Tempo:
<i>Vídeo introdutório</i>	Apresentação do vídeo de introdução ao conteúdo. “Consciência Negra” (2021).	2 min
<i>Explicação acerca do artigo</i>	Apresentação de slides com explicação sobre o artigo de referência.	8 min
<i>Atividade de avaliação</i>	Atividade para aferir se os/as alunos/alunas haviam realizado a leitura prévia do texto.	10 min
<i>Roda de conversa</i>	Momento para escutar vivências e opiniões dos alunos e alunas sobre o tema. Relacionando o artigo de base e as notícias previamente selecionadas.	30 min

Recursos:

Computador, projetor, apresentação de slides, reportagens impressas.

Avaliação:

A turma será dividida em 10 grupos, a avaliação se dará através do exercício efetuado na plataforma online *Kahoot*, que consiste em um jogo de perguntas e respostas, as alternativas ficam na tela do computador que será projetada e um representante de cada grupo responde pelo celular, a alternativa que o grupo considerar correta, no final a plataforma gera uma classificação, levando em conta as repostas corretas e a agilidade.

Também, será levada em conta a participação no debate acerca da abordagem de temas étnico-raciais, a partir da discussão das reportagens. Onde cada grupo receberá uma reportagem para análise. Após o tempo de reflexão, as responsáveis farão perguntas aos grupos, que deverá trazer as suas observações

associando o artigo de Vitorino (2020) e as reportagens. Em um segundo momento, será aberto para os demais colegas fazerem comentários.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Perguntas e Respostas (Todas estão embasadas no artigo de referência)

Pergunta 1 - O livro “Pele Negras Máscaras Brancas” (1952) que embasa o artigo estudado é escrito por qual autor? Frantz Fanon

Pergunta 2 - O sujeito negro é impossibilitado de ser e é reduzido a um corpo (p.15). Verdadeiro

Pergunta 3 - A dialética do senhor e do escravo não é a alegoria do problema do reconhecimento (p.15). Falso.

Pergunta 4 - Segundo Fanon, o negro desejando descobrir o sentido de si: Se entrega a objetividade e ao outro -branco- (p.17). Verdadeiro.

Pergunta 5 - Aquilo que situa o negro não foi abolido (p.19). Falso.

Pergunta 6 - Em nossa sociedade colonizadora o negro encontra-se na posição de não-ser. (p.21). Verdadeiro.

Pergunta 7 - Quando Fanon diz: “[...] sempre haverá um mundo-branco entre vocês e nós” (FANON, 1952, p. 113) entendemos que: Que o negro não possui o mesmo estatuto que o branco.

Pergunta 8 - Por “mito negro” entendemos que (p.19): A subjetividade negra é apagada para construção de um “ideal” negro.

Pergunta 9 - O objetivo de Fanon é dignidade do sujeito negro em comparação ao sujeito branco (p.21) Verdadeiro.

Pergunta 10 - O negro não reconhece seu próprio corpo em nossa sociedade colonizadora. (p.14) Verdadeiro.

Roda de conversa

Reportagem 1- Crescimento de protagonismo negro na Globo é fruto de pacto com a ONU

Qual o motivo dessa representatividade ter aumentado?

Reportagem 2- Prefeitura de Garanhuns promove a 2ª Semana de Conscientização e Combate ao Racismo

Existe na nossa região algum evento semelhante, fora do dia da consciência negra? Qual a importância disso?

Reportagem 3- Ministro dos Direitos Humanos defende indicação de mulher negra para vaga no STF

Qual a importância de uma mulher negra em um cargo do STF?

Reportagem 4- Entidades pedem a Lula indicação inédita de mulher negra para o STF

Por que foi necessário que as entidades pedissem para o Presidente a indicação de uma mulher negra?

Reportagem 5- Público faz comentários racistas e se revolta após trailer do filme *A Pequena Sereia*

O que provocou essa revolta, gerando esses comentários negativos?

Reportagem 6- Crianças se identificam com a Ariel negra de *'A Pequena Sereia'*
Qual a importância dessa identificação por parte das crianças? O que essa personagem significa para as crianças negras?

Reportagem 7- Se o racismo não existe, por que negros ganham 30% a menos do que brancos, na Amazônia Legal?

Qual o motivo dessa desigualdade?

Reportagem 8- Deputada indígena Célia Xakriabá denuncia clientes de restaurante em Ouro Preto por racismo

Por que ainda ocorrem casos de preconceito racial com os povos originários?

Reportagem 9- Spike Lee diz que Beyoncé nunca ter ganhado categoria 'Álbum do Ano' no Grammy foi "sacanagem"

Por que a grande maioria dos artistas negros não conseguem ganhar esses prêmios?

Reportagem 10- PF indiciou três policiais rodoviários por morte de Genivaldo de Jesus.

Por que condenar esses policiais é tão importante para evitar a repercussão de casos assim?

Referências

ALVES, Míriam Cristiane; MEDEIROS, Rita. **Cultura Infantis de Terreiro:** agenciando memória, histórias e narrativas. Porto Alegre: Rede Unida, 2022. Disponível em: <<https://editora.redeunida.org.br/project/culturas-infantis-de-terreiro-agenciando-memorias-historias-e-narrativas/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

AMIL. **Consciência Negra.** YOUTUBE, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w4HUiWsd-Lg&t=8s&ab_channel=Amil. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2020. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

CRESCIMENTO de protagonismo negro na Globo é fruto de pacto com a ONU. **SPLASH- OUL,** 2023. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/>>

splash/colunas/fefito/2023/02/27/o-que-explica-o-crescimento-de-protagonismo-negro-nas-producoes-da-globo.htm>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

CRIANÇAS se identificam com a Ariel negra de 'A Pequena Sereia'. **Estadão**, 2022. Disponível em: <<https://expresso.estado.com.br/naperifa/criancas-se-identificam-com-a-ariel-negra-de-a-pequena-sereia/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

DEPUTADA indígena Célia Xakriabá denuncia clientes de restaurante em Ouro Preto por racismo. **G1**, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/03/05/deputada-indigena-denuncia-injuria-racial-por-clientes-em-restaurante-de-ouro-preto.ghtml>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LOBREGATTE, Priscila. Entidades pedem a Lula indicação inédita de mulher negra para o STF. **Vermelho**, 2023. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2023/03/10/entidades-pedem-a-lula-indicacao-inedita-de-mulher-negra-para-o-stf/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

MENDES, Lucas. Ministro dos Direitos Humanos defende indicação de mulher negra para vaga no STF. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/ministro-dos-direitos-humanos-defende-indicacao-de-mulher-negra-para-vaga-no-stf/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.)

MOURA, Adriana Ferro; Lima, Maria Glória. A reinvenção da Roda: Roda de Conversa: Um instrumento metodológico possível. **Temas em educação**. João Pessoa, vol. 23, ed. 1, p. 98-106, 2014. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/23ac2587640666ea1799b2197c7b1f00/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>>. Acesso em 10 de mar. de 2023.

NASCIMENTO, Gustavo. Se o racismo não existe, por que negros ganham 30% a menos do que brancos, na Amazônia Legal? **Um só planeta**, 2022. Disponível em: <<https://umsoplaneta.globo.com/opiniao/colunas-e-blogs/o-mundo-que-queremos/post/2022/08/se-o-racismo-nao-existe-por-que-negros-ganham-30percent-a-menos-do-que-brancos-na-amazonia-legal.ghtml>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil**: tentativas de disfarce de uma violência explícita. Dossiê: Psicologia e Ideologia - o Preconceito Racial, São Paulo, vol. 17, ed. 1, p. 89-98. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 14 de abr. de 2023.

OLIVEIRA, Thaís. PF indícia três policiais rodoviários por morte de Genivaldo de Jesus. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/pf-indicia-tres-policiais-rodoviarios-por-morte-de-genivaldo-de-jesus.shtml>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

PREFEITURA de Garanhuns promove a 2ª Semana de Conscientização e

Combate ao Racismo. **Prefeitura de Garanhuns**, 2023. Disponível em: <<https://garanhuns.pe.gov.br/prefeitura-de-garanhuns-promove-a-2a-semana-de-conscientizacao-e-combate-ao-racismo/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

PÚBLICO faz comentários racistas e se revolta após trailer do filme A Pequena Sereia. **Correio**, 2022. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/publico-faz-comentarios-racistas-e-se-revolta-apos-trailer-do-filme-a-pequena-sereia/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

SILVA, Rodrigo. Spike Lee diz que Beyoncé nunca ter ganho categoria 'Álbum do Ano' no Grammy foi "sacanagem". **RapMais**, 2023. Disponível em: <<https://portalrapmais.com/spike-lee-diz-que-beyonce-nao-ganhar-album-do-ano-no-grammy-e-sacanagem/>>. Acesso em: 10 de mar. de 2023.

VITORIO, Rafael Borges da Silva. Raça, Corpo e Existência: uma leitura pós-colonial em Fanon. **Anãnsi: Revista de Filosofia**, v. 1, n. 2, p. 14-26, 30 dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/10170/7392>> Acesso em: 02 de jan. de 2023.

JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Abimael Lobo¹

Gabriela Spiering²

Kethlen Oliveira³

Pedro Freitas⁴

Vitória Zahn⁵

Rodrigo Lemos Soares⁶

Resumo

O objetivo deste ensaio acadêmico é discutir a importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil. Temos como ideia central destacar os principais benefícios que essas atividades proporcionam às crianças. Para a metodologia utilizamos uma revisão bibliográfica relacionada ao tema e os resultados encontrados mostraram que os jogos e brincadeiras contribuem significativamente para o desenvolvimento das habilidades motoras, sociais, emocionais e cognitivas das crianças. Além disso, foi possível verificar que essas atividades promovem a criatividade, a imaginação e a concentração. Concluímos que os jogos e brincadeiras são essenciais na educação infantil, pois promovem um ambiente lúdico e divertido que favorece o aprendizado e o desenvolvimento das crianças. Essas atividades também podem ajudar a reduzir o estresse e a ansiedade, ao mesmo tempo em que promovem a autoestima e a confiança. Por isso, é fundamental que os educadores incentivem a prática de jogos e brincadeiras na educação infantil, proporcionando um ambiente seguro e estimulante para que as crianças possam se desenvolver de forma plena. Ao fazer isso, estaremos contribuindo para a formação de indivíduos saudáveis, felizes e preparados para enfrentar os desafios do mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Educação. Brincadeiras. Ludicidade.

1 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: abimaellobo200@gmail.com.

2 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: gabrielamoreira124@gmail.com.

3 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: kethlen.o.bohm@gmail.com.

4 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: pedroborges_freitas@outlook.com.

5 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: vitoriapezahn@gmail.com.

6 Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação. E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

1. Introdução

O tema tratado no artigo são os jogos e as brincadeiras na educação infantil, bem como sua importância para o desenvolvimento cognitivo e social dos sujeitos. A educação infantil é um período extremamente importante no desenvolvimento das crianças, pois é ela a responsável pela primeira etapa educacional da criança e seu primeiro contato com a escolarização.

Portanto, o objetivo do artigo é trazer como os jogos e as brincadeiras podem ser benéficos neste momento de aprendizagem, tornando o conhecimento lúdico e prazeroso, pois as brincadeiras estimulam o pensamento crítico das crianças, a imaginação e a criatividade. Dessa forma, é possível evitar o estresse e a ansiedade que são gerados durante o processo de aprendizagem e alfabetização.

Para embasar os conhecimentos introduzidos no presente artigo, serão lidos artigos e revistas que enriquecem o conhecimento teórico e buscam trazer com clareza a importância contida nos jogos e brincadeiras durante o período da educação infantil, estes mesmos estarão disponíveis nas referências bibliográficas. Além disso, o artigo apresentará exemplos lúdicos e práticos de brincadeiras e jogos que possam ser desenvolvidos em sala de aula para serem incorporados aos processos de aprendizagem.

Por fim, será tratado também as limitações e os desafios que compõem a efetivação dos jogos e brincadeiras nas escolas e locais não-formais de ensino, bem como dicas e estratégias para superar tais dificuldades e tornar essa prática cada vez mais comum nas escolas e no cotidiano das crianças.

2. Desenvolvimento

As brincadeiras e jogos tradicionais como recursos pedagógicos são indispensáveis, tendo diversas possibilidades e benefícios. Sendo um estímulo à criatividade, imaginação e desenvolvimento cognitivo das crianças, e resgate da memória e cultura popular. Abordando também o papel do professor na efetivação da brincadeira como meio de ensino e aprendizagem.

O contexto da brincadeira e sua complexidade podem estar interligados a milhares de anos. Há referências a brincadeiras e jogos em obras do pintor Pieter Brueghel do século XVI (DIAS, 2013). Segundo Soares (2010), desde a Grécia Antiga, é incentivada a aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos, por considerarem importante a atividade lúdica no processo de formação da criança. Os jogos contribuíram notadamente com aspectos formativos do ser humano, principalmente, a educação infantil. Os objetivos dos jogos eram, além do desenvolvimento corporal, o crescimento moral, auxiliando assim na formação da criança e do jovem. A partir do século XVIII, ganharam força as ideias sobre a

importância do lúdico na educação.

Os jogos e as brincadeiras são, antes de mais nada, atividades lúdicas que cumprem a importante função de desenvolver diversas habilidades: motoras, sociais, emocionais e etc., portanto, podem ser adaptadas a todas faixas etárias. No presente artigo, entretanto, os jogos e as brincadeiras encontram-se dirigidos à educação infantil, visto que estes fazem parte do primeiro contato da criança com a escolarização e é de suma importância que seja feita de modo gradativo e tranquilo a fim de que sejam evitados traumas e estresse que podem ser prejudiciais ao desenvolvimento social e ao aprendizado da criança.

Além desses campos de experiências, que constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, a Base (BRASIL, 2017, p. 40, 41, 42 e 43) procurou organizá-las de modo mais específico nos eixos: “o eu, o outro e o nós”, “corpo, gestos e movimentos”, “traços, sons, cores e formas”, “escuta, fala, pensamento e imaginação”, “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, numa intenção de possibilitar que as crianças “ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano (BARBOSA, CONTI, LEONARDELLI, 2021, p.40).

As regras são indispensáveis independente da brincadeira a ser realizada, sendo de forma verbal, demonstrações corporais ou com o auxílio da escrita e desenho para melhor entendimento. Podemos também utilizar a mediação semiótica¹⁷. Deve-se garantir que as crianças joguem certo (compreendam as regras, objetivos, etc) e que também possam ser autônomas, tendo a liberdade de conversar com algum colega que não está colaborando com a brincadeira.

A memória coletiva é construída por meio da comunicação e da interação social, e é transmitida de geração em geração por meio de diversas maneiras. As brincadeiras tradicionais que vêm dos antepassados se constituem de experiências e costumes dos povos da antiguidade e são transmitidas conforme as tradições, tendo sofrido modificações com o passar dos anos. É uma forma da criança criar, reforçar e ampliar sua identidade cultural, seja de forma individual ou coletiva.

Podem ser inseridas como recurso no processo de ensino. Algumas podem ser adaptadas aos conteúdos do Currículo Programático, pois são muito importantes para o desenvolvimento físico, motor, social e cultural das crianças. Possibilita aos alunos um saber popular, e leva-os a descobrir regras básicas, relacionadas ao meio em que vivem (HUIZINGA, 2000).

Compreendemos que o processo de socialização está presente desde a

7 É baseada na teoria da atividade desenvolvida pelo psicólogo Lev Vygotsky, onde a linguagem e outros sistemas simbólicos são ferramentas que ajudam a compreender melhor o que foi proposto, exemplo: verbal com demonstração corporal.

mais tenra idade, onde, segundo Winnicott⁸, a mãe faz a apresentação do objeto com função de relacionamentos interpessoais, onde o bebê irá perceber que não é apenas a mãe que existe, e a escola tem um papel de suma importância neste processo. Podemos observar como os jogos e brincadeiras auxiliam no desenvolvimento social da criança, devido a necessidade de estar em cooperação com os colegas para desenvolver a atividade proposta.

A Base Nacional Comum Curricular diz em sua proposta sobre Educação Infantil, que são “seis os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que asseguram a aprendizagem da criança na Educação Infantil. Esses espaços são: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se”. Podendo ser uma maneira de auxiliar o professor a inserir conteúdos mais extensos ou de menos interesse. Não se limitando apenas a isso, pois os benefícios são inúmeros⁹.

Os jogos e brincadeiras são estratégias pedagógicas importantes na educação, pois permitem que as crianças desenvolvam habilidades motoras, cognitivas, sociais e afetivas de forma lúdica e prazerosa. A pedagogia se preocupa em selecionar jogos e brincadeiras adequados ao desenvolvimento infantil e ao contexto sociocultural dos alunos, além de utilizar essas atividades como recursos pedagógicos para abordar temas transversais e estimular o pensamento crítico e reflexivo dos alunos.

Isabel Marques (2000), em seu artigo “Como os corpos são abordados nos jogos e brincadeiras?”, destaca que as brincadeiras e jogos são fundamentais na construção do repertório motor das crianças. Ela aponta que, na educação infantil, as atividades lúdicas devem ser valorizadas e incorporadas ao processo educativo, permitindo que as crianças possam experimentar, descobrir e interagir com o mundo de forma ativa e prazerosa. Os jogos e brincadeiras possibilitam o desenvolvimento de habilidades motoras, como a coordenação motora fina e grossa, a noção de espaço e tempo, o equilíbrio, a lateralidade, entre outras.

Historicamente ciências como a Psicologia e a Pedagogia vêm reforçando a ideia de que os jogos e o brincar são importantes instrumentos para a aprendizagem. O jogo (associado a regras) é diferente de brincadeira (associada a liberdade), e mesmo sendo uma competição eles precisam cooperar e se unir, tendo como o exemplo de um jogo de futebol. Importante não é apenas conhecer jogos e aplicá-los, mas essencialmente refletir sobre suas regras e, ao explicitá-las, fazer delas uma ferramenta de afeto e processo de realização do eu pela efetiva descoberta do outro. Como a contação de histórias, jogos de montar, brincadeiras na grama e no parquinho, bola, massinha, jogos de montar, bola, peteca, jogos de tabuleiro, gincanas.

8 Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês influente no campo das teorias das relações objetais e do desenvolvimento psicológico.

9 Consultar 2007 - TCC.12 - Lisânias Cornelia de Souza, p. 26-31 para compreender de maneira mais ampla a relação da brincadeira com educação.

3. Conclusão

O artigo apresenta uma análise relevante sobre a função dos jogos e atividades recreativas no ensino para crianças, destacando a sua habilidade em contribuir para a formação identitária e o aprendizado. De acordo com a pesquisa, essas práticas podem ser utilizadas de forma divertida e benéfica para explorar as diversas dimensões da cultura e patrimônio de uma comunidade.

Os jogos e brincadeiras na educação infantil desempenham uma função significativa em resgatar e valorizar a identidade cultural, pois essas atividades ajudam a promover uma sociedade inclusiva e diversificada, que reconhece e respeita as diferentes culturas e tradições presentes em sua comunidade.

Outra área interessante relacionada ao tema é a gamificação, que consiste em empregar elementos e mecânicas de jogos em diferentes contextos, como forma de engajar e motivar as pessoas a alcançar certos objetivos. A gamificação pode ser usada na educação, por exemplo, para tornar o processo de aprendizagem mais divertido e envolvente, utilizando jogos e desafios para incentivar o aluno a explorar e aprender mais sobre diferentes temas.

O artigo destaca como os jogos e brincadeiras são recursos poderosos para preservar e enaltecer a identidade cultural na educação infantil. É crucial considerar a influência da cultura no desenvolvimento das crianças e como as atividades recreativas podem auxiliar nesse processo. Além disso, outras esferas relacionadas, como a utilização de elementos de jogos, fornecem novas perspectivas e oportunidades para a aplicação dessas estratégias na educação.

PLANO DE AULA

1. Identificação	
Componente curricular:	
1.2 Unidade/ Depart.:	
1.3 Responsável:	
1.4 Aula número:	
1.5 Tempo de aula:	
1.6 Número de discentes:	
1.7 Data:	
1.8 Local/ horário:	
1.9 Conteúdo:	
1.10 Temática da aula:	
1.11 Ementa da aula:	

2. Objetivos:

2.1 *Objetivo Geral:*

- Estabelecer noções sobre a importância do assunto apresentado, a fim de apropriar-se do tema e poder debater com propriedade sobre a proeminência dos jogos e brincadeiras na infância.

2.2 *Objetivos Específicos:*

- Refletir sobre os conteúdos debatidos em aula;
- Analisar as diferentes formas de jogos e Brincadeiras que podem ser inseridas na infância;
- Compreender a importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil.

3. Metodologia:

A aula terá caráter teórico, onde será apresentado em slides os conteúdos planejados.

4. Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo:
1. Introduzir o assunto	Conversa inicial – anamnese.	5 minutos
2. Aportes teóricos	Jogos e brincadeiras na educação infantil como resgate da identidade cultural na infância (2017)	10 minutos
3. Brincadeira e memória coletiva	Atividade prática	10 minutos
4. Brincadeiras tradicionais e desenvolvimento cognitivo	Atividade prática	10 minutos
5. Análise dos resultados e conclusão	Questionamentos sobre a temática	5 minutos
6. Exercício para fixação do conteúdo: O jogo das palavras	Atividade de avaliação e fechamento.	10 minutos

5. Recursos:

Slides, projetor, quadro, canetão, notebook.

6. Avaliação:

Observação do nível de participação e envolvimento na aula através da atividade realizada sobre a brincadeira tradicional: O jogo das palavras.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Será realizado o “Jogo das palavras”, a fim de fixar o conteúdo proposto e promover a interação entre os alunos.

Para desenvolvimento da atividade, será escolhida a palavra “JOGATINA”,

pois ela se refere a um conjunto de jogos ou a uma atividade lúdica que envolve competição, como é o caso do jogo das palavras.

Será solicitado que a turma se divida em dois grupos para a realização da atividade, onde acarretará em uma tentativa para cada grupo de dizer uma letra que contenha na palavra.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.
- LEONARDELI, Poliana Bernabé, Conti, Marcilene., & Barbosa, Valéria. Jogos e brincadeiras na educação infantil como resgate da identidade cultural na infância. **Revista da SBEnBio**, 10(3), 110-120. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/28513/24318> Acesso em: 13 abr. 2023.
- LIRA, Cristina. Winnicott e as vicissitudes da construção do Eu. **Revista Brasileira de Psicanálise**, 38(2), 307-319. 2004. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01092009-135600/publico/AliandraCristinaMesomoLira.pdf>> Acesso em: 13 de abr. de 2023.
- MENEZES, Pedro. **Jogos e brincadeiras**. Toda Matéria, [s.d.]. 2021. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/jogos-e-brincadeiras/>> Acesso em: 13 de abr. de 2023.
- SOUZA, L. C. Brincadeira e educação: contribuições de Vygotsky. In A. M. C. Aragão, L. C. Souza & S. S. Carvalho (Eds.). 2010. **Brincadeira e infância: práticas, culturas e saberes** (pp. 26-31). Rio de Janeiro: Quartet.
- WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Imago Editora. 1983. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/18591/2/Lisantias%20Cornelia%20de%20Souza.pdf>> Acesso em: 13 de abr. de 2023.

EDUCAÇÃO FÍSICA COMO COMPONENTE CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aline Redü¹

Deise Mar Farias Gonçalves²

Isabelle Cristina Tonn³

Luiza Silveira da Silva⁴

Nayane Machado Lima de Melo⁵

Pedro Freitas⁶

Raquel Sanches Dutra⁷

Tânia Raquel Knabach Rodrigues⁸

Rodrigo Lemos Soares⁹

Resumo

O reconhecimento da criança enquanto indivíduo tem como preceito fundamental reconhecer-se em relação ao meio, aos espaços em que está presente e, para tanto, é necessário que ela explore os próprios movimentos, o próprio corpo em ação. Um dos caminhos para essa descoberta está na escola e, em especial, na Educação Física que não só permite que a criança escape do padrão “sala de aula” como também estimula o movimento e o conhecimento e reconhecimento de sua cultura e de outras que não lhe são familiares. O que se pretende demonstrar neste ensaio é esta relação da disciplina com as descobertas e as possibilidades da criança, levando-se em conta o conhecimento que traz para seu meio de convivência, sua comunidade, sua cultura e seus saberes.

Palavras-chave: Pedagogia; Corpo e movimento; Educação Física; Educação Infantil.

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <alineredu79@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <dfariasgoncalves@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <tonncristinaisabelle13@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <luizagremista04@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <naylimamelo@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <pedroborges_freitas@outlook.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <rakellsanxs@gmail.com>.

8 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia. E-mail: <rakelkna@gmail.com>.

9 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação. E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

1. Introdução

Ao longo dos anos o componente curricular Educação Física tem sido usado, e visto, como meio de entretenimento, extensão do recreio e, raramente, lhe é dada a importância devida a toda disciplina em todas as etapas do processo educacional. Os estudos mais recentes, ocorridos nos últimos anos do século XX e nos dois decênios do século XXI tem demonstrado que há uma gama de possibilidades implícitas na prática da Educação Física. As possibilidades são incontáveis, pois vão desde a exploração dos movimentos do próprio corpo até o aprendizado de elementos culturais diversos, danças, jogos e, ainda, a rememoração e redescoberta de elementos ancestrais e do meio que o cerca.

Elementos que estão presentes na sua própria cultura e, muitas das vezes, esquecidos nos lugares mais escondidos da memória popular tais como jogos e brincadeiras, por exemplo.

A partir dessas possibilidades e práticas desenvolvidas na atividade deste componente, também através do estudo de autores que abordam o tema pela prática, deve-se trazer para aula de Educação Física atividades que rememoram a cultura comunitária e trazem elementos culturais e étnicos dos mais diversos, levando em conta a diversidade cultural da sociedade brasileira.

2. Aprendizagens na Educação Física

A criança apropria-se de diversos comportamentos ao longo de sua vida escolar para adaptar-se e interagir no ambiente desconhecido, em um primeiro momento ela chora. O mecanismo, talvez o mais usado para adaptação da criança, mediado pelo(a) professor(a), é a brincadeira. Para entender essas nuances dos alunos é importante pensar a Educação Física como um processo mediado pelo meio que o sujeito está inserido. A medida que o aluno entra em contato com sua cultura da conjuntura em que vive, Ele não será o mesmo.

Na escola atual a Educação Física e a educação como um todo deve ser praticada de maneira crítica voltada ao ensinar e aprender. O professor(a) deverá proporcionar situações, para que o aluno possa formar-se sujeito autônomo, crítico e reflexivo para atuar na sociedade.

Nesse sentido, trazer a cultura do aluno para aula de Educação Física torna a experiência mais significativa, uma vez que não será simplesmente a repetição de movimentos estereotipados. E sim movimentos inseridos no saber cultural do aluno.

2.1 Educação Física: o lúdico, a cultura e as vivências em conexão

O primeiro contato com o ambiente educacional para a criança propicia-lhe o contato não só com outras pessoas, outros profissionais, mas, também, o

contato com a ludicidade utilizada como técnica pedagógica, uma vez que é a primeira forma a ser utilizada para ambientá-la, para integrá-la ao novo meio de convivência. Será neste meio que a criança terá contato com outras culturas, todo um novo universo ainda desconhecido. E é neste meio que se dará, em parte, a evolução e o desenvolvimento social, através de jogos e brincadeiras que, muitas das vezes, são trazidos por ancestralidades de grupos específicos aos quais as crianças não teriam acesso, ou o teriam em parte.

A criança é vista como agente sócio-histórico-cultural (WAJSKOP, 1995), pois interage com o meio por intermédio daquilo que conhece, qual seja, brincar, jogar, pular, correr, agir e interagir no espaço com os meios infantis de que dispõe. E, neste conceito de Wajskob, se encontram também os falares de Magda Soares, 2000, quando sobre a escola diz que:

A escola pública não é, como erroneamente se pretende que seja, uma doação do Estado ao povo; ao contrário, ela é uma progressiva e lenta conquista das camadas populares, em sua luta pela democratização do saber, através da democratização da escola. (SOARES, 2000, p.03).

Pois o conhecimento do aluno também constrói a escola, e vice-versa. O professor, segundo Oliveira (2002), tem papel fundamental no ato de intermediar esse agir das crianças com o meio em que está, agora, inserido, pois o estimula a interagir. Cabe a este propor atividades que proponham desafios corporais, instigando os alunos a se desafiarem e reconhecerem seus limites, até onde seus corpos podem chegar, assim sempre reconhecendo e conhecendo novas formas e jeitos de mover-se, de brincar e de se comunicar corporalmente. E é com esse agir/movimento/jogo que a criança constrói, segundo Leontiev, uma estrutura psíquica complexa, interna desse indivíduo, estrutura esta que se observa o longo do desenvolvimento infantil e, inclusive, ao longo da fase adulta, ou seja, o ser humano permanece em permanente estado de construção e reconstrução.

A partir dessa nova relação consigo a criança, para Vigotsky (1989), passa a desenvolver, por intermédio da vivência, seu mundo intrapsicológico, desenvolvendo relações complexas, e isso ganha força de acordo com o maior número de contato que tenha com uma maior diversidade de meios e situações, ou seja, esses jogos e brincadeiras assumem uma função fundamental no desenvolvimento dessas inter-relações. Ou seja, o “faz de conta”, a imaginação infantil, tem papel fundamental em seu desenvolvimento.

2.2 A inclusão, a cultura e o papel do professor

A zona proximal (VIGOTSKY, 1989) possibilita ao professor mediar essa relação da criança com o mundo real, pois os simulacros por ela criados aproximam do real sem as realidades traumáticas que implicaram em uma

confrontação direta. Por exemplo, ao brincar de queimada a criança vivencia uma espécie de batalha, no dizer de Silva (2005), porém sem que se tenham presentes os traumas inerentes à realidade de um conflito belicoso. Situação semelhante acontece ao se jogar capoeira, por exemplo, pois está presente a disputa, ainda que colaborativa e, agregada a esta situação, vem todo um aspecto cultural, histórico e ancestral que é inerente à prática e, na maioria das vezes, o aluno já teve algum contato com a prática, como no caso estudado pelo autor.

Essas práticas passam, obrigatoriamente, por uma seleção por parte do professor dos conteúdos e temas a serem trabalhados (dança, ginástica, jogos e brincadeiras, capoeira, etc.), sempre levando em conta a cultura, o meio no qual a criança está inserida, pois há de se possibilitar não somente a criação destes recursos de desenvolvimentos intelectual, psíquico, pedagógico e cultural, como também incluir a todos. Deve dar às crianças a possibilidade de convivência e compreensão da diferença, sejam elas físicas, intelectuais e/ou culturais, compreendendo que há diversidade e isso é um sinal de progresso, uma condição fundamental para a existência do ser humano. Também é importante ressaltar que as opções não são taxativas, exemplificativas, pois a variedade dessas possibilidades, levando-se em conta a pluralidade e diversidade cultural brasileira, é infinita.

Não menos importante é o papel da avaliação, ainda que os métodos estejam ainda atrelados às provas e métodos que apenas quantificam o aprendizado ao invés de qualificá-lo. O desempenho do aluno não deve estar ligado ao *fazer perfeito*, mas, sim, ao interagir, ao relacionar-se, ao agregar saber a si e ao grupo. Também há de ser contemplada a possibilidade de avaliação e reavaliação da ação pedagógica do professor, se os meios por este utilizados estão cumprindo a função de agregar o(s) aluno(s) com o meio em que, agora, está presente.

3. Conclusão

O papel do professor muda ao longo que o conhecimento do ser repleto de possibilidades e aberto à todo e qualquer aprendizado, desprovido, muitas das vezes, dos preconceitos e certezas que o convívio em sociedade nos impõe e que, muitas das vezes, trazem de casa, mas abertos às novidades, às novas práticas, brincadeiras e convívios como diferente que é a criança. Desta forma o papel do professor de educação física, e do componente curricular de mesmo nome, uma vez que se constitui em um ator educacional que lida com o interagir do aluno com o grupo e com os demais de forma lúdica e propiciando-lhe uma mobilidade, uma liberdade que o modelo educacional, ultrapassado, de mesa e cadeira não permite, ou inibe, é preponderante no desenvolvimento da relação do eu educando com seus pares, com as diferenças inerentes ao convívio em sociedade.

Segundo os autores citados no estudo fica evidente que a Educação Física

na Educação Infantil é essencial no desenvolvimento e na formação social do educando. O brincar sendo um mecanismo de adaptação e desenvolvimento infantil, usada pelos adultos e professores com embasamento teórico para o seu adiantamento social e física. Devemos lembrar que os alunos chegam a metas pessoais e aprendem para além do nosso planejamento. Sendo assim o brincar passa a ser um mecanismo intrínseco do educando e aberto a diversos estágios e intervenções. Vê-se claramente que os dizeres de Paulo Freire (1987, p.78) “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo [...]” aplica-se a toda e qualquer disciplina ou faixa etária.

Compreender o papel da educação física na educação infantil, o papel do pedagogo, os meios, o porquê, o para quê e para quem, é o que nos leva a buscar conhecimentos necessários para que este trabalho seja feito com maior empenho possível. Entendendo o corpo e suas habilidades motoras.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

Auxiliar a capacidade de reflexão pedagógica do discente, com base na vivência e identificação dos conhecimentos da cultura corporal, tomando por base seu acervo lúdico, seus valores, suas necessidades e seus interesses.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer os conhecimentos já construídos pelo aluno, ampliando-os com novas experiências;
- Conhecer diferentes situações didáticas que favoreçam a emergência do pensamento imaginativo e do “faz de conta” no uso diversificado do espaço e dos materiais disponíveis;
- Contribuir para a construção de noções acerca da funcionalidade das regras como elaborações que orientem as relações sociais.

Metodologia:

Aula expositiva, com apresentação de slides;
Experimentação corporal.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Aula expositiva, com discussão do texto e atividades corporais:
Espelho; Estátua com relatos da professora da área, Nayane Lima.

Recursos:

Data show; Notebook.

Avaliação:

A avaliação será realizada de acordo com a participação dos alunos ao fim da exposição dos pontos do texto.

Serão respondidas as dúvidas e a partir da qualidade dos questionamentos será possível saber se leram o texto.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Atividades corporais: Espelho

Regras: A atividade será realizada em duplas, a pós os alunos escolherem suas duplas eles ficarão um de frente para o outro. Onde um será o espelho e o outro fará os movimentos, o espelho deve reproduzir os movimentos exatamente igual e nos níveis de velocidade e alturas iguais ao colega que está reproduzindo.

A atividade trabalha o foco, e a percepção corporal de lateralidade e exploração dos movimentos corporais.

Essa atividade será cooperativa.

Atividades corporais: Estátua

Regras: A atividade será realizada com os alunos caminhando pelo espaço enquanto toca uma música, focando em não deixar os espaços vazios, quando a música parar os alunos devem fazer poses (estátuas), seguindo o comando dos níveis alto, médio e baixo sendo individual ou em grupos. A atividade trabalha a atenção, percepção do espaço, exploração de movimentação corporal dependendo do nível de comando.

Nessa atividade quem se mexe antes do retorno da música perde a brincadeira.

O vencedor é o que conseguir manter sua pose (estátua) por mais tempo.

Referências

BASEI, Andreia. **Os processos de ensino e aprendizagem na Educação Física escolar: possibilidades, necessidades e desafios na construção de um conhecimento crítico e reflexivo.** REVISTA DIGITAL, Buenos Aires - 13 - N°122 - julho de 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96.** Brasília: Senado Federal, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

LEONTIEV, Lev Semenovich. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ed. Ícone, 1988.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Eduardo Jorge Sousa Da. **Educação Física como Componente Cur-**

ricular na Educação Infantil: Elementos para uma Proposta de Ensino. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 127-142, maio 2005.

SILVA, Eduardo. A Educação Física como componente curricular na Educação Infantil: Elementos para uma proposta de ensino. **REV. BRAS. CIENC. ESPORTE**, CAMPINAS. Campinas, v.26, n. 3, p.127-142, maio 2005.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: Uma perspectiva Social**. São Paulo. Ed. Ática. 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dérik Camargo Fernandes¹

Elise Ávila Rodrigues da Silva²

Mariana Barros da Silva³

Marthina Souza da Silva⁴

Valéria dos Santos Pereira⁵

Nayane Machado Lima de Melo⁶

Rodrigo Lemos soares⁷

Resumo

Este ensaio acadêmico refere-se à Educação Física na Educação Infantil e como ela pode ser trabalhada de forma que ajude os alunos em sua trajetória escolar e em seu desenvolvimento psicológico e motor além de oportunizar o trabalho em equipe, socialização e colaboração entre os alunos. A Educação Física pode ser utilizada para diversas finalidades como, por exemplo, desenvolver a motricidade, raciocínio lógico, socialização, cooperação, inclusão, potencializar a aprendizagem em outras disciplinas, imaginação, criatividade e etc. O professor deve sempre se atualizar e pesquisar maneiras de trabalhar as atividades de forma que cada aluno seja beneficiado e tenha um bom aprendizado e desempenho, tendo como principal objetivo, a inclusão e a inserção de todos os alunos nas brincadeiras e atividades propostas em sala de aula e a sua evolução dentro e fora de sala de aula.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Infantil. Desenvolvimento. Aprendizagem.

1 Universidade Norte do Paraná – Pedagogia – E-mail: <camargoderik24@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <eliseavila@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <marianabs297@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <marthinasilva03@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <pereiraalerial@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <naylimamelo@gmail.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo sistematizar os elementos de uma proposta de Educação Física cujo foco seja a criança, entendida como sujeito inserido no mundo sócio-histórico e cultural humano, baseado nas teorias de Vygotsky que busca superar a abordagem naturalizam-te da criança, podemos assim entendê-la como produtora de história e não apenas como produto, alguém que possua um papel na sociedade e que a modifique conforme sua atuação no meio em que vive.

A Educação Física na Educação Infantil abrange o desenvolvimento físico e psicológico das crianças, melhorando suas habilidades motoras, emocionais e cognitivas. É de extrema importância nessa fase, pois ela amplia suas experiências através da atividade física como descobrir seus limites corpóreos, a se expressar e se relacionar com o outro. As atividades propostas são muito importantes para estimular a imaginação e ensinar o respeito às regras. O professor é responsável pelo incentivo aos alunos para que eles melhorem suas relações sociais e esses conhecimentos ajudam a lidar com as situações estressantes relacionadas com as atividades físicas, aprendem a lidar com as vitórias e derrotas sempre incentivando a competitividade sadia.

O estudo intitulado *Association between physical education, school-based physical activity, and academic performance*, publicado em 2017, realizou uma pesquisa de investigação com 12 trabalhos para identificar os benefícios da Educação Física para a aprendizagem de outras matérias. A pesquisa constatou que as crianças que se dão bem nas práticas de exercícios aprendem com maior facilidade os conteúdos de outras disciplinas. As atividades trabalham o emocional, ajudam a melhorar situações conflitantes e compartilhar experiências necessárias para o desenvolvimento do caráter do indivíduo. No Brasil, também foi realizado o estudo *Escola, Movimento e Esporte: Cenário de Desenvolvimento Humano Integral*, feito pelo Instituto Península no ano de 2019, o resultado foi o mesmo, apontando que em escolas onde a prática de exercícios físicos é mais desenvolvida o avanço das crianças com relação a aquisição de conhecimento é melhor alcançado.

O papel educacional da Educação Física na Educação Infantil

A Educação Física na Educação Infantil possui papel fundamental no que tange o desenvolvimento da criança em seus vários aspectos como o social, intelectual, motor, criativo etc. Propor atividades que façam as crianças explorarem sua criatividade e o seu corpo auxilia em sua compreensão sobre o espaço em que está inserida, ela pode trabalhar a sua motricidade enquanto realiza a atividade além de fazer com que ela possa interagir com os demais colegas e

troque experiências.

É importante que o professor(a) da Educação Infantil conheça as atividades e para qual fim realmente servem, evidenciando aspectos históricos e trazendo isso para as crianças em sua didática.

Temos como foco para uma proposta de Educação física na Educação Infantil, crianças de 0 a 6 anos de idade, num enfoque sociocultural, com base em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem, articulados ao seu comportamento lúdico. Sobre a utilização de jogos e brincadeiras com as crianças HONORA (2016) afirma que:

Os Muitos estudiosos vêm se debruçando sobre o tema jogos e brincadeiras como forma de aprimorar o entendimento de como uma criança se organiza e qual sua melhor forma de aprender. Independente de com qual teórico nos identificamos, é importante observarmos que todos eles trazem algo em comum a todas as teorias: é por meio das atividades lúdicas que as crianças se desenvolvem, seja no aspecto cognitivo, seja na socialização, seja no raciocínio lógico. Com os jogos e as brincadeiras, os pequenos estimulam sua criatividade, a capacidade de análise e síntese, de interpretação, entre outras tantas funções que contribuem para o seu desenvolvimento global (HONORA, 2016, p.13).

Tantas são as possibilidades de aprendizagem nesta área: Danças em diferentes ritmos, brincadeiras populares, lutas, ginástica, atividades rítmicas e expressivas, alongamento corporal, meditação, etc. Assim, devemos organizar a capacidade de reflexão psicológica da criança, com base nas experiências, na identificação dos conhecimentos e da corporeidade, tomando por base seu acervo lúdico, seus valores, necessidades e interesses. A imaginação também é algo a ser trabalhado, as funções de criar e recriar imaginariamente a realidade são possivelmente uma das chaves para se compreender o papel pedagógico do jogo e da brincadeira, pois tudo dependerá do momento, do jogo, da brincadeira em si, da quantidade de crianças no momento do brinquedo etc. Ao professor, cabe a tarefa de possibilitar à criança a elaboração de mecanismos psicológicos, de representação mental e de simbolização vinculados ao mundo natural, cultural e social e os seus significados. Isso permitirá à criança entender progressivamente seu papel neste mundo, apropriando-se de sua dinâmica, de seus valores e da funcionalidade das regras constituídas por eles mesmos em brincar.

Para que tenhamos êxito nesta proposta, devemos sempre levar em conta as condições do local, os materiais disponíveis e a estrutura escolar. Nas relações pedagógicas, compreenderemos o comportamento lúdico infantil, equilíbrio, coordenação, cooperação, a lateralidade, a imaginação de forma livre e espontânea, o desenvolvimento nos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, proporcionando uma evolução nas habilidades motoras, emocionais e

cognitivas; e possibilitando aos alunos uma visão de superação e a sua inserção nas relações socioculturais, de uma forma geral.

A Ed. Física se relaciona com a sociedade, pois amplia e desenvolve o pensamento crítico e moral, valores éticos para melhor convivência com o próximo e aprende a respeitar as diferenças, formando uma consciência solidária. Aprende habilidades físicas e sociais necessárias para manter a saúde contribuindo na redução de doenças psicológicas como estresse, ansiedade e depressão, promovendo bem estar físico e mental das crianças, além de melhorar suas relações de cooperação e solidariedade com os colegas.

A Ed. Física relaciona-se com a Pedagogia, principalmente no processo educativo, pois ambas têm metodologias semelhantes no desenvolvimento dos indivíduos, contribuindo para a educação em geral. A Ed. Física Infantil têm grande influência de concepções pedagógicas, tendo como objetivo principal que o professor faça um planejamento que contemple as normas da BNCC, que seja diversificado e que organize propostas de aprendizagem que desenvolvam de forma significativa e satisfatória, atendendo as necessidades individuais e coletivas das crianças.

No que concerne à educação infantil, a educação física possui a expressão corporal como objeto de estudo, entendida como uma forma de linguagem social e historicamente construída. Sendo assim, ela trata pedagogicamente dentro da escola, as construções sociais que se expressam corporalmente, ou seja, os jogos, as brincadeiras, os esportes, entre outros. Dessa forma, a função social e educativa da disciplina, como área de conhecimento, torna-se consistente na medida em que orienta uma ação pedagógica objetivada a ampliar a reflexão pedagógica da criança, contribuindo para que a organização do seu pensamento se constitua de forma cada vez mais complexa e desenvolvida.

O movimento humano, como ação natural do nosso corpo é fundamental quando se trata de educação física, visto que para as crianças, os desafios colocados por seu ambiente natural e social são vivenciados com uma totalidade, em que, subjetivamente e objetivamente, emoções e imaginação misturam-se e constituem-se concretamente pela via do contato e da expressão corporal, que materializam sua ação enquanto atividade orientada a objetivos, é por essa via que ela experimenta, pega, corre, pula, dança, assume papéis sociais, estabelece vínculos afetivos, assimila e reconstrói seu ambiente sócio-histórico para aprender e desenvolver-se.

As infâncias, por meio da educação infantil, usufruem da temática proposta, de modo que a educação física enfatiza a criança como foco principal do tema, sendo entendida como sujeito inserido no mundo sócio-histórico e cultural humano. À vista disso, esse espaço torna-se fundamental para a construção

de novos conhecimentos, o que permite a interação da criança com outras pessoas e objetos socioculturais.

Ainda, vale ressaltar, que a temática da educação infantil não está relacionada somente ao desenvolvimento corporal, visto que, além disso, contribui para a construção de noções acerca da funcionalidade das regras como elaborações que orientam as relações sociais, bem como propicia diferentes situações didáticas que favorecem a emergência do pensamento imaginativo, no uso diversificado do espaço e dos materiais disponíveis.

Educação Física Inclusiva

Ao trabalharmos com a Ed. Física é importante abranger atividades inclusivas para alunos que possuam alguma deficiência, seja ela física ou intelectual. É importante que, como educadores, estejamos sempre preparados para atuar em cenários onde existam crianças com cegueira, surdas ou com deficiência motora fazendo com que seja necessário adaptar as brincadeiras e atividades propostas para que todos possam participar e não haja exclusão, sempre procurando promover a interação entre todos os alunos e o desenvolvimento dos mesmos.

Inclusão diz respeito ao complexo, mas inescapável, desafio de redimensionar modos de fazer com todos. Assim, mais do que abordar a escola na cidade é fundamental abordar a escola com a cidade. Inclusão é palavra-chave para que a educação escolar seja repensada e inserida no conjunto dos grandes desafios que a humanidade enfrenta, comparável às demandas de ordem ambiental com suas urgências. Essas demandas exigem enfrentamento concreto e efetivo, o que torna imprescindível modificar processos, modos de fazer e, em relação a aspectos mais alarmantes (tal como se debate o aquecimento global, por exemplo), reconhecer também o âmbito educacional que reivindica Educação Inclusiva significa acolher a intenção de modificar estruturas, não adaptar/ incrementar pessoas (FREITAS, 2022, p.48-49).

É essencial desenvolver uma proposta pedagógica que atenda as necessidades individuais de cada aluno visando uma interação do aluno em questão para com os demais e dos demais para com ele. A adaptação das atividades é algo passível e os recursos são diversos, tanto as brincadeiras quanto os jogos podem ser feitos de forma com que todos possam participar de forma igual.

Além de estimular a interação entre os alunos, as crianças irão perceber que o dito diferente também é normal e todos podem aprender e se desenvolver juntos, além disso, eles levarão este olhar sensível e inclusivo para sua vida fora da escola tornando-os assim adultos que saberão lidar com as diferenças sem fazer distinções e cometer discriminação.

Conforme dito por Mantoan (2015, p.35) “[...] as ações educacionais têm

como eixos o convívio com a diferença e a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla sua subjetividade embora construída no coletivo das salas de aula”. Tendo esta afirmação em vista, podemos destacar que o educador deve se atentar às necessidades especiais visto que, este trabalho é de grande valia, não somente para a inclusão, como também para possibilitar aos alunos uma melhor qualidade de vida para que suas limitações não sejam um obstáculo ou empecilho para a participação nas atividades propostas na escola ou fora dela.

Considerações

Em virtude dos fatos mencionados, e com o objetivo de discutir como a educação física interfere na educação infantil, o presente ensaio acadêmico buscou discutir os benefícios da prática esportiva não apenas como algo benéfico ao corpo, mas, como também, em questões relacionadas ao desenvolvimento integral da criança.

À face do exposto, torna-se cada vez mais essencial o papel do educador como mediador desse processo, visto que o seu trabalho deve ser realizado de forma intencional, em que aspectos como imaginação, concentração, sociabilidade, desenvolvimento de habilidades sejam trabalhados em sala de aula, afim de que a aprendizagem seja exercida de forma benéfica.

Além disso, questões como o lugar para exercer a prática, bem como limitações e facilidades dos alunos devem ser levadas em conta, para que se estabeleça uma relação de confiança entre professor e aluno. Nesse ínterim, manter o diálogo é um dos pontos fundamentais de toda e qualquer prática, para que o educador conheça mais os educandos, e para que as atividades propostas se tornem momentos prazerosos e positivos.

Assim, compete ressaltar, a importância da educação física no que se refere ao caráter social, visto que a sua dinâmica, além de oferecer uma qualidade de vida maior aos seus praticantes, estabelece relações entre os sujeitos de maneira cooperativa e abrangente, como também possui um papel fundamental na formação dos mesmos, colocando-os como protagonistas dessa prática, e de todos os benefícios que dela advém.

Por fim, pode-se entender que ao trabalhar essa temática em sala de aula, a ação pedagógica precisa estar presente, afim de que todas as necessidades da criança sejam contempladas, de modo que a sua aprendizagem aconteça de forma ampla e significativa, com o professor tendo sempre um olhar atento às atividades que priorizem a inclusão.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Tendo por base a temática Educação física na Educação Infantil, nosso objetivo é trabalhar a importância da Educação física para o desenvolvimento da criança, a sua relação com brinquedos, jogos e o seu corpo, desconstruindo a ideia que essa prática é realizada sem intencionalidade.

Objetivos Específicos:

- Fazer uma reflexão com os alunos sobre a importância da brincadeira e como levá-la para o espaço escolar de forma que os alunos se sintam a vontade e aprendam a socializar com os demais;
- Realizar a atividade de perguntas e respostas abordando os aspectos principais do tema;
- Realizar atividades práticas demonstrando brincadeiras para a Educação Física Inclusiva.

Metodologia:

Aula expositiva, teórica e dinâmica sobre o tema em questão, desenvolvimento de atividades para avaliar a compreensão dos participantes, promover um momento de interação realizando brincadeiras para a Educação Física Inclusiva, para encerrar, esclarecer dúvidas.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Metodologia	Tempo:
<i>Apresentação dos Slides</i>	Foram apresentados Slides para auxiliar na explicação teórica sobre a prática da Educação Física, seus benefícios e como executá-la na escola de forma que todos os alunos possam participar e desenvolver a cooperação, o trabalho em grupo, a inclusão e a criatividade.	15 min.
<i>Atividade Avaliativa</i>	Foi proposta uma atividade para a discussão de diferentes perguntas sobre os temas abordados na aula. A turma foi dividida em quatro grupos com o intuito de cada grupo formular a resposta de uma pergunta que foi dada e após o término do tempo de 5min iniciou-se uma conversa entre todos para discutirmos as respostas.	15min.
<i>Dinâmica: Educação Física Inclusiva</i>	Propomos à turma a realização de três brincadeiras abordando o tema Educação Física Inclusiva. As brincadeiras tiveram adaptação para alunos com cegueira, deficientes físicos e surdos.	10 min

Recursos:

Computador, projetor, apresentação de slides, folha de ofício, bola com guizo, bacia, jarra, bolinhas pequenas, cadeiras e faixa para os olhos.

Avaliação:

A turma será dividida em quatro grupos e cada grupo irá sortear uma pergunta para responder e debater.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

- 1) Quais os principais objetivos que o professor deve ter ao trabalhar a Educação Física na Educação Infantil?
- 2) Descreva a importância da Educação Física na Educação Infantil e como fazer com que a criança se sinta acolhida e integrada no ambiente escolar.
- 3) Por que utilizar o conceito de “Zona de Desenvolvimento Proximal” na avaliação?
- 4) Qual a importância do brinquedo e do jogo para o desenvolvimento escolar da criança?

Gabarito:

- 1) Os objetivos devem ser o desenvolvimento da motricidade da criança, por meio de um planejamento que atenda seus interesses e suas necessidades, buscando harmonia e socialização entre as crianças com a utilização de atividades lúdicas que possibilitem a evolução de uma consciência corporal, de espaço e de tempo.
- 2) A Educação Física na Educação Infantil é fundamental, pois potencializa o desenvolvimento das habilidades motoras, o reflexo, a coordenação, o equilíbrio e a postura corporal, trazendo benefícios para a saúde da criança. Sua importância também está relacionada a promover a criança o sentimento de pertencimento, ela se vê acolhida no ambiente escolar em que está inserida, a utilização de dinâmicas, jogos e brinquedos auxiliam na interação entre as crianças e elas podem se reconhecer e conhecer uns aos outros.
- 3) O conceito de “Zona de Desenvolvimento Proximal” tem como objetivo aproveitar o potencial de cada criança, olhando sempre para o seu progresso.
- 4) Através do brinquedo e do jogo, a criança tem a oportunidade de desenvolver a sua autoconfiança, linguagem, concentração, atenção, criatividade, imaginação e também promove a inclusão entre os alunos.

Dinâmica:

Barata assustada (com adaptação para aluno com cegueira):

- 1- Em pé, todos os alunos formam uma roda, e um deles segura a bola. É importante para o aluno com cegueira identificar, antes do início da atividade, qual colega está à sua direita e qual está à sua esquerda.
- 2- Ao ouvir o apito, o aluno que tem a bola com guizo deverá passá-la

rapidamente para quem está ao seu lado, direito ou esquerdo, e ela continuará sendo repassada pelos demais na mesma direção que começou.

- 3- Ao próximo sinal, a direção da bola é mudada imediatamente. Assim, se estava indo para a direita, deverá ir para a esquerda e vice-versa.
- 4- Se, ao ouvir o sinal, o aluno que estiver com a bola não mudar a direção, deverá sair da roda e aguardar sentado o final da brincadeira.
- 5- Serão os vencedores os dois últimos participantes que ficarem na roda.

Variação: Para o aluno com cegueira perceber que a bola está chegando perto, cada um pode falar o próprio nome no momento que a receber. Assim, o aluno com cegueira reconhecerá a aproximação da bola.

Moeda ao centro (com adaptação para aluno com deficiência física):

- 1 - Posicionar os alunos em círculo, sentados ao redor de uma bacia com água. Dentro dela, colocar um recipiente plástico também cheio de água.
- 2- Distribuir bolinhas de gude aos alunos.
- 3- Ao sinal predeterminado, ainda sentados, os alunos deverão lançar as bolinhas em direção ao alvo.
- 4- As bolinhas que não caírem dentro dos recipientes deverão serem pegas pelos alunos para serem arremessadas de novo.
- 5- As bolinhas que caírem dentro da bacia valerão um ponto, aquelas que caírem dentro dos recipientes plásticos valerão dois pontos.
- 6- A brincadeira terminará quando acabarem todas as bolinhas.
- 7- Marcar os pontos com a ajuda dos alunos.

Variação: Pode ser definido um tempo para a realização da atividade, de modo que vários grupos disputem entre si pela maior pontuação.

Jogo das estátuas (com adaptação para aluno com surdez):

- 1- Todos os alunos ficam em pé, sobre uma linha traçada no chão.
- 2- Um aluno deverá ficar a aproximadamente 12 metros de distância, de frente para os demais. Ele será o mandante.
- 3- Deverá ser colocado próximo a ele um objeto, como um apagador, um apontador ou giz.
- 4- Assim que virem o sinal feito com a bandeira, todos os alunos deverão sair andando da linha onde estão em direção ao aluno que está de costas. Este começa a contar até cinco, em voz alta e acompanhado com os sinais em Libras.
- 5- Ao final da contagem, todos devem ficar imóveis como estátua.
- 6- Se o mandante perceber que alguma criança está se mexendo, deverá indicá-la, para que ela volte à linha de largada e aguarde a nova contagem.
- 7- Após um minuto, a contagem é reiniciada

- 8- O objetivo é que um dos alunos consiga pegar o objeto que está ao lado do mandante.
- 9- A brincadeira deverá continuar até os alunos perderem o interesse ou todos participarem como mandantes.

Referências

BRAGA, Fernando et al. Educação Física Escolar: elementos que devem ser lembrados na elaboração e planejamento das aulas. **Revista digital**, Buenos Aires, nº 128, jan 2009. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd128/educacao-fisica-escolar-elementos-que-devem-ser-lembrados/>>. Acesso em: 17 de abr. de 2023.

FREITAS, Marcos Cezar de. **Deficiências e diversidades: educação inclusiva e o chão da escola**/ Marcos Cezar de Freitas. – São Paulo: Cortez Editora, 2022.

HONORA, Márcia. **100 jogos para se divertir**/ Márcia Honora, Mary Lopes Esteves Frizanco; ilustração Sérgio Severo. -1. ed. – Barueri: Ciranda Cultural, 2016. 240p.

IMPULSIONA. **Como trabalhar a educação física no ensino infantil**. Impulsiona, 2019. Disponível em: <<https://impulsiona.org.br/educacao-fisica-ensino-infantil/>>. Acesso em: 17 de abr. de 2023.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** / Maria Tereza Eglér Montoan. – São Paulo: Summus, 2015. 96p.

MARQUES Adilson, Francisco Gómez, João Martins, Ricardo Catunda, Hugo Sarmento. **Association between physical education, school-based physical activity, and academic performance**. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5841391>>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

PENÍNSULA Instituto. **Escola, Movimento e Esporte: Cenário de Desenvolvimento Humano Integral**. Disponível em: <<https://www.institutopeninsula.org.br/pratica-esportiva-nas-escolas-esta-associada-a-melhora-no-desempenho-no-ideb/>>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

SILVA, Eduardo Jorge Souza. **A educação física como componente curricular na educação infantil: Elementos para uma proposta de ensino**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 3, p. 127-142, maio 2005. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/164/173>>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

UNIBRASIL. **A importância da Educação Física na educação infantil**. Unibrasil, 2020. Disponível em: <<https://www.unibrasil.com.br/a-importancia-da-educacao-fisica-na-educacao-infantil/>>. Acesso em: 17 de abr. de 2023.

CORPO-ÁRVORE: DANÇA E TEATRO NO DESENVOLVIMENTO DA CORPOREIDADE

Daniele Thomasini¹

Elize Torbes²

Maria Laura Roman³

Renata Nogueira Andrade⁴

Rodrigo Lemos Soares⁵

Resumo

O presente ensaio acadêmico traz o desenvolvimento de uma atividade pedagógica planejada a partir do tema “Jogos Expressivos: Dança e Teatro”, dentro do componente curricular “Corpo e Movimento nas Infâncias I” do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. Partindo da importância da expressão artística como auxiliadora no aprendizado, pensou-se em uma prática corporal, vinda de saberes populares, com a ideia de um corpo-árvore para trabalhar a expressividade a partir de uma conexão mais profunda consigo e com o ambiente natural. Este trabalho traz a reflexão do quanto fundamental é educar de forma não mecanizada e oportunizar o corpo de ir além dos movimentos que a sociedade contemporânea condiciona. Atividades que trabalham movimentos corporais relacionados aos elementos da natureza, tornam o processo de desmecanização dos corpos mais fluido e conectado a um propósito de reconexão com o orgânico.

Palavras-Chave: Corpo. Movimento. Corpo-árvore. Expressão. Prática corporal.

1 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <daniele.thomasini@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <elizetorbes@hotmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <marialauradias.ufpel@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas - Pedagogia – E-mail: <andradecontatorenata@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

Introdução

Pensando na importância da arte como auxiliadora no desenvolvimento pessoal, na sensibilidade, na percepção corporal e na externalização de emoções e sensações, o trabalho pedagógico deve ser elaborado a partir de atividades que permitam às crianças vivenciar situações reais e concretas, construindo sua própria compreensão de mundo. Isto pode ser desenvolvido também através do teatro e da dança, onde os indivíduos têm a oportunidade de se expressar e, de explorar diferentes papéis e perspectivas. Tanto o teatro quanto a dança, podem ajudar as pessoas a se conectar com seus corpos e suas emoções, sendo relevantes na quebra da falsa ideia de que o artístico não é uma prática dependente de um roteiro ou uma coreografia estruturada, como apresentou Fernandes (2012):

Neste contexto, a dança-teatro não é apenas a somatória de várias artes, nem apenas o rompimento de suas fronteiras, mas a descoberta de que a dança está presente em todas as formas de arte e na vida, enquanto lei energética e relacional fundamental da matéria, em ebulição e repouso, tensão e relaxamento, ondulação, contraste, motivação (FERNANDES, 2012, p.78).

Deste modo, compreendendo a importância de proporcionar experiências sensíveis através de atividades artísticas, que visem o desenvolvimento do aprendizado, pensou-se em uma proposta pedagógica, que parte da ideia abstrata de uma árvore, baseando-se fundamentalmente na união das teorias de Garanhani e nos saberes populares para construir uma atividade na qual a criança elabore uma imagem, e para representá-la é preciso, antes, conhecer e estabelecer relações corporais com o objeto e/ou a situação que será representada (GARANHANI, 2012). A imagem abstrata da árvore é utilizada como ponto de partida para explorar a imaginação dos alunos, possibilitando a criação de uma coreografia que represente o crescimento e a transformação da árvore. Através dessa atividade, os alunos têm a oportunidade de explorar seus corpos e o espaço, conectar-se consigo e expressar suas emoções de maneira lúdica e criativa. A proposta visa à desmecanização do corpo, contribuindo para a formação de pessoas mais sensíveis e com maior capacidade de se manifestar com empoderamento na vida.

Trabalhar práticas subjetivas é de suma importância na desenvoltura dos corpos, pois ajuda a lembrar e compreender que não somos uma máquina, e sim, um ser vivo complexo e com singularidades admiráveis. Por isso a necessidade de elaborar tarefas que estimulem o vínculo interno e externo, em âmbitos de dimensão emocional, subjetiva e espiritual, abrindo espaço para a criatividade e a autotransformação.

Corpo e Movimento

Os corpos são marcadores indispensáveis para se analisar uma sociedade, é a partir deles que exploramos o mundo. Sendo assim, a primeira percepção do que o contexto pode oferecer é construída por meio das potencialidades que o corpo permite. Antes mesmo de pensarmos sobre refletir algo, os sentidos são ativados para receber informações. Chamam isso de esquema corporal, proposto por Almeida e Passini (2015), que seria a base cognitiva dedicada à exploração do espaço, por intermédio das funções motoras e da assimilação do imediato. Esse esquema é o início do desenvolvimento cognitivo, e é de responsabilidade da escola proporcionar a ampliação deste, criando oportunidades para aquele corpo ir além dos movimentos que a contemporaneidade prevê que se condicione.

As movimentações corporais foram se tornando cada vez mais rígidas e mecanizadas à medida que a ideologia do capital crescia e se consolidava, transpassando a realidade escolar e fazendo de gerações futuras, adultos enferrujados e limitados. Ao retomar a importância da expressão corporal na construção de identidade dos indivíduos, Garanhani (2001-2002, p.116) aponta dentro de um de seus três eixos que a movimentação do corpo deve estar aliada a autonomia e identidade, como forma de promover o domínio e a consciência da corporeidade. A partir disso, o corpo é responsável por apresentar o mundo e por representar quem somos neste, estando no corpo a possibilidade de se libertar da padronização social e do que chamam de Corpo-Dócil⁶. E, ao nos representar no mundo, o corpo cumpre sua primeira função, a linguagem através dos movimentos, retomando a Garanhani (2015):

Assim, a função tônica regula o equilíbrio corporal, no movimento ou na imobilidade, mas é a expressão de emoções sua principal finalidade. As emoções sempre vêm acompanhadas de uma mímica facial e corporal, traduzidas em atitudes que têm significados específicos conforme a cultura a que pertencem (GARANHANI, 2015. p.1010).

À vista disso, os movimentos ou a falta deles possuem significados potentes do que se passa no interior de cada, e, ao termos corpos condicionados a criar uma barreira na comunicação interior-exterior, emerge a necessidade de resgate da exploração do próprio corpo tão característico das infâncias. Devido a esse instinto de linguagem corporal, ao trabalhar as movimentações ligadas a elementos da natureza, torna-se, indispensável, o processo de desmecanização mais fluido e conectado a um propósito de retomada do corpo-orgânico.

6 Veja mais em “Vigiar e Punir” de Foucault, 1975.

A consistência do Corpo-Árvore

Educar de uma maneira não-convencional auxilia no processo de desconstrução dos corpos. Vivemos em uma consequência do contexto social em que estamos inseridos e que tanto banaliza o lúdico e as atividades que envolvam expressões artísticas, com a ignorante ideia de que práticas corporais de caráter sensível não contribuam significativamente no desenvolvimento da aprendizagem. É interessante apresentar atividades que proporcionem a exploração do espaço vivido, principalmente para as crianças que, segundo GARANHANI (2018), transformam em símbolo aquilo que podem experimentar corporalmente, já que, seu pensamento se constrói, primeiramente, sob a forma de ação. Ou seja, suas experiências físicas e sensoriais são fundamentais para a construção do pensamento. Dessa forma, ao proporcionar atividades que permitam a exploração desse espaço, as crianças podem vivenciar situações reais e concretas, construindo suas próprias compreensões do mundo.

Através da expressão corporal, podemos externalizar emoções e sensações, explorando práticas de um corpo-natureza, que conduz a uma conexão mais profunda com o meio natural. Além da possibilidade de desenvolver habilidades como a consciência corporal e a percepção do outro, permite, também, uma expressão artística única e coletiva. Neste trabalho levamos como base o corpo na sua totalidade, podendo ser performado a partir do símbolo de uma árvore, que assim como nós, é um corpo vivo: a vida em constante transformação e evolução. Assim:

Podemos imaginar nosso corpo semelhante a uma árvore. Se a seiva está viva em nós, ela desce às nossas raízes e sobe até os mais altos galhos. É do nosso enraizamento na matéria que depende nossa subida para a luz. É da saúde dos nossos pés e de seu enraizamento, é da força e da sua elasticidade de nossa coluna vertebral, é da abertura e do fechamento de nossas mãos, que pode nascer o gesto vivo (LELOUP, 2011, p.18).

Essa proposta que parte da metáfora do corpo-árvore, é uma forma de estimular as crianças a observarem o corpo humano como um todo integrado. A árvore passa por diferentes estágios de desenvolvimento, o corpo humano também. Assim como as árvores, precisamos de raízes fortes para nos mantermos firme e crescermos em direção à luz. Por meio de uma prática sensível com esta, as crianças podem, partindo da individualidade de cada um, criar uma coreografia que representa o crescimento, a expansão e a transformação. Explorando seus diversos movimentos corporais, com a possibilidade e a liberdade de expressar seus sentimentos durante a atividade através de todos os membros de seu corpo. Desenvolvendo também, um olhar interno atento para a percepção de seus limites, e tudo isso vai construindo uma expressão artística única.

Trabalhar um corpo-árvore mesmo sendo uma atividade mais subjetiva, abraçando tanto os movimentos corporais da dança com a performance do teatro, pode ser usada interdisciplinarmente, por exemplo, na área de ciências abordando o processo de crescimento das plantas. Infere-se a possibilidade das crianças vivenciarem essas experiências sensíveis através de práticas corporais que estimulem o desenvolvimento infantil na criatividade e imaginação. Ao mesmo tempo que produzem uma consciência corporal e uma percepção do outro e de si.

O Corpo-Árvore na Prática

Estimula-se iniciar uma breve fala contextualizando os discentes sobre a importância das práticas corporais que exploram um corpo-orgânico, estimulando uma relação mais harmoniosa e consciente com o ambiente e com nós mesmos, sendo o corpo como a ponte de conexão com o mundo ao redor. Então, iniciando de fato a prática, partimos de um alongamento não estruturado, com os alunos deitados no chão. Dado um tempo, mas sem pausa de um momento para outro, começa a música escolhida para a atividade, que é o “CANTO DA FLORESTA | Música Xamânica com Tambor e Flauta Nativa”⁷. Influencia-se o relaxamento, permitindo uma exploração pessoal de si e aguçando a sensibilidade.

A partir disso, o docente começa a guiar a prática pela fala, estimulando o crescimento progressivo de energia do corpo. Não conduzindo os movimentos, mas sim deixando-os acontecer organicamente. O docente guia o momento criando a ideia de corpo-semente, que vai para baixo da terra e relaxa no silêncio e no escuro. Posteriormente, esse corpo-semente vai brotar, querendo ir para cima da terra. Então, germina e cresce até tornar-se uma árvore. Cada aluno parte de sua singularidade, expressando movimentos que representem o crescimento, a expansão. Percebendo sensações, explorando e externalizando os movimentos de seu corpo-árvore, performando uma coreografia artística individual. Espera-se que os alunos se permitam a entrega nesse momento, aproveitando e vivendo a experiência sensível e rica em significados.

Para um objetivo final de percepção da prática, pode-se realizar uma roda de conversa para relato do que foi percebido durante a experimentação. Por ser uma atividade que foca e preserva a individualidade, o diálogo é a melhor forma para uma conclusão.

Considerações Finais

Fica evidente a importância do papel das práticas expressivas do teatro e da dança nos espaços educativos para uma desconstrução dos padrões corporais.

⁷ Veja em: <<https://youtu.be/4Ng28guH9dE>> Acesso em: 30 de abr. de 2023.

De forma que, é a partir dessas experiências que os alunos têm oportunidade de explorar seus corpos, conectar-se consigo e com suas emoções. Além de desenvolver a percepção sobre o outro, permitindo que sejam trabalhadas questões sociais como a diversidade e a inclusão, lidando com as semelhanças e diferenças com mais naturalidade.

Ao buscar trabalhar os jogos expressivos para além de atos performáticos, pode-se trazer os elementos da natureza, visando o resgate da conexão com os ritmos naturais. Considerando o corpo cíclico e orgânico, visando ser tão semelhante aos processos de transformação que operam na biosfera, mas que são condicionados ao desvencilhamento pela lógica capital. Diante disto, lembra Ribas (2012):

Quando se fala em corpo, fala-se em respiração, em movimento, em sentimento, em auto-expressão, em sexualidade. E é através do corpo, superando as barreiras impostas pelas restrições que se desenvolvem como forma de sobrevivência, que se chega à liberdade, à graça e à beleza. A liberdade é a ausência de restrição a sentimentos e sensações; a graça é a capacidade de expressão e a beleza é a harmonia (RIBAS, 2012. p.04).

É necessário estimularmos em nossa sociedade, (que historicamente limitou a dança e o teatro a atos meramente performáticos, ocasionando nessa ideologia roteirizada da arte) a espontaneidade dos corpos, para que sensibilidade, diferença, sentimento, e a conexão com a natureza sejam tratadas de maneira orgânica enquanto população. A desmoralização da arte, com a infeliz ideia de produção diária, tornou e vem tornando cada vez mais adultos frustrados e enrijecidos. Como prática pedagógica, é ideal ser inserida, para que tenhamos alunos comprometidos com a cidadania e o desenvolvimento pessoal.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Contextualizar a expressividade corporal, através do teatro e da dança, utilizando de uma atividade prática, com o objetivo de estimular a ligação com a natureza e o corpo humano, desintegrando a ideia de corpo-máquina que a sociedade nos condiciona.

Objetivos Específicos:

- Introduzir a importância da expressividade corporal, por meio de manifestações artísticas;
- Estimular a autopercepção e expressão de movimentos não-estruturados;
- Desenvolver a imagem da árvore na consciência e conseguir externalizar ela por expressões corporais;

- Estimular a percepção para às diferenças e semelhanças dos outros corpos-árvores;
- Possibilitar um ambiente para não condução de movimentos específicos, permitir que cada um utilize da sua individualidade.

Metodologia:

Aula expositivo iniciada com contextualização sobre o conteúdo. Posteriormente, inicia-se a prática guiada que será contínua, ou seja, não haverá pausa entre o alongamento e a prática. Possui foco na participação ativa dos alunos. Após a atividade, formamos uma roda com a turma para conclusão e compartilhamento de impressões.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo:
Contextualização sobre jogos expressivos: dança e teatro	COSTA, D. B. V. et. al. Escola: Dança, teatro, aprendizagem e desenvolvimento. UNESP - 2006	5min
<i>Alongamento</i>		10min
<i>Atividade prática Corpo-árvore</i>	Saberes populares + RIBAS, G. O.; ROCHA, V. M. P. Corpo: árvore da vida. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012.	15min
<i>Conclusão como roda de conversa</i>		10min

Recursos: Espaço amplo e caixa de som.

Avaliação:

Será feita com base na observação da prática e nas trocas de impressões.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

A aula iniciará com uma breve introdução sobre o assunto abordado, sendo ele, “Jogos Expressivos: dança e teatro”, dentro da disciplina Corpo e Movimento.

Logo após, inicia-se o alongamento em que através dele também será explorado os movimentos de plano baixo, médio e alto. Sob a escuta de “CANTO DA FLORESTA | Música Xamânica com Tambor e Flauta Nativa”, os alunos deitam-se no chão, para iniciar a atividade em si. A prática será guiada através das docentes, para exploração das expressividades corporais partindo da ideia do corpo-árvore.

A aula objetiva estimular a sensibilidade, a ligação com a natureza e o corpo humano. Bem como, a percepção para semelhanças e diferenças de cada indivíduo, com movimentos não-estruturados e sim com ascensão para

individualidade e expressão artística e corporal de cada um.

Para a anamnese final, com o objetivo de percepção da prática, será realizada uma roda informal de conversas para a troca de impressões. Por ser uma atividade que foca e preserva a individualidade, o diálogo é a melhor forma para a conclusão.

Referências:

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico: Ensino e representação**. 15. ed., no 8. São Paulo: Contexto, 2015.

CANTO DA FLORESTA | Música Xamânica com Tambor e Flauta Nativa. Disponível em: <<https://youtu.be/4Ng28guH9dE>> Acesso em: 11 de abr. de 2023.

COSTA, D. B.V. et al: **ESCOLA: DANÇA, TEATRO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO**. UNESP, São Paulo - dezembro de 2006.

FEIJÓ, A. **Xamanismo: O que é, quais são suas origens e como funcionam seus rituais**. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/astrologia/2022/08/xamanismo-o-que-e-quais-sao-suas-origem-e-como-funcionam-seus-rituais.shtml>>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

FERNANDES, Ciane. Dança-Teatro: Fluxo, Contraste, Memória. No Glossário. **Mimus – Revista online de mímica e teatro físico**. Ano 2, no.4. Salvador: Padma Produções, 2012. p. 76-79. Disponível em: <www.mimus.com.br>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

GARANHANI, M. C. A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLARIZAÇÃO DA PEQUENA INFÂNCIA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, p. 106–122, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/feef/article/view/49>> Acesso em: 11 de abr. de 2023.

GARANHANI, M. C., & NADOLNY, L. DE F. A Linguagem Movimento na Educação de Bebês para a Formação de Professores. **Educação & Realidade**, 40(4). 2015. Recuperado de: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe-realidade/article/view/51737>> Acesso em: 11 de abr. de 2023.

GARANHANI, M. C.; NADOLNY, L. de F. **O movimento do corpo infantil: Uma linguagem da criança**. Caderno de formação: Princípios e fundamentos. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 65-74, 2011.

GARANHANI, M. C. **O Corpo em movimento na Educação Infantil: uma linguagem da criança**. Universidade Federal do Paraná - 2018.

LELOUP, J. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MICHELS, V. **Música, Espiritualidade e Instrumentos Xamânicos**. Disponível em: <<https://www.artesintonia.com.br/blogs/blog/musica-espiritualidade>>

-e-instrumentos-xamanicos>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

OLIVEIRA, D. B.V. *et al.* **ESCOLA: DANÇA, TEATRO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO**. UNESP - 2006.

RIBAS, G. O.; ROCHA, V. M. P. **Corpo: árvore da vida**. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais_2012/RIBAS-Gabriele-ROCHA-Virginia-Corpo-arvore-da-vida.pdf>. Acesso em: 11 de abr. de 2023.

FORMAÇÃO DOCENTE: DANÇA, TEATRO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR

Débora Braga Gutknecht¹

Letícia Hardtke Schwanke²

Márcia Eliane Silva Oliveira³

Rodrigo Lemos Soares⁴

Resumo:

O objetivo desse ensaio é dialogar com o teatro, a dança, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na escola, visando-os como auxiliares dos conhecimentos de outros componentes curriculares, mas também da arte e de si mesmos. Perceber que a dança e o teatro estão presentes na história desde os primórdios e foram evoluindo com o tempo, hoje são utilizados como uma forma lúdica de ensinar e aprender, e através destes buscar o desenvolvimento dos discentes como indivíduos sociais e críticos, além de proporcionar momentos de experiência e reflexão a cerca dos próprios valores e crescimento pessoal. Para que isso ocorra, é necessário que tanto o teatro, quanto a dança não sejam usados somente em datas comemorativas e que, possam ser explorados tanto como qualquer outra disciplina, trazendo atividades através das brincadeiras e jogos que desenvolvam a concentração, memória e entrosamento dos alunos, atividades explicativas sobre essas duas linguagens artísticas e sobre o tema gerador, priorizando esse processo desde a educação Infantil e anos iniciais, para que assim as crianças consigam aumentar seu repertório cultural, se comuniquem e se expressem melhor.

Palavras-chave: Teatro. Dança. Aprendizagem. Desenvolvimento. Escola.

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <bragadebora179@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <leticiaschwanke15@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <marciaelianesilvaoliveira@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

Introdução

O presente ensaio aborda o teatro e a dança na escola, como uma forma de auxiliar o entendimento de outras disciplinas e os desenvolvimentos das crianças para um pensamento mais crítico e suas desenvolturas dentro da sociedade que vivem, reconhecendo suas culturas e suas histórias, além de ser uma forma lúdica de se ensinar outros métodos de componentes curriculares a arte por si própria trás uma bagagem de conhecimentos ricos para o desenvolvimento das crianças, exercem a função de desenvolver o ser humano tanto no individual quanto no coletivo.

A partir da leitura do texto base, Escola: dança, teatro, aprendizagem e desenvolvimento. Costa *et al.* (2006), e dos textos complementares (CANDA, 2020; ESMERO, 2017; DE OLIVEIRA, 2020; SALVADOR, 2000). Percebemos que as atividades práticas de teatro e dança foram muito importantes para os alunos, visto que, aprenderam o conteúdo de ciências, tiveram um desenvolvimento pessoal, e social por meio da interação, muito presente na teoria de Vygotsky que defende a interação social como base para a aprendizagem.

Analizando a leitura ficou evidente que para desenvolver as artes cênicas na infância, o professor precisa participar, mas deixar o aluno ter o domínio da aula, planejar juntos. E como sabemos não chegamos a um resultado sem técnicas, sem uma preparação, por isso fala-se sobre fazer atividades dinâmicas, jogos, brincadeiras, construção de cenário, conversa sobre roteiro, estudo sobre como falar no teatro, o tom da voz, a postura diante de quem for assistir, na dança o controle de movimentos para que se combinem com o ritmo da música e seja em sincronia com os colegas, além do estudo sobre o tema da peça.

Existem outras maneiras de abordar o teatro na escola, dando textos prontos para os discentes ou deixando que eles mesmos criem a peça de teatro, escolham quem cada um será, criem o cenário, o figurino e até mesmo o roteiro, desta forma eles trabalham suas criatividade e apreendem a trabalhar em conjuntos. Na dança devemos deixar claro para as crianças que por mais que os movimentos pareçam sem sentido, eles têm toda uma história, um por que e precisam ser sentidos e vivenciados.

Assim, sabe-se que o teatro e a dança contribuem para o desenvolvimento do ser humano, fortalecendo seus valores, sua criatividade e interação com outros, também é uma forma lúdica e didática em que há resultado na aprendizagem. Pensando nas artes inseridas na escola podemos usá-las como uma forma de metodologia para as aulas e não só em datas comemorativas como normalmente ocorre.

O teatro e a dança na escola.

O texto base para este ensaio, **Escola: Dança, Teatro, Aprendizagem e Desenvolvimento** de COSTA, Débora. *Et al.* (2006), bem como as demais referências que retratam a dança, o teatro, a aprendizagem e o desenvolvimento nas escolas. Foram abordados através de projetos teórico-práticos, com o objetivo de ministrar aulas de teatro e dança como parte incentivadora e motivadora da participação de alunos de segunda série de uma escola de Buriti nas aulas de Ciências. Através da dança e do teatro os discentes puderam desenvolver o seu individual e o seu coletivo.

O teatro é uma importante estratégia de ensino, que possibilita aos alunos aprenderem a se relacionar, a respeitar a opinião dos outros, tentar unir diversas ideias para contentar a todos, a lidar com a individual e com o coletivo, no momento da interpretação de papéis, da criação da peça, dos ensaios, das críticas (COSTA, *Et al.*, 2006, p.12).

E de encontro a isso, Vygotsky afirma que a expressão artística é uma necessidade intrínseca do ser humano, ele precisa dessa expressão para se desenvolver, lidar com suas emoções e sentimentos, conhecendo a si para assim conhecer o outro, conseguir socializar e expressar seu senso crítico baseado em valores diante a sociedade.

A dança é interligada ao teatro, visto que quando a criança dança ela pode imaginar ser outro alguém ou algo, interpretar a dança sendo essa pessoa ou representação, realizar movimentos com o corpo que não seria capaz de experimentar no seu dia a dia, sendo movimentos expressivos ritmados e ao som de uma música normalmente.

Para Dantas (1999), a dança é a mãe das artes, indicando que algumas das artes existem no tempo, outras no espaço, mas a dança vive nos dois, através da experiência dos movimentos do corpo, a expressão da motricidade humana e vai transformando os movimentos em arte. A dança deveria fazer parte da vida das pessoas desde a infância, sendo ela uma forma lúdica de se expressar e saber as suas capacidades e limitações, durante a prática é o momento de extravasar, de alívio, de lembrar momentos, de interagir com o grupo e pensá-lo como um todo, composto de várias partes buscando um mesmo objetivo.

Essa interação em boa parte ocorre quando a criança vai para a escola e socializa com outras. Na escola é onde ela usa e abusa de dois saberes como destaca Vygotsky, o saber cotidiano, seus costumes, linguagens, conhecimentos prévios e o saber científico que se desenvolve normalmente neste ambiente, onde ela conhece objetos de conhecimento baseados na ciência, além de pensar filosoficamente, na intenção de desenvolver um senso crítico, um desenvolvimento de valores e olhar sensível e questionador.

A escola ocupa uma parte importante na vida das crianças e espera-se que seja um ambiente em que ela esteja durante sua infância e adolescência. O que o texto enfatiza é o não proporcionar aos alunos momentos de dança e teatro, são raras as ocasiões em que ocorrem na maioria das instituições, sendo mais em datas comemorativas ou em apresentações de danças tradicionais da região, não é um projeto, uma construção de atividades com jogos, brincadeiras, criação, momentos para acertar e errar, usando a recreação para que se chegue à apresentação e sim uma tensão para o estudante, com poucos dias para ensaio (decorar e apresentar).

Surgimento da dança e do teatro.

Os homens primitivos da era paleolítica praticavam rituais que eram considerados como uma espécie de dança, isso mostra que ela está presente há muitos anos e para fazê-la precisamos movimentar o corpo, de forma livre e ao mesmo tempo em que tenham sentido de ritmo, de sensação para o indivíduo, a dança desde o início foi usada como uma manifestação artística, uma forma de cultura.

O teatro, em sua origem grega “theatron”, significa o lugar onde se vê. E isso começa quando o homem primitivo faz uma simulação se vestindo como um Deus, uma divindade, após a população só vai incrementando, inovando essa forma de arte, que nos faz entender sobre a vida, seus valores, a sociedade e o mundo que nos rodeia de uma forma divertida, cheia de imaginação e exploração das linguagens.

Artes cênicas para todos e o papel da escola para a realização.

Em um passado não muito distante a dança foi direcionada em sua maioria para mulheres, visando à sedução sendo que o corpo da mulher na cultura capitalista e machista sempre foi visto dessa forma e até os dias atuais esse pensamento é disseminado. Já os homens não eram vistos com bons olhos e até eram vítimas de preconceito, físico e verbal caso participassem dessa forma de arte e isso ainda ocorre atualmente dependendo do ritmo da dança.

Este preconceito acaba por trazer uma vergonha, uma negação para movimentos de dança, quando se traz essa manifestação artística para as aulas entre adolescentes e adultos são raros os que irão participar livremente, deixar o corpo explorar de fato a música e o momento, estarão preocupados com o que outro vai pensar se ver aquilo ou vai ser estranho e isso ocorre por que durante a Educação Infantil e as séries iniciais as artes não foram abordadas ou foram, mas não de forma proveitosa e de real aprendizado.

A escola é o ambiente onde se deve desmistificar esse pensamento, toda

a criança tem o direito de se movimentar, ter a oportunidade de dançar e se desenvolver através da mesma.

Com o passar do tempo a dança foi mudando, foram sendo criados passos mais controlados até chegar a modernidade, onde os movimentos são mais livres, podendo haver improvisações e exploração do corpo humano.

O teatro normalmente foi e é visto como algo da classe média alta e, entretanto com o passar dos anos essa ideia foi mudando, pois ele foi sendo usado como forma de lutar por mais igualdade entre as classes, denunciar situações de preconceito, de injustiças que estão enraizados na sociedade, então em momentos ainda de datas comemorativas essas críticas aparecem, um grande exemplo é o carnaval. E assim o teatro deve ser abordado na escola, não só para dialogar sobre objetos de conhecimento de outros componentes curriculares, mas sim com o objetivo de abordar temáticas importantes dentro da história, da sociedade e da cultura, além de salientar através deste a importância da escola, sendo ela pública deve-se ter ainda mais esse objetivo, visto que passa por problemas financeiros e possui alunos com muitas dificuldades de moradia, alimentação, materiais escolares e a educação deve estar sempre lutando para que esse cenário mude e que as crianças e suas famílias vivam em situações mais humanizadas.

Existem duas maneiras de abordar a participação das crianças no teatro segundo o texto base, a primeira é utilizando-se de textos prontos, onde os alunos apenas interpretam os personagens e confeccionam o cenário e o figurino, ou então, a segunda opção é dar liberdade para que as crianças escolham o nome da peça; o cenário; os figurinos e os personagens que cada um gostaria de interpretar; e a partir disso seja elaborado um roteiro. “O melhor são as obras compostas pelas crianças [...], pois assim elas compreendem melhor as obras e não ficam só decorando frases e palavras difíceis”. (VYGOTSKY, 2003, p.88).

Com relação à dança, uma maneira de aproximar as crianças com ela é explicando que apesar de parecer que as expressões e gestos feitos não possuem nenhuma função prática ou utilidade, eles possuem sentido e significado, sendo possível através deles representar experiências, apresentar objetivos, transparecer emoções, sentimentos e sensações.

Quando trabalhamos com teatro e dança também é preciso levar em consideração que regras básicas devem ser seguidas, como manter a disciplina, respeitar a opinião dos outros, saber trabalhar em grupo, ser produtivo, criativo e motivado, além de sempre tentar unir todas as ideias apresentadas para contentar a todos, lidando assim com o individual e o coletivo.

Existe uma relação intrínseca do teatro e da dança com a sociedade, com a educação e com a Pedagogia. Na sociedade está relação se dá quando a criança aprende que outras pessoas são companhias agradáveis de manter por perto,

que as mesmas também possuem direitos e necessidades; quando ela começa a se envolver mais com o coletivo; compartilhar algumas de suas experiências; expressar em “público” suas opiniões e ideias; além disso, a dança se relaciona com a sociedade quando promove o desenvolvimento cultural, a interação, a cooperação e a socialização. A dança está presente na sociedade desde antes dos desenhos pré-históricos e da palavra. Para Vygotsky (2000), a capacidade criativa, juntamente com as demais capacidades mentais, próprias do ser humano, é constituída graças à interação entre o indivíduo e o meio social (*apud* ZANLUCHI; PALANGANA, 2003).

Quando relacionamos o teatro e a dança à educação, podemos considerar que eles colaboram para o desenvolvimento da linguagem, da fluência verbal e do senso crítico. Ainda há também sua relação com a Pedagogia que pode ser analisada no plano individual de cada criança, que desenvolve a capacidade de expressão, atenção e concentração, ou então no plano coletivo, que estimula o respeito mútuo, a cooperação, o diálogo e ajuda as crianças, a aceitarem as diferenças. Relaciona-se na questão de apreensão dos conteúdos, bem como na efetivação da aprendizagem.

Compreendemos além do mais a relação com o (a) pedagogo (a), “[...] deve utilizar estratégias pedagógicas que considerem a bagagem de conceitos trazidos pelos alunos e criem ‘ situações - problema ‘ que irão modificar o que os alunos pensam, aproximando-os dos conhecimentos científicos” (COSTA *apud* OLIVEIRA; CAMPOS; GALASTRAI, 2006). Para a melhor interação das crianças nas aulas de teatro e dança, o professor precisa estabelecer no início do ano e ir lembrando os alunos sempre que for necessário, um contrato pedagógico, para que assim as aulas sejam mais harmoniosas; além disso, ele tem como opção fazer aulas expositivas dialogadas, aplicar atividades lúdicas, propor atividades em grupo e sugerir tarefas que envolvam pesquisa para desenvolver a curiosidade das crianças.

Forma como os corpos são abordados

Os corpos são tratados de forma que seja possível desenvolver a capacidade expressiva e artística, adquirindo novas formas de expressão vocabulário, melhorando a atenção, a capacidade de observação e de concentração, o diálogo, respeito mútuo, companheirismo torna as crianças mais flexíveis para aceitar as diferenças. “As atividades de expressão artística são excelentes recursos para auxiliar o crescimento, não somente afetivo e psicomotor como também cognitivo do aluno” (REVERBEL, 2002, p.34).

Ao Desenvolver atividades de expressão artística se pretende formar um ser espontâneo, vivo, dinâmico, capaz de exteriorizar seus pensamentos, sentimentos

e sensações e ou de utilizar diversas formas de linguagem, apta a construir gradualmente sua própria escala de valores e desenvolver o seu senso estético.

“A criança é um ser em constante mobilidade e utiliza-se dela para buscar conhecimento de si mesmo e daquilo que rodeia, relacionando-se com objetos e pessoas” (COSTA, *et. al.*, 2006, p.10). A ação física é necessária para que a criança harmonize de maneira integradora as potencialidades motoras afetivas e cognitivas.

Desta forma, ações comuns a ela, como correr, pular, girar e subir nos objetos são algumas das atividades dinâmicas que estão ligadas à sua necessidade de experimentar o corpo não só para o seu domínio, mas na construção de sua autonomia.

Neste sentido, a partir da imagem corporal a criança configurará seu funcionamento motor, verbal e cognitivo, seja, a ação física e essencial para que a criança construa sua própria personalidade. Segundo Dohme (2004), o corpo é o instrumento de representação e transmite as emoções por meio de posturas, gestos e voz.

Movimento humano nas artes cênicas

A dança ao utilizar as dimensões de tempo, espaço e movimento, interfere nas capacidades físicas, afetivas e cognitivas do homem depois ao dançar o corpo entra em atividade favorecendo a comunicação de pensamentos e emoções (Bertoni, 1992).

A partir dela pode-se unir um grupo de indivíduos que no mesmo momento se dedicam de forma total a uma atividade. Pode se expressar uma ideia, um anseio denunciar.

Cada movimento na dança, como cada palavra em poesia, é uma conjugação sintetizada de emoções, ideias, sensações e estados de espírito. O agrupamento de palavras em frases vai criando desenhos harmônicos, tal como um agrupamento de sons com música e de movimentos em sequências dançadas (Assona 1988). Através da motricidade que se tem em relação ao sujeito/mundo que tal relação gera resultados satisfatórios por meio das ações corporais que frutifique revoluções motoras, intelectuais e sociais (Melo, 1997). A dança então surge como forma de aproveitar este potencial de forma prazerosa, a fim de modificar estudos e construir relações.

Segundo Dantas (1999), a dança permite a realização de movimentos que não possuem aparentemente nenhuma utilidade ou função prática, mas que possuem sentido e significado em si mesmas e são recriadas e vividos a cada momento. Ao dançar, meninos e meninas não apenas reinventam movimentos tempo e espaço, mas transformam-se em personagens, pois a dança torna visível

no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano. Movimentos e gestos em dança permitem formular impressão, conceber e representar experiências projetar valores sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções.

Essas considerações permitem reconhecer a importância do movimento para o desenvolvimento da criança, pois ele é o elo que permite sua comunicação com o mundo que acrescentará fatores que auxiliarão nesse desenvolvimento. Se a motricidade se faz presente para a criança de forma a ser uma necessidade é de se esperar que a dança possa se inserir nesse contexto, fazendo parte do cotidiano da criança segundo Fux (*apud* Santos, 2005), a dança na infância produz efeitos terapêuticos que proporcionam formas de expressar alegria, tristeza, euforia permitindo que a criança nomeie seus sentimentos e pensamentos.

Para Laban (*apud* MORAND, 2006, p.80), A criança tem um impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança, sendo ela uma forma natural de expressão. É papel da escola proporcionar à criança a espontaneidade para desenvolver as expressões criativas.

Segundo Hayes (*apud* MORAND, 2006, p.95) a associação da dança com a educação física é negativa devido ao fato de a dança ser vista como outra atividade física não sendo valorizada como arte. A dança e a educação física tem pouco em comum sendo áreas diferentes com objetivos próprios, onde o movimento é utilizado por razões diferentes, a dança busca mais as capacidades imaginativas e criativas busca as emoções. Assim, à medida que a dança estimula também a criatividade a relação entre corpo e mente a livre expressão e a socialização e ela se encontra inserida no contexto da arte.

Considerações

Considerando o teatro como meio de ensino para compreender melhor os conteúdos, ao longo do projeto reconhecemos a importância do professor ser sensível a forte influência do ambiente familiar de uma criança em sua conduta escolar e conhecer a realidade de seus alunos.

No teatro e na dança há a possibilidade de trabalharmos a diversidade, tendo em vista que há projetos de teatro e dança com crianças especiais e elas podem fazer parte desse momento de arte.

Concluimos ainda que há uma necessidade em pensarmos a arte na escola para além das folhinhas, as crianças precisam pensar e sentir, a arte só se torna possível a partir do momento em que as crianças forem inseridas demonstrando um domínio e não só fazendo a atividade que o educador delimitou.

As artes cênicas são de suma importância na Educação Infantil e ensino fundamental I, pois possibilita maior interação da criança com o mundo e

auxiliando na aprendizagem, desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos na escola e no convívio com outras pessoas e lugares.

O teatro e dança são usados para datas comemorativas ou com o intuito de conter várias temáticas de outros componentes curriculares que não a arte. Nós podemos utilizar o teatro a dança para abordar situações decorrentes da sala de aula, como curiosidade das crianças, problemas sociais sendo estes (pre-conceitos e intolerância, por exemplo), ou seja, através da interação entre os alunos em aula, abordar esses temas que estão no seu cotidiano de alguma forma.

O processo de dramatização exige do homem diversas habilidades: voz, expressão corporal e facial, riqueza do texto e de sua interpretação. Já a dança é a experiência do corpo em movimento é a expressão da motricidade humana é manifestação artística que se realiza no corpo, transformando os movimentos em arte, ou seja, ela possui em si formas de conhecimento tão importantes quanto o de outras áreas.

Quanto às outras áreas relacionadas ao tema que são interessantes para se estudar e no texto base não é abordado são músicas de vários estilos diferentes, instrumentos musicais, artes plásticas, artes visuais etc. Para que se contemple todas as áreas das artes atingindo diversas capacidades, entretanto sabe-se que dentre todos os tipos de arte o teatro e a dança são menos explorados na escola e busca-se uma melhora quanto a isso, pois eles instigam a capacidade imaginativa e criativa promovendo uma educação mais completa e lúdica, auxiliando o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Apresentar a importância do teatro e da dança a partir da experiência da autora.

Objetivos Específicos:

- Contemplar as contribuições do teatro e da dança tanto para o individual, quanto para o coletivo;
- Perceber que para se chegar ao teatro e a dança de fato, há um processo com brincadeiras, ensaios, conversas, jogos, dentre outros;
- Trazer brincadeiras que poderiam ser parte desse processo;
- Mostrar que o teatro e a dança contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem, da responsabilidade, compromisso e socialização das crianças.

Metodologia:

Aula expositiva, teórica sobre a temática. Atividades práticas promovendo um

maior conhecimento sobre o tema e a interação do grupo. Elaboração de três perguntas para avaliar a compreensão da turma sobre o tema.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo
<i>Apresentação de slides (teoria)</i>	Junto com as referências finais.	15 minutos
<i>Prática Dinâmicas</i>	Música “cara de quê?” Livro: Confusão na fazenda Música: Dança da Laranja- XUXA	15 minutos
Atividade avaliativa e de fixação	Junto com as referências finais	15 minutos

Recursos: caixa de som, projetor, notebook, apresentação de slides, músicas, folha do texto “confusão na fazenda”, caixa mágica, papel com o nome dos animais, laranjas.

Avaliação:

A turma será dividida em três grupos e eles devem sortear três perguntas, conversar em grupo e respondê-las.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

- 1) Em que outras disciplinas, além de Ciências da Natureza, vocês como professores (as) utilizariam o teatro para auxiliar a aprendizagem dos alunos?
- 2) Como vocês acreditam que se deu o processo de moderação disciplinar apontado pela professora do projeto?
- 3) Qual seria o propósito do ensino de dança nas escolas?

Atividades Práticas

- 1) Dançar a música “cara de quê?”

Vamos sentar em círculo e dançar a música, mas cada um terá seu jeito de interpretar.

- 2) Livro: Confusão na fazenda

A turma será separada em cinco grupos, cada grupo deve pegar na caixa mágica um ou dois papéis no qual irá conter um animal e após terão que imitar o som desses animais quando no texto for pedido, este texto será lido por uma de nós. Obs.: esse livro será adaptado para que se encaixe no tempo da aula.

TEXTO:

CONFUSÃO NA FAZENDA

Autor: Flávio Colômbia

Um ratinho sentiu cheiro de queijo e saiu devagarinho, buscando seu desejo. Até que achou o queijo em uma prateleira e deliciosamente o mordeu. Só que ele não percebeu que estava numa ratoeira!
Plaft!!!
Ele se desviou e escapou, mas tomou um susto tão grande que saiu correndo e se mandou.
Sem querer, o rato pisou no rabo de um gato, que se assustou e gritou:
- Miau! Miau!
Aí, o gato correu atrás do rato. E os dois de supetão, bateram no bumbum de um cão, que se assustou e gritou: - Au! Au!
Os três saíram correndo, o cão atrás do gato, e o gato atrás do rato.
No embalo, passaram por um galo, que se assustou e gritou: - Cocoricó!
Rapidinho, quase atropelaram um Pintinho que se assustou e gritou: - Piu, piu!
Num caminho meio torto, passaram pelo porco que se assustou e gritou: - Oinc! Oinc!
Depois passaram entre as patas de uma vaca, que se assustou e gritou: -Muu! Muu!
Num estalo, passaram pelo cavalo, que se assustou e gritou: - Iiiririri!
E deu um coice que quase os pegou.
Na plantação de pepino, trombaram com um menino, que se assustou e gritou: - Aaahhh!
E saiu correndo para ver o que passou.
Correram, pularam e, no ato, trombaram com um pato, que se assustou e gritou: - Quá! Quá!
Eles passaram por um coelho, que se assustou e... Não gritou, mas ele se mandou.
Pularam uma relha e passaram por uma Ovelha, que se assustou e gritou:
- Méeé! Méeé!
Depois, subiram numa árvore de frutas vermelhas e bateram numa casa de abelhas, que se zangaram, e gritaram: - Bzzz! Bzzz!
Aí, o menino, O cachorro, o gato e o rato saíram correndo, a jato.
Enquanto as abelhas que tentavam picar suas orelhas.
O gato fugiu para o Mato e escapou. O rato entrou num buraco e se safou. E o cão desceu o morro e se salvou O menino mergulho Lago cristalino e também escapou.
Mas o dono da fazenda, tá querendo acabar com aquela bagunça horrenda, deu um tiro para o ar: - PUUMM! Para fazer todo mundo parar.

3) Música: Dança da Laranja-Xuxa

A turma deverá formar duplas e dançar juntos no ritmo e com as regras que a música solicitar, segurando a laranja sem colocar as mãos. Para iniciar devem colocar a laranja entre as testas e vence o jogo a dupla que dançar por mais tempo sem deixar a laranja cair.

Referências:

CANDA, Cilene. Ensino de Teatro: Fundamentos e Didática. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior**. 2020. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/586558/2/eBook%20-%20Ensino%20de%20Teatro%20-%20Fundamentos%20e%20Didatica.pdf>> Acesso em: 13 de abr. de 2023.

COLOMBINI, Flávio. **Confusão na Fazenda**. 2018. Disponível em: <https://www.flaviocolombini.com/confusao-na-fazenda>. Acesso em: 13 de abr. de 2023.

COSTA, Débora; OLIVEIRA, Denise; CAMPOS, Luciana; GALASTRI, Natália. **Escola: Dança, Teatro, Aprendizagem e Desenvolvimento**. Universidade Estadual Paulista. 2006. Disponível em: <<https://www.unesp.br/prograd/PDF-NE2006/artigos/capitulo1/escoladanca.pdf>> Acesso em: 04 de mar. de 2023.

ESMERO, Manuel de Lima. A dança como instrumento educativo no processo de educação não formal. **DSPACE DOCTUM: Repositório Institucional**. 2017. Disponível em: <<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1376/1/A%20DAN%C3%87A%20COMO%20INSTRUMENTO%20EDUCATIVO.pdf>> Acesso em: 11 de abr. de 2023.

DE OLIVEIRA, Maria Eunice; STOLZ, Tania. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Scientific Electronic Library Online**. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/hLkXfdZ65VDTfztn8ng75Bd/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 09 de abr. de 2023.

Música: “**cara de quê?**”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w9AvcjA6uY>> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

Música: **Dança da Laranja**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=23vd6HbQCBg>> Acesso em: 13 de abr. de 2023.

SALVADOR, César Coll *et al.* Psicologia do Ensino. **A teoria sociocultural da aprendizagem e do ensino**. Porto alegre: Artmed. 2000. Disponível em: <https://e-aula.ufpel.edu.br/pluginfile.php/1496406/mod_label/intro/Psicologia%20do%20Ensino.pdf> Acesso em: 20 de mar. de 2023.

COLETIVIDADE E INDIVIDUALIDADE NO ENTRETENIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Casarin¹

Isadora Lopes²

Janaina Zanetti³

Manuela dos Santos⁴

Pedro Freitas⁵

Rodrigo Lemos Soares⁶

Resumo

A principal abordagem do texto é a articulação entre os jogos cooperativos e jogos competitivos na educação. Buscamos diversas referências para alinhar o coletivo e o individual das crianças nas atividades de Educação Física. Visamos buscar o equilíbrio entre esses dois aspectos, de modo que os alunos possam fazer uso de ambas as experiências, seja no coletivo como no individual, a fim de que possam compreender a importância de ganhar e perder, pois isso também reflete nas relações humanas e seus valores. O que está sendo proposto é que as práticas na educação busquem um equilíbrio entre competição (que é inerente ao indivíduo) e a cooperação (que proporcionam crescimento como sociedade). Cabe que as discussões nos campos teóricos sejam baseadas em pesquisas científicas e não baseadas em análises ideológicas, construindo uma ponte de convergências entre as duas práticas de forma equilibrada e de somatório para a educação ser um alicerce de uma sociedade mais equânime.

PALAVRAS CHAVE: Jogos-competitivos. Jogos-cooperativos. Educação. Equilíbrio.

1 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: <amandacasarinkurz@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: <isaahnuneslopes@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: <janainazanetti25@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: <pedroborges_freitas@outlook.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas, Pedagogia. E-mail: <manueladossantos@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação. E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

Introdução

A fim de compreendermos melhor as discussões acerca de um certo “emba-te”, que vem sendo amplamente discutido entre quem defende os jogos cooperativos e quem defende os jogos competitivos no âmbito escolar, buscamos referências principalmente no texto, *Competição e cooperação: na procura do equilíbrio*, de Hugo Lovisolo, Carlos Borges e Igor Muniz (2013). Esta é uma discussão das últimas décadas na área da Educação Física, que pensa sobre práticas para tal mudança, tanto no contexto escolar, quanto em projetos alternativos. O texto base, analisa referências sobre discursos que enfatizam a ideia de que jogos cooperativos são superiores aos jogos competitivos, no que se refere a valores sociais e que visem uma educação transformadora. Quem defende essa superioridade, afirma que, jogos competitivos propagam “contra valores educativos”. No desenvolvimento do texto os autores apresentam diversos contrapontos a essas teses e uma forte crítica, ao modo retórico como estão fundamentados seus argumentos.

Teorias que defendem a superioridade dos jogos cooperativos em relação aos jogos competitivos

Ao buscar respostas para transformar a sociedade, entende-se que é necessário começar pela transformação do indivíduo. No entanto, para estas propostas que se apresentam com caráter transformador, surge um inimigo comum a todas elas, e que aparecem implícita ou explicitamente em suas pautas, são adversários tidos como fundamentais para a sociedade ter chegado nesse formato desigual que conhecemos, a saber: A) o sistema capitalista competitivo - neoliberal; B) a educação dita tradicional. “[...] para insultar um pedagogo é suficiente qualifica-lo como ‘tradicional’” (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013, p.130). Identificados estes dois opositores para a ascensão pretendida por estas teorias, vejamos como estas propostas pretendem “consertar” os problemas construídos por esses “adversários”.

O texto chama atenção para estas pautas que de certo modo veem inimigos onde não há, pois ambos (os inimigos acima mencionados) tiveram e tem contribuições significativas na educação e na sociedade de modo geral. Enfatiza ainda que essas propostas “transformadoras” generalizam e se utilizam de argumentos por vezes pejorativos, com fundamentações explicitamente tendenciosas para criticar o que não concordam e se utilizam de qualificativos positivos para afirmar suas teorias apenas com essa “Fé transformadora”. [...] Fé transformadora, parece eliminar evidências que podem ser facilmente constatáveis. (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013, p.131). Estas teorias apenas criticam a educação tradicional sem nem mesmo considerar que figuras notáveis, que

transformaram nossa história (para o bem ou para o mau) enquanto sociedade, estudaram em escolas de educação ditas tradicionais.

As primeiras lutas e revoluções socialistas emergiram em países cujos sistemas educacionais podem ser caracterizados de “tradicionais”, “reprodutores” e “conservadores”. No plano dos indivíduos, figuras díspares como Marx, Lenin, Hitler, Mussolini, Churchill, Stalin, De Gaulle, Gandhi, Castro, Guevara, para citar apenas alguns estudaram e se formaram em escolas tradicionais. Suas notáveis diferenças de orientação ideológica e no plano do agir político não podem ser explicadas a partir das influências, mais ao menos gerais e uniformes, que implica a educação tradicional. Se tentássemos explicá-las, teríamos que postular um sistema complexo de interação onde se cruzam múltiplas influências, ou reconhecer que a dita educação tradicional talvez estivesse mais interessada em desenvolver a ação de pensar que em geral a adesão a um tipo de pensamento específico. (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013, p.131).

Melhorar o sistema educacional é uma discussão de extrema importância, por ser um dos caminhos possíveis para melhorar a sociedade como um todo, no entanto, não se pode fazer isso a qualquer custo, sem responsabilidade, baseando-se apenas na “Fé transformadora”, apenas atacando e criticando os caminhos que nos fizeram chegar até aqui. Porque isso pode ocasionar no efeito contrário ao que se pretende. Estas propostas que se definem como anticapitalistas, que criticam a competição apenas por entenderem que a cooperação é a salvação do indivíduo, logo da sociedade, não pode ter a mesma relevância de um estudo científico, simplesmente pela falta de compreensão e estudo do todo, pois só apresentam o que lhes é conveniente.

A primeira e principal referência que essas pautas se justificam para afirmar que jogos cooperativos devem superar os jogos competitivos, vem de Terry Orlick (1989) que em sua pesquisa apresentou como resultados, a formação de algumas comunidades de povos primitivos graças a cooperação. É inquestionável que com a cooperação é possível de se fazer grandes avanços para se constituir uma comunidade por exemplo, no entanto, estas pesquisas não mencionam as lutas, os embates que estes povos primitivos tiveram de passar para chegar até ali, muitas foram as competições e batalhas que marcaram a nossa evolução, talvez até em maior número do que a cooperação.

Das pesquisas de Orlick (pioneira na defesa da cooperação) surgiram muitas se utilizando deste como base, porém, está ainda é uma pauta muito recente e limitada, por isso, seus incentivadores precisam fazer ponderações, seja em sua defesa, seja na crítica às competições. No Brasil, é possível afirmar que Fábio Brotto (1999) é o principal pesquisador no que tange os estudos em defesa dos jogos de cooperação e a crítica aos jogos de competição. No entanto, ele apresenta a mesma visão simplista sobre os jogos competitivos, que não levam em

consideração fatores importantes como por exemplo, a importância de alguns jogos que simulam um confronto de guerra, pois o confronto é importante e faz parte da nossa natureza. Sendo assim, não temos porquê reprimir algo que nos é natural, se pudermos explorar de modo organizado, com regras claras a serem seguidas como se faz com jogos de competição. Brotto (1999) acredita que, jogos competitivos produzem muito mais perdedores do que ganhadores, porque apenas um pode ganhar. O que ele desconsidera é que, este pode ser um confronto individual, uma batalha contra si mesmo, um acreditar e investir em si, na sua capacidade de ganhar, seja agora, seja na próxima competição. Pois, se o argumento de Brotto (1999) estivesse correto, um competidor que “perdeu” uma vez, jamais voltaria a competir, ele coloca o “perdedor” num estado de inércia, como se perder uma vez, fosse determinante para nunca ganhar.

Com isso podemos dizer que essas pesquisas, não procuram trazer à discussão fontes imparciais, elas apresentam apenas o que lhes convém, como sendo o que é certo e bom. Estas pautas com pretensão de salvação, acreditam que os jogos cooperativos são capazes de “acabar” com o “caráter agonístico” dos jogos e conseqüentemente da sociedade - sem perceberem que a proposta de eliminação dos jogos de competição que estão propondo, é nada menos do que fomentar esse caráter agonístico que eles tanto negam.

O texto enfatiza que, nessas pesquisas, seus idealizadores se utilizam de qualificativos totalmente tendenciosos a fim de favorecerem seus discursos e tentam desacreditar seu “oponente”. É preciso que tenhamos muito cuidado com essas generalizações, por se tratarem de propostas para educação, “[...] quando queremos discutir a educação, deveríamos procurar fundamentos mais refinados e controlar o uso de qualificativos, pois, parece existir o acordo de que há dimensões da educação que não podem ser tratadas apenas como “questões de gosto”” (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013, p.135).

Esta literatura (contra competições) ainda responsabiliza de modo inconseqüente as práticas esportivas desenvolvidas na Educação Física escolar por, segundo ela, fomentar e contribuir com um sistema hierárquico, que beneficia os mais fortes e que exclui os menos capazes. Esta é uma afirmação sem base teórica e que busca apenas desacreditar, novamente com um discurso retórico.

Por entenderem que, negar os valores atrelados ao esporte, é negar ao próprio esporte, pois uma coisa não está separada da outra, nos diz o texto: “Se esporte e valores atrelados agonísticos, competitivos e seletivos, entre outros, não são separáveis, então, ser contra o esporte é ser contra seus valores. Reconheçamos que um esporte não competitivo, não agonístico, não mereceria ser chamado de esporte” (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013, p.138). Ao passo em que, autores como Brotto (1999) se utilizam (em defesa de suas teses

a favor dos jogos cooperativos), dos termos, por exemplo: *solidário* e *cooperativo*, como sendo algo bom e justo para todos, ele esquece que em contextos diferentes do que ele pretende, ser solidário e cooperativo por exemplo, em favor da desigualdade social (entre tantos outros que poderíamos citar), ele pensaria melhor ao organizar suas defesas e críticas. Como vimos, estes termos também podem ser utilizados para justificar injustiças.

A dialética como proposta para o equilíbrio

De modo geral, o que podemos compreender do texto *Competição e cooperação: na procura do equilíbrio* é que, ao defenderem os jogos cooperativos, as teorias que vimos até aqui, se utilizam da *retórica*, ou seja, dessa arte de persuadir seus interlocutores. E é com esta arte de argumentação (*retórica*) que os estudos são direcionados a convencer e vencer o embate (traçado por eles mesmos) contra os jogos competitivos. Há na *retórica*, uma ampla possibilidade de recursos a serem explorados para uma boa ampliação do discurso, mas ao que parece, não é o intento das teorias aqui apresentadas, pois essas fazem um mau uso da *retórica*, com a pretensão de se favorecerem. Aristóteles foi contra os retóricos que se utilizavam destes recursos de convencimento, que contavam principalmente com a emoção do público alvo. Pois, para Aristóteles a *retórica* pode ser definida (mas não apenas) por “[...] a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir [...]” (Aristóteles [384-322 a.C.], 2005, *Retórica*, livro I, cap. 2, 1356a) para ele o mais importante era discernir os meios de persuasão.

Como vimos, este caminho (mau uso da *retórica*) traçado para defesa dos argumentos a favor dos jogos cooperativos, não parece ser o mais adequado. Assim, o texto propõe como uma boa estratégia de defesa, tanto para quem apoia os jogos cooperativos, como para quem apoia os jogos competitivos, que considerassem o método *dialético* (palavra de origem grega, que quer dizer “diálogo”, “discussão”), ou seja, focar neste método dialógico, a fim de encontrar um meio termo. “Não se trata na dialética de ganhar um debate, mas de explorar criticamente as alternativas em oposição no tema, os pontos de vista contrários, as categorias que mutuamente se negam no embate do discurso retórico” (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013, p.140). Os autores reconhecem a importância dos jogos cooperativos na vida prática, desde que não ocupem um lugar único e excludente, perante aos jogos competitivos.

Considerações finais

Para Platão e outros pensadores da Grécia antiga era importante que as crianças em seus primeiros anos de vida e ambos os sexos deveriam ser educados

com jogos educativos e deveria começar aos sete anos. Os jogos têm um papel no desenvolvimento psicomotor e no processo de aprendizado de domínio do social da criança, através dos jogos é possível exercitar os processos mentais e desenvolvimento da linguagem e hábitos sociais (DINELLO, 1984, apud SERAPIÃO; JOÃO, 2004).

Os jogos cooperativos tem como princípio a coletividade, focam na resolução do problema e no cooperativismo para a solução, visando sempre a ajuda e organização do grupo, lembrando sempre que o colega não é um rival, mas sim um colaborador para solucionar o desafio. Jogos cooperativos fazem com que a criança desenvolva a confiança no coletivo, na diversidade de pensamentos, desenvolvimento do grupo e na diversão.

Em contraponto aos jogos cooperativos, temos os competitivos. Platão e outros pensadores que eram contra os jogos que possuíam competitividade, pois não valorizavam o caráter e a personalidade fazendo com que as crianças acabassem tendo uma formação danificada (NUNES DE ALMEIDA, 1998). Para os egípcios, maias, romanos, os jogos eram passados para os jovens de geração a geração pelos mais velhos onde aprenderiam através de seus ensinamentos valores e conhecimento para as normas sociais do padrão de vida. Na competitividade sempre tem mais perdedores do que ganhadores, afinal, só uma pessoa ganha, assim, as crianças aprendem que ganhar e perder fazem parte da vida, ajudando no seu desenvolvimento cognitivo sobre perdas, regras, evolução intelectual, estratégias e diversas competências.

O cuidado que devemos ter ao abordar a competitividade é levar os indivíduos a um clima de rivalidade, o jogo pode assumir apenas como foco a vitória, podendo provocar assim um alto nível de angústia, agressividade e a exclusão dos participantes compreendidos como menos aptos. Com base nos escritos acima, os dois jogos possuem benefícios e malefícios, sendo assim, é sempre importante estudar o campo que será efetuado os jogos e com quem, explicando para as crianças ou adolescentes sobre as regras de ambos os jogos, para que a competitividade não vire rivalidade e os cooperativos não tenham desrespeito com as formas de trabalhar em grupo.

Abordar os jogos é uma ótima alternativa para ensinar e ajuda-los a compreender, afinal, a competição e cooperação estão em todas as áreas da vida e é preciso encará-las da forma mais saudável possível.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Ensinar para as crianças o equilíbrio entre os jogos cooperativos e competitivos mediante brincadeiras.

Objetivos Específicos:

- Definir brincadeiras que sejam possíveis encontrar semelhança entre a cooperação e competição;
- Relacionar as brincadeiras com o fato de que há um aprendizado por trás de ganhar e perder, sendo assim, obtendo reflexo nas relações sociais;
- Citar as definições dos dessemelhantes autores que auxiliaram no resultado da pesquisa.

Metodologia:

Abertura através da atividade de introdução. 2. Apresentação oral do conteúdo com o auxílio de slides e imagens. 3. Na atividade de fechamento será feita uma brincadeira com a turma sobre os jogos cooperativos e competitivos, resultando em pequenos brindes para os ganhadores.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo:
Apresentação do conteúdo em slides	Competição e cooperação: na procura do equilíbrio	30 minutos
Brincadeiras e jogos	Jogos cooperativos e competitivos: o que são, diferenças e exemplos	10 minutos
Perguntas - respostas	Todas as anteriores	10 minutos

Recursos:

Quadro, canetão, slides, imagens, tabela de comparação, projetor, notebook, bola e canga (para substituir o lençol na brincadeira).

Avaliação:

Observar o desenvolvimento e a interação dos colegas com as brincadeiras abaixo apresentadas pelo grupo.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

- Serão propostas para a turma três brincadeiras e/ou jogos. Cada uma terá o objetivo de demonstrar na prática a competição, cooperação e competição-cooperação.
- Cooperação: bola na canga – seis alunos (as) cooperando: Competição: jogo da

velha – dois alunos (as) competindo;

- Cooperação-competição: jogo do bichinho – dois alunos (as) cooperando e um aluno (a) competindo.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**, Prefácio e introdução: Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa; Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005a.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; MUNIZ, Igor Barbarioli. **Competição e cooperação: na procura do equilíbrio**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 129-143, jan./mar. 2013.

NENCI, A. V. **Aristóteles e a educação** / – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. – (Coleção Pensadores & Educação).

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo de Livro, 1989.

JOGOS COOPERATIVOS E JOGOS COMPETITIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Jonathan Correa Cavalleiro¹

Leandro Leal Bandeira²

Luiza da Silva Tessmer Duarte³

Pedro Freitas⁴

Rafaella Petrucci Alvetti⁵

Rodrigo Lemos Soares⁶

Vitor Saquete Rodrigues⁷

Resumo

O ensaio busca integrar três aspectos importantes: a importância das práticas cooperativas e competitivas, sua aplicação dentro da Educação Física escolar e, por fim, benefícios e malefícios presentes em seu uso na sala de aula. O texto visa ressaltar o papel crucial do docente no equilíbrio entre competitivo e cooperativo, visto que a esportivização presente nas práticas dentro da Educação Física cria por si um ambiente inóspito para a democratização e inclusão do esporte. A metodologia utilizada para introduzir o assunto é a revisão bibliográfica de diversos autores ao qual o material foi construído apresentando diversos pontos de vista com relação a ambas as práticas e conclusões tomadas pelo grupo com base no estudo do tema.

Palavras-Chave: Competitividade. Cooperação. Educação Física.

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <jonathancavalleiro275@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <leandrolealxx@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <luizatesmerduarte577@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <pedroborges_freitas@outlook.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <rafaella.alvetti@hotmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <vitorsaquete@gmail.com>.

1. Introdução

O objetivo deste ensaio acadêmico é explicar o que são os jogos competitivos e cooperativos, assim como comparar ambas as práticas e apresentar os benefícios e malefícios de cada uma delas. Visa ressaltar a necessidade da aprendizagem do docente de catalogar os pontos positivos e negativos de ambas, buscando compreender sua importância no desenvolvimento da criança.

Os jogos cooperativos auxiliam no trabalho em equipe, no perceber o próximo, compreender que não há problema em pedir ajuda, enquanto os competitivos desenvolvem o individual, conhecer o próprio corpo, os próprios limites, introduzindo o contato com as sensações de vitória e derrota.

O questionamento que movimentou as pesquisas deste material trata-se da importância presente na compreensão dos aspectos específicos que existem nas práticas cooperativas e competitivas, assim como a importância de desenvolvê-las de maneira equilibrada e diferenciar cada uma delas apresentando suas singularidades, destacando os benefícios que propõem por meio de sua aplicação.

Para desenvolver o material a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, por meio dela estudou-se diversos autores que remetem-se ao tema, onde muitos pontuam e se posicionam a favor de uma das práticas, com base nas leituras foi possível desenvolver o material comparativo entre elas, destacando alguns pontos e a visão geral do grupo com relação a sua aplicação.

2. Educação Física

A Educação Física nas escolas é vista apenas como prática de esportes, que na maioria das vezes são competitivos, e isso causa algumas deficiências no aprendizado em diversos âmbitos, como na competitividade em excesso, individualismo e egoísmo, além de causar o chamado “analfabetismo motor”, que é o baixo desenvolvimento de repertório motor e coordenação, o que traz como consequência dificuldades em outras áreas da Educação Física que geralmente são pouco exploradas nas escolas, como as danças, as ginásticas e as lutas.

Para evitar essas defasagens no desenvolvimento dos educandos, é necessário mudar a concepção de uma Educação Física apenas esportivista e mecanicista, e abranger as demais áreas que trabalhem diferentes formas de práticas a fim de ampliar as aprendizagens motoras, culturais, cognitivas e cooperativas.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), devem ser abordadas nas aulas de Educação Física atividades que possibilitem ao aluno, o conhecimento de seu corpo, seus movimentos, a compreensão de sua autonomia e criação de

autoconfiança. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), a Educação Física deve explorar além dos movimentos corporais, trabalhando junto deles as experiências emotivas e lúdicas.

3. Jogos Cooperativos

A Educação Física tem avançado e se esforçado teoricamente para superar os modelos competitivistas e tecnicistas dominantes. Em contrapartida, não se pode deixar observar que, no exercício do cotidiano escolar ainda se reproduz o “mito da competição” e os processos de esportivização na Educação Física, ou seja, as críticas e abordagens metodológicas denominadas, que são evidenciadas desde a década de 1980, continuam pertinentes (CORREIA, 2004). Os jogos cooperativos são práticas que geram um ambiente de coletividade e empatia entre os participantes, seus objetivos focam na resolução de tarefas e desafios em conjunto. Esse tipo de atividade visa estabelecer relações de confiança em um clima descontraído, proporcionando o fortalecimento do grupo como equipe.

A busca pela desmistificação de uma visão competitiva dominante na Educação Física escolar é importante para o educador, tomando como referência práticas cooperativas, revendo valores atrelados ao modelo competitivo das relações sociais e humanas que se estabelecem na sociedade capitalista. “A competição é realmente inerente ao homem, isto posto não queremos renegá-la e/ou retirá-la do convívio de nossos alunos, temos sim que repensar os conteúdos e estratégias nas aulas de Educação Física [...]” (KEMMER, 2000, p.13).

Maturana (2002, p. 13) contradiz o mito da competição sadia, o autor cita que a competição sadia não existe, pois trata-se de um fenômeno cultural e humano, não constitutivo do biológico, como um fenômeno humano, a competição se constitui da negação do outro. A sociedade naturaliza o cenário competitivo, aceitar essa ideologia incentiva o esquecimento de uma cultura e ideias direcionadas para a negação do outro nos espaços de convivência, além de diminuir a sensibilidade, às diferenças sociais, os desrespeitando ou a desvalorização dos esforços, dando continuidade às políticas de exploração de dominação.

A Educação Física tem demonstrado, desde a década de 1980, intenções de mudar sua visão excessivamente esportiva e competitiva, onde as práticas cooperativas tornam-se a proposta mais adequada para efetivar esta perspectiva de mudança (CORREIA 2004), pois sua aplicação tem como objetivo a união e a cooperação dos grupos envolvidos, desmistificando a visão individualista que as práticas competitivas apresentam.

A atividade física baseada na cooperação tem como objetivo estimular o trabalho em equipe e a não exclusão, fortalecendo relações entre os docentes na sala de aula, desenvolvendo empatia entre os participantes e desconstruindo

conceitos dominantes negativos, presentes nas práticas competitivas, Brotto (2002) propõe uma mudança para tornar o esporte menos competitivo e excludente, ou seja, “caracterizando-os como um exercício de convivência fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação”. Dentre suas características valoriza-se a experiência e não o resultado de ganhar ou perder, incentivando um processo que busca ser flexível e criativo. O processo de introdução das práticas e cooperativas e adaptação das tradicionais, deve-se ser pensado e estudado pelo educador, moldando as práticas de forma pedagógica.

4. Jogos Competitivos

Os jogos competitivos são conhecidos como aqueles que resultam em vencedores e perdedores de uma prática, entretanto, seu significado vai muito além dessa definição, principalmente quando aplicado dentro de uma sala de aula. A competitividade é algo que está naturalmente ligado às crianças, quando o cenário é introduzido torna-se natural a criação de expectativas sob a prática, estas visam desenvolver habilidades motoras, aprimorar o foco, a disciplina, o controle emocional, entre outras características que podem ser trabalhadas com base nas propostas apresentadas.

Ganhar ou perder trazem consigo sentimentos inversos, o vitorioso carrega uma grande carga de felicidade, compensação, afinal, seu esforço foi recompensado, enquanto o perdedor leva consigo a frustração de não conseguir alcançar seus objetivos.

Para evitar que essa frustração torne-se algo recorrente deve-se ater a repetição uma mesma prática, onde certos participantes tendem a ter vantagem, pois fazendo isso apenas transformará o exercício em algo monótono para o indivíduo que sempre perde, enaltecendo apenas o vitorioso, a repetição pode gerar sentimentos de exclusão pela falta de habilidade específica, assim como pode gerar desconfiança e egoísmo, criando barreiras entre os estudantes, reforçando o individualismo e transformando o ambiente em um local seletivo e exclusivo.

A escolha de atividades que serão desenvolvidas devem ser analisadas de forma minuciosa, buscando compreendê-las com clareza, para que assim seja possível repassá-la dessa mesma forma, segundo Pereira (1999) o não envolvimento do professor durante o desenvolvimento das práticas contribui para que os processos de exclusão sejam reforçados, é de grande importância que todas as etapas sejam pensadas pelo docente, visando transformar o ambiente claramente seletivo em um local inclusivo. Pequenas atitudes como estimular a diversidade e pensar exercícios que integrem as diferenças podem trazer destaque àqueles que muitas vezes nem mesmo acreditam em si, afinal, todos possuem pontos altos e

destacá-los faz com que os jovens sintam-se os protagonistas das suas próprias histórias no ambiente escolar.

Segundo Huizinga (1973) a competição está diretamente ligada com a ideia de disputa entre os indivíduos, onde visam superar seus limites e seus adversários para conquistar a tão desejada vitória. A vitória e a derrota acabam por ser consequências das práticas competitivas, abrindo espaço para que o docente passe a se aprofundar a trabalhá-los com seus discentes, de forma com que compreendam o processo e seja possível construir noções de como lidar com os resultados.

5. Jogos Competitivos X Jogos Cooperativos

Trabalhar a competitividade e cooperatividade no ambiente escolar é algo importante, pois ambos auxiliam no desenvolvimento da criança e do jovem, os jogos competitivos, por exemplo, desenvolvem o crescimento pessoal e social do indivíduo, enquanto os cooperativos geram ambientes de inclusão onde fortalecem as relações entre os grupos, desenvolvendo empatia e trabalho em equipe.

A competição quando trabalhada em excesso pode vir a diminuir a autoestima e aumentar o medo da derrota, da falha, reduzindo a expressão das capacidades pessoais e o desenvolvimento da criança. Ela favorece a comparação e a exclusão baseado em poucos critérios, como gênero e porte físico, um ambiente competitivo aumenta a tensão e a frustração, podendo desencadear comportamentos agressivos. (FERNANDES, 2006)

Segundo Abrahão (2004), a integridade física, moral e social de cada aluno deve ser levada em consideração na organização das atividades, visando essa necessidade surgem os jogos cooperativos que almejam, como o próprio nome diz, a cooperação, como forma de integrar todos que estão participando de uma mesma prática em comum.

O professor deve compreender os pontos fortes e fracos de sua turma, buscando melhores formas de aplicar certos exercícios e práticas que possuam objetivos e ganhos para aqueles que estão participando.

A diferença entre as práticas é visível, enquanto a competitiva visa alcançar um objetivo individual de forma regrada, como por exemplo, a vitória em um jogo de vôlei, a cooperativa busca o cumprimento de tarefas com o trabalho em equipe. Aprender a jogar bem não se trata apenas de pontuar, mas sim compreender a atividade, suas regras, instruções e perceber o valor da cooperação para seu desenvolvimento, afinal, um time de vôlei, como citado anteriormente, não é composto por apenas uma pessoa, mesmo sendo uma prática competitiva um grupo deve atuar em conjunto para alcançar a vitória.

Maia et. al. (2007) disserta sobre formas de introduzir características cooperativas nos jogos tradicionais, trabalhando com base em uma classificação

desenvolvida por Terry Orlick (1989) onde inicialmente existem os jogos cooperativos sem perdedores, práticas onde o grupo se une para alcançar um objetivo específico, na sequência, jogos cooperativos de resultados coletivos, onde formam-se duas ou mais equipes onde ao qual o objetivo do jogo só é alcançado quando todos concluem suas tarefas, assim como, tem-se os jogos de inversão, onde os membros das equipes se alternam, dificultando reconhecer vencedores e perdedores e, por fim, os jogos semi cooperativos, práticas que oferecem as mesmas oportunidades para todos, mesmo que em equipes diferentes, e que visam não a vitória, mas sim a diversão.

Trabalhar apenas práticas cooperativas pode ser algo tentador, porém não se deve excluir as competitivas, o uso em excesso de atividades com teor cooperativo pode vir a causar certa dependência do indivíduo com relação aos outros, desenvolver o cooperativo não é excluir o competitivo, pois ambos possuem seu valor dentro da Educação Física e do desenvolvimento do jovem.

6. Considerações

A Educação Física tem avançado e se esforçado teoricamente para superar os modelos competitivistas e tecnicistas dominantes impostos pelo fenômeno natural e humano, apesar de isso não ser constitutivo do seu biológico.

Os jogos competitivos visam estimular os discentes, a competitividade é algo que está naturalmente ligado às crianças, quando o cenário é introduzido torna-se natural a criação de expectativas sob a prática, estas visam desenvolver habilidades motoras, aprimorar o foco, a disciplina, o controle emocional, a autenticidade, a individualidade, entre outras características importantes.

Os cooperativos por sua vez são capazes de aproximar os discentes, desenvolver o trabalho em equipe, destacar pontos positivos de cada um como parte de um conjunto.

Trabalhar ambas as práticas com sinergia é necessário para o desenvolvimento do aluno, visando sempre objetivos a serem conquistados para esse crescimento nas atividades propostas.

PLANO DE AULA

1. Objetivos:

1.1 *Objetivo Geral:*

- Introduzir o conceito de jogos cooperativos e jogos competitivos em sala de aula, sua importância e apresentar algumas práticas relacionadas aos temas.

1.2 *Objetivos Específicos:*

- Compreensão da relação entre jogos competitivos e cooperativos;

- Conscientização sobre os benefícios e malefício das práticas;
- Desenvolver a socialização por meio de atividades práticas e conversações.

2. Metodologia:

Serão utilizadas ferramentas expositivas (apresentação de slides), conversações e atividades práticas.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo:
<i>Introdução do Assunto</i>	Apresentação com base no entendimento do grupo em relação ao material estudado no desenvolvimento do ensaio acadêmico.	5 minutos
<i>Definição: Jogos Cooperativos</i>	Jogos Cooperativos x Jogos Competitivos: Um Desafio Entre o Ideal e o Real. Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos na Educação Física Escolar.	5 minutos
<i>Definição: Jogos Competitivos</i>	Jogos Cooperativos x Jogos Competitivos: Um Desafio Entre o Ideal e o Real. Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos na Educação Física Escolar.	5 minutos
<i>Prática 01- [Pega-Pega Corrente]</i>	<p>ORLICK, Terry. Vencendo a Competição. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.</p> <p>SANTOS, Paulo Roberto Barbosa, SILVA, Alessandro Santos. A Importância dos Jogos Cooperativos no Ambiente Escolar. <i>Reves Relações Sociais</i>, Vol. 03 N. 03, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/11027/6189. Acesso: 17 de abril de 2023.</p> <p>SCHWARTZ, Gisele Maria; BRUNA, Helena César; LUBA, Gustav Marcus. Jogos cooperativos no processo de interação social: visão de professores. Relatório Científico ao núcleo de Ensino: FUNDUNESP, 2002. Disponível em: https://docplayer.com.br/10609269-Jogos-cooperativos-no-pr-ocesso-de-interacao-social-vis-ao-de-professores-1.html. Acesso: 17 de abril de 2023.</p> <p>SIGNIFICADO DE PEGA-PEGA. Significados, [s.d.]. Disponível em: https://www.significados.com.br/pega-pega/#:~:text=Os%20benef%C3%ADcios%20da%20brincadeira%20pega%2Dpega&text=Quando%20as%20crian%C3%A7as%20est%C3%A3o%20correndo,fugir%20e%20evitar%20ser%20pego. Acesso: 17 de abril de 2023.</p>	15 minutos
<i>Prática 02 – [Mímica]</i>	<p>BRINCANDO DE MÍMICA. Escola Múltipla, [s.d.]. Disponível em: https://www.escolamultipla.com.br/blog/post/164/brincando-de-mimica. Acesso em: 17 de abril de 2023.</p> <p>MEDINA, Vilma. Dez benefícios dos jogos de mímica para as crianças. <i>guiainfantil.com</i>, 2017. Disponível em: https://br.guiainfantil.com/materiais/cultura-e-lazer/jogos/dez-beneficios-dos-jogos-de-mimica-para-as-criancas/. Acesso: 17 de abril de 2023.</p>	15 minutos

<i>Retirada de Dívidas</i>	Conhecimento geral do grupo com base no material desenvolvido no ensaio acadêmico e as perguntas realizadas pelos discentes.	5 minutos
----------------------------	--	-----------

3. Recursos: Apresentação de slides; Aplicação de atividades práticas.

4. Avaliação: O requisito avaliativo consiste na compreensão do material teórico apresentado e na participação prática das atividades propostas.

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Pega-Pega Corrente: A primeira atividade que será apresentada na aula consiste em uma prática cooperativa, onde, inicialmente, um docente será escolhido ou voluntariado para ser o pegador, seu objetivo é correr atrás dos demais estudantes a fim de tocá-los, uma vez que um discente seja tocado pelo pegador, ele deve se unir ao colega, de mãos dadas ou braços cruzados, tornando-se ao lado do mesmo também um pegador. Como define Terry Orlick (1989), o jogo não possui vencedores e nem mesmo perdedores, consiste-se em uma prática cooperativa de resultados coletivos, afinal, os participantes se irão unir-se para alcançar seu objetivo, enquadrando-se assim como um exercício de inversão, pois no fim todos se tornarão pegadores. Caso a corrente se quebre, os membros da mesma deverão se reunir para organizá-la novamente, voltando para a prática logo em seguida.

Como uma prática física ela desenvolve o equilíbrio, a coordenação motora e a consciência corporal, no quesito de prática cooperativa, ela estimula o trabalho em equipe, pois os pegadores deverão trabalhar juntos para alcançar os demais colegas, a estratégia, virando que seus movimentos agora estão mais limitados, como poderão utilizar a extensão da corrente para alcançar os demais? Assim como, qual estratégia os discentes que ainda estão livres utilizarão para seguirem correndo. Os requisitos para desenvolver a atividade são um grupo com mais de 2 participantes e um local amplo que permita a movimentação e o tempo estimado é entre 10 a 15 minutos.

Mímica: Na sequência, ao fim da prática a turma retornará para a sala de aula, onde serão conversados os benefícios de seu desenvolvimento e apresentada a segunda atividade que consistirá em uma prática competitiva em equipe. Os discentes irão se dividir em três equipes, cada equipe deverá selecionar três membros e cada um deles receberá um papel, sendo o nome de uma pessoa conhecida pelo grupo, o nome de um animal e por fim uma prática, os membros selecionados deverão realizar a mímica um de cada vez até que sua equipe acerte o que está escrito no papel, o grupo que conseguir descobrir as três palavras primeiro será o vencedor e receberá o prêmio.

A atividade consiste em uma prática competitiva, afinal, esse cenário foi introduzido aos discentes, onde poderão desenvolver sua expressividade, seu conhecimento corporal, a diversidade, a concentração, o desenvolvimento da criatividade e o trabalho em equipe para compreender o que o aluno selecionado está apresentando e para entrar em consenso sobre a resposta.

A prática é adaptável, desde que haja ao menos 4 alunos é possível desenvolvê-la, foi citado anteriormente que será trabalhada com 3 grupos por estar sendo desenvolvida em uma turma grande. Por fim, é necessário apenas folhas de papel, tesoura/régua e canetas para o docente escrever o desafio que será entregue aos alunos que atuarão como mímicos. Seu tempo estimado é de 10 a 15 minutos.

Referências

ABRAHÃO, Sérgio Roberto. **A relevância dos jogos cooperativos na formação dos professores de educação física: uma possibilidade de mudança paradigmática**. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de pós-graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27945/R%20-%20D%20-%20SERGIO%20ROBERTO%20ABRAHAO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit_e.pdf> Acesso em: 17 de abr. de 2023.

BRINCANDO DE MÍMICA. Escola Múltipla, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.escolamultipla.com.br/blog/post/164/brincando-de-mimica>> Acesso em: 27 de abr. de 2023.

CORREIA, Marcos Miranda. **Jogos Cooperativos Perspectivas, Possibilidades e Desafios na Educação Física Escolar**, 2004. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/download/99/107>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

CORREIA, Marcos Miranda. **Trabalhando com Jogos Cooperativos**, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YniADwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=jogos+cooperativos&ots=3In-eiio1P&sig=K2bs_cxzZchEE_H96tLi0QBt1Z8> Acesso: 17 de abr. de 2023.

COUTO, Ana Luiza Albanás. **Os jogos competitivos nas aulas de educação física Escolar - situações de jogo, situações em jogo**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/189530/Ana%20Luiza%20Alban%20Couto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. **Diferentes Concepções Sobre o Papel da Educa-**

ção Física na Escola, 2012. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41548/1/01d19t02.pdf>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

FERNANDES, Rita de Cassia. **Jogos cooperativos no ensino médio e sua contribuição para a formação humana**. Revista Digital. Buenos Aires, ano 15, n.151, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd151/jogos-cooperativos-no-ensino-medio.html>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

JESUS, Wagner Morais. **Jogos Cooperativos x Jogos Competitivos: Sua aplicabilidade na escola**. Disponível em: <<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1918/1/Wagner%20Morais%20de%20Je%20sus%2028354.pdf>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

JOGOS COOPERATIVOS. Significados, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/jogos-competitivos/#:~:text=Jogos%20Competitivos%20s%C3%A3o%20aqueles%20em,lidar%20com%20vit%C3%B3rias%20e%20derrotas>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

JOGOS COOPERATIVOS: QUAIS OS BENEFÍCIOS PARA A EDUCAÇÃO?. GUARANI SPORT, [s.d.]. Disponível em: <<http://site.guaranisport.com.br/2016/jogos-cooperativos-quais-os-beneficios-para-a-educacao/#:~:text=Sabemos%20que%20os%20jogos%20competitivos,benef%C3%AAdios%20comuns%20das%20atividades%20f%C3%ADsicas>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

KEMMER, A. V. M. **A influência da competição na vida escolar do educando**. Niterói: Anais, 2000. 13-15 p.

MAIA, Raquel Ferreira; MAIA, Jusselma Ferreira; MARQUES, Maria Teresa da Silva Pinto. **Jogos Cooperativos x Jogos Competitivos: Um Desafio Entre o Ideal e o Real**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA_O_FISICA/artigos/cooperativos_competitivos.pdf> Acesso: 17 de abr. de 2023.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Disponível em: <<http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2016/07/Emo%C3%A7%C3%B5es-e-Linguagem-na-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-na-Pol%C3%ADtica.pdf>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

MEDINA, Vilma. **Dez benefícios dos jogos de mímica para as crianças**. guaiainfantil.com, 2017. Disponível em: <<https://br.guaiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/jogos/dez-beneficios-dos-jogos-de-mimica-para-as-criancas/>> Acesso: 27 de abr. de 2023.

ORLICK, Terry. **Vencendo a Competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PEREIRA, Flávio Medeiros. **Nível Médio de ensino: aulas de educação física como espaço de concretização pedagógica no cotidiano escolar**. Revista Pensar a Prática, v. 2, p. 136- 155, Jun./Jun. 1998-1999.

QUAIS OS BENEFÍCIOS DOS JOGOS COMPETITIVOS? Treinamento24, [s.d.]. Disponível em: <<https://treinamento24.com/library/lecture/read/22277-quais-os-beneficios-dos-jogos-competitivos>>. Acesso: 17 de abr. de 2023.

SANTOS, Paulo Roberto Barbosa, SILVA, Alexsandro Santos. **A Importância dos Jogos Cooperativos no Ambiente Escolar**. *Reves Relações Sociais*, Vol. 03 N. 03, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/11027/6189>> Acesso: 17 de abr. de 2023.

SCHWARTZ, Gisele Maria; BRUNA, Helena César; LUBA, Gustav Marcus. **Jogos cooperativos no processo de interação social: visão de professores**. Relatório Científico ao núcleo de Ensino: FUNDUNESP, 2002. Disponível em: <[https://docplayer.com.br/10609269-Jogos-cooperativos-no-processo-de-interacao-so-cial-visao-de-professores-1.html](https://docplayer.com.br/10609269-Jogos-cooperativos-no-processo-de-interacao-social-visao-de-professores-1.html)> Acesso: 17 de abr. de 2023.

SIGNIFICADO DE PEGA-PEGA. Significados, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/pega-pega/#:~:text=Os%20benef%C3%A4cios%20da%20brincadeira%20pega%2Dpega&text=Quando%20as%20crian%C3%A7as%20est%C3%A3o%20correndo,fugir%20e%20evitar%20ser%20pego>> Acesso: 27 de abr. de 2023.

SILVA, Maurício Paixão Ribeiro. **Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos na Educação Física Escolar**. Brasília, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/5880/1/21172230.pdf>> Acesso em: 17 de abr. de 2023.

COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO: USOS A PARTIR DE ENSAIO REFLEXIVO

Brenda Abreu¹

Diulia Dietrich²

Juan Bório³

Natani With⁴

Renata Nogueira Andrade⁵

Rodrigo Lemos Soares⁶

Vivian Holz⁷

Resumo

O objetivo desse ensaio é analisar as propostas dos jogos cooperativos e competitivos no campo da educação que tendem a ditar um melhor e outro pior, nesse caso a cooperação de forma positiva e a competição de forma negativa, tais propostas acreditam em uma transformação radical da sociedade a partir do uso da cooperação na educação. Diante do que foi analisado podemos perceber a importância do equilíbrio entre a cooperação e a competição, ambas podem contribuir de um modo significativo no processo de aprendizagem, podendo ser usadas de modo simultâneo de diversas maneiras, tendo em vista que ambas estão presentes de maneira significativa desde os primórdios da civilização se torna extremamente relevante a sua discussão, mas sempre tendo o cuidado de não trazer afirmações genéricas e que não tenham sido analisadas criticamente. O resultado é mostrar e reconhecer os valores que os jogos competitivos e cooperativos têm a oferecer para sociedade.

Palavras-chaves: Cooperação. Competição. Educação.

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <brenda-aritta@educar.rs.gov.br>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <diuliahellvigdietrich@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <juanlucas7oficial@gmail.com>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <nataniwith@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <andradecontatorenata@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

7 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <vivianholz26@gmail.com>.

Introdução

O presente ensaio analisa propostas que estão se multiplicando no campo da educação física, tais propostas têm como objetivo a transformação da sociedade a partir da transformação dos sujeitos, focando mais nas crianças e nos adolescentes em contexto escolar ou em atividades alternativas, de um modo geral essas propostas tendem a confiar de um modo excessivo no poder de transformação da educação, lembrando que melhorar o mundo a partir da educação não é algo “sem pé nem cabeça”, pois ela é um dos recursos que nós temos para a realização desse tarefa coletiva, logo, sua importância não pode ser diminuída, muito menos descartada, porém, fazer isso baseado em um discurso que traz falsas esperanças desconhecendo a complexidade das interações do meio social e seus efeitos algumas vezes contraditórios, é um desserviço porque por mais que essas propostas tenham boas intenções, podem contribuir para o fracasso das mesmas.

Lovisoló, Borges e Muniz (2013) trazem em seu artigo uma crítica a essa fé transformadora, que propõe e acredita em uma transformação radical mediante o uso dos jogos cooperativos, logo, da cooperação, sem trazer uma análise crítica e bem fundamentada dos argumentos que são apresentados, atacar a competição em prol da cooperação é algo insensato, é preciso buscar um caminho intermediário reconhecendo a importância tanto da cooperação quanto da competição para a educação e o meio social, visto que a competição pode ser um meio para a cooperação, como quando jogamos jogos competitivos de forma coletiva, onde a vontade de vencer leva os participantes a cooperarem, e por outro lado a cooperação também pode ser um meio para a competição, onde se pretende aumentar a produtividade a partir da cooperação e isso acaba gerando uma competição entre os sujeitos envolvidos.

Deste modo, a partir de levantamentos bibliográficos, pretende-se trazer alguns apontamentos sobre a retórica do uso da competição e cooperação no campo educacional, tendo em vista que ambas estão presentes em nosso dia a dia, muitas vezes sem mesmo nos darmos conta do uso das mesmas em nosso cotidiano, seja dentro ou fora dos espaços educacionais, por isso é tão importante que se tenha argumentos mais embasados teoricamente e refinados para falar sobre esses temas.

Propostas de transformações a partir dos jogos cooperativos

Pode-se dizer que a competição não está somente na Educação Física e sim em todos os cantos e áreas estudadas, em história por exemplo, podemos destacar as diferentes culturas, danças, jogos e brincadeiras e com isso a cooperação e competitividade vem fluindo cada vez mais.

Não se tem uma resposta para amenizar as crianças ou adultos que são competitivos e se ter mais cooperação, em vez de diminuir, vai se aumentando cada vez mais. Esse ato de competir vem desde o nascer, e os adultos vão influenciando cada vez mais, os jogos esportistas são prova disto, temos os grenais como exemplo.

As atividades realizadas em sala de aula vão dar embasamento na vida futura deles, porque a competição não está presente só nas escolas e sim na vida cotidiana. Podemos trazer o cooperativo no competitivo, fazendo atividades em grupo, o jogo do balão é um jogo cooperativo, mas competitivo ao mesmo tempo, pois tem dois grupos, e quem fazer mais pontos ganha, mas se o grupo não trabalhar coletivamente nada vai dar certo. Com isso as crianças vão entender também que assim é a vida, nada conseguimos fazer sozinhos. “[...] o esporte moderno, controlado por regras e juízes, seria um vetor do processo civilizatório que diminui o umbral de aceitação da violência, gerando uma excitação socialmente aceitável” (LOVISOLO, 2013, p.134).

Os jogos não eliminam o confronto e sim o estimulam, simulando a guerra, pois sempre tem um grupo contra o outro, tendo assim a rivalidade das crianças entre si, por isso as regras devem ser sempre debatidas entre o professor e os alunos, sendo um diálogo, não só o professor trazer as demandas e os alunos entenderem e aceitarem, e sim, tendo uma troca entre o aluno e professor, as crianças devem contrapor as regras e colocar as regras no jogo também, assim podem de uma certa forma amenizar discussões durante os jogos ou brincadeiras, porque foram eles que ajudaram a fazer as regras.

Se tem em vista que a competição descarta os menos capazes e produzem mais perdedores que ganhadores, estimulando a força do ganhar, o poder que aquela criança vai ter só porque ganhou, apontando para o amigo que é um fracasso, que nunca vai conseguir derrotar ele. Isso os educadores, tanto na rede familiar como escolar devem trabalhar com as crianças para que elas entendam que também perde faz parte dos processos e tem os dias de cada um, cada um tem suas etapas diferentes ou habilidades diferentes, em que um é melhor no futebol o outro em vôlei.

Os jogos competitivos foram criticados por acreditarem que na competição é algo que os indivíduos agem com agressividade, rivalidade com o próximo e além de estimular a exclusão, mas não é bem isso.

Sabemos que quando se trata de um jogo competitivo sempre teremos um que perde e outro que ganha, não devemos sair julgando os outros por ter perdido, porque a pessoa perdeu. Devemos passar/ensinar ao aluno que está debochando daquele colega que por um motivo perdeu, para se colocar no lugar dele, para ele possa perceber que não é bom sentir esses julgamentos.

Se a procura for buscar um equilíbrio em competição e cooperação temos que ver se é positivo ou negativo, temos que ter um equilíbrio. Ensinar a criança que perder é algo natural, faz parte da vida, que ela nem sempre vai ganhar, não traumatizar a criança, dizendo que tu és ruim, ou que tinha que ter feito melhor, temos que incentivar ela a melhorar que na próxima ela vai conseguir.

Os jogos cooperativos são pensados em instrumentos de ludicidade onde são capazes de intervir no modelo capitalista de competição e promover uma observação de valores e condutas, onde a educação se enche de esperanças transformadora, vemos que o potencial da esperança onde o discurso está ligado a respeito, cooperação e suas vantagens sobre a competição são bem antigos e deram lugares as organizações as políticas públicas e privadas, adotaram a cooperação com o princípio, na prática para aumentar a produtividade e a competitividade das empresas. A cooperação está a serviço daquilo que é criticado e rejeitado deveria chamar atenção no discurso avançado ao sistema capitalista.

Os jogos cooperativos são práticas que geram um ambiente onde se tem confiança e parceria em um grupo, com o único objetivo que é respeitar os outros, no campo da educação aprende-se ter mais confiança em si e nas outras pessoas, o jogo busca aproveitar as habilidades que cada pessoa aplica em grupo.

Brotto (1999) traz uma desconfiança em relação aos valores que estão unidos com os jogos e esportes, e o quanto eles influenciam no modelo educacional, não atendendo uma educação democrática que busca a construção de um sujeito solidário e cooperativo, essas duas palavras que tem tanta relevância nessas propostas, solidário e cooperativo são palavras que carregam mais de um sentido, logo ao usá-las deveriam especificar o sentido que ela está carregando para que não haja interpretações errôneas, ou seja, se colocarmos em contextos diferentes elas podem ter tantas interpretações diferentes quanto a competição em excesso, portanto precisamos ter mais cuidado com a escolha das palavras que usamos para tratar de assuntos tão importantes.

Os jogos cooperativos segundo Deacove (*apud* BROTTTO, 1999, p.76), “[...] são jogos com uma estrutura alternativa, onde os participantes jogam uns com os outros, ao invés de uns contra os outros”. Assim, eles estão sendo referidos como educativos e humanizadores, diferente dos jogos competitivos ou tradicionais, mas, uma boa parte das pessoas compreende que quando se joga contra outras pessoas, respeitando as normas, o próximo e adquirindo lealdade é formativo e extremamente educativo, assim como os jogos cooperativos.

[...] sem medo de errar, que quanto maior for a parte da vida de uma criança envolvida com jogos Cooperativos, mais ela aceitará a cooperação, e mais ainda estará disposta a cooperar tanto no jogo da escola quanto no grande jogo da vida (SOLER, 2005, p.48).

Diante dessa declaração podemos perceber que foi feita de um modo geral, sem ser especificada, a cooperação pode ser sim um instrumento usado para enfrentar conflitos existentes, mas esse tipo de declaração dá a entender que os jogos cooperativos seriam um modo de obter ajustes e controle, indo de encontro às ideias conservadoras.

A partir disso, podemos compreender que excluir, sem levar em consideração todas as evidências e sem um pensamento crítico nos faz correr o risco de ter uma grande perda do potencial educativo que a competição traz, nós vivemos em uma sociedade que antes de nascer já estamos competindo, então é importante que se trabalhe esse assunto dentro e fora das escolas, durante o caminho que iremos percorrer vamos nos deparar com muitas competições, em algumas ocasiões nem nos damos conta que estamos competindo, seja nas escolas, faculdade, mercado de trabalho ou até com a família, mesmo que propomos dinâmicas que sejam só cooperativas sempre haverá fragmentos da competição, pois ela é construída no meio social, vem de um apelo psicológico e social onde sempre buscamos destaque, trabalhar a competitividade nas escolas é tão importante quanto trabalhar a cooperação, sempre tentando tirar o máximo de aprendizagem a partir do que nos propomos a trabalhar.

Considerações finais

Portanto percebemos que é de extrema importância exercer jogos e brincadeiras competitivas, dentro deste conteúdo podemos trabalhar diversas formas e assuntos, e em diferentes posições, abrindo um espaço de diálogo com as crianças, para elas expressarem o que acham e sentem quando não se tem a cooperação uns com os outros. Esse é um dos motivos da competição ser saudável, ela traz consigo diversos pontos positivos tanto para vida escolar do aluno como para o seu cotidiano.

E passar para elas que não podem ter medo do que vai acontecer, se errar, se perder e se ganhar, temos que estimular essa segurança para o aluno, e que não importa os obstáculos que ele vai ter que passar até chegar na reta final, devem superar as suas diferenças, tanto corporais, de gênero e de classe.

A interação social é algo fundamental quando falamos em jogos, descartar a exclusão e incluir todos os alunos nas práticas, e do professor participar das atividades propostas, dele interagir com as crianças, com isso a criança não vai se sentir sozinha.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo Geral:

- A partir do texto proposto, tem-se como objetivo discutir as propostas no campo da educação física e refletir sobre o equilíbrio entre competição e a cooperação.

Objetivos Específicos:

- Relatar as propostas no campo da Educação Física;
- Mostrar que dentro da competição existe um meio para a cooperação.
- Compreender os jogos cooperativos e competitivos;
- Explicar o que é cada temática e realizar a atividade prática.

Metodologia: Aula expositiva sobre os assuntos relatados acima com debate, reflexão em grupo e atividade prática abordando o tema proposto.

Quadro organizacional do tempo da aula:

Momento:	Referência:	Tempo:
Apresentação dos slides.	Apresentação dos slides baseado no texto Competição e cooperação: Na busca do equilíbrio.	15 min
Atividade prática.	Realização das atividades: Nó humana, jogo das mãos e não deixe o balão cair.	25 min
Abertura para discussão e dúvidas.	Estímulo ao diálogo a partir do texto proposto.	10 min

Recursos: Computador, projetor, balão, folha de ofício, cd, glitter.

Avaliação:

Após a apresentação a turma será dividida em 4 grupos, escolhidos aleatoriamente. Cada grupo irá receber um CD contendo uma pergunta sobre o texto proposto e a apresentação, o grupo terá 3 minutos para fazer a discussão sobre a pergunta e após a discussão geral.

- 1- Como buscar o equilíbrio entre a competição e a cooperação?
- 2- Qual é o objetivo da competição e da cooperação?
- 3- “Melhorar o mundo melhorando a educação [...], não é uma tentativa descalçada.” Comente:
- 4- Como teus professores abordaram a competição em relação ao perder e ganhar no ensino fundamental?

Exercícios para anamnese e apreensão dos conteúdos

Atividade de avaliação

A turma será dividida em 4 grupos, cada grupo receberá uma pergunta

norteadora baseada na apresentação e no texto proposto, será dado 4 minutos para a discussão no grupo e após começaremos a socialização.

Perguntas:

- 1- Como buscar o equilíbrio entre a competição e a cooperação?
- 2- Qual é o objetivo da competição e da cooperação?
- 3- “Melhorar o mundo melhorando a educação [...], não é uma tentativa descalabelada.” Comente:
- 4- Como seus professores abordaram a competição em relação ao perder e ganhar no ensino fundamental?

Nó humano

Objetivo do jogo: estimular a ação coletiva e a atenção às limitações corporais. A turma formará um círculo e dará as mãos, todos devem decorar a pessoa que está a sua esquerda e a sua direita, após esse momento eles vão soltar as mãos e irão se embaralhar até darmos o sinal para pararem, e então irão procurar as pessoas que estavam à sua direita e esquerda e dar as mãos novamente, formando assim um nó humano. A turma irá buscar estratégias para que o nó seja desfeito sem soltar as mãos.

Jogo das mãos

A turma irá formar um círculo e colocar uma mão acima da mão do colega e outra abaixo, inicia-se a brincadeira contando de 1 a 10, encostando na mão do colega, quando for o número 10 o objetivo é tirar a mão antes do colega bater, se o colega for atingido ele sai da brincadeira, se não o outro sai.

Não deixe o balão cair!

Os participantes formarão um círculo e darão as mãos, cada grupo começa com um total de 3 pontos. Irá ser jogado um balão, uma vez que ele estiver no ar o objetivo é não soltar as mãos e não o deixar cair, caso isso aconteça o grupo perde 1 ponto, ao final o grupo que estiver com o saldo de pontos positivos ganha.

Referências:

LOVISOLO, Hugo; BORGES, Carloa; MUNIZ, Igor. **Competição e cooperação**: Na busca do equilíbrio. Curitiba. Colégio brasileiro de ciências do esporte, 2013. Disponível em: <https://e-aula.ufpel.edu.br/plugin/file.php/1591169/mod_resource/content/1/Competi%C3%A7%C3%A3o%20ou%20coopera%C3%A7%C3%A3o%20na%20procura%20de%20equil%C3%ADbrio.pdf>. Acesso em: 05 de abr. de 2023.

MARQUES, João Paulo. **Jogos cooperativos**. Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/educacao-fisica/jogos-cooperativos>>. Acesso em: 05 de abr. 2023.

PALMIERI, Marilicia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. **Educação**

infantil, cooperação e competição: análise microgenética sob uma perspectiva sociocultural. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 2, p. 365–378, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/6bhFmvKRrnBDGSRhSptz-F4L/?lang=pt>> Acesso em: 02 de abr. 2023.

Prefeitura municipal. **Material de complementação escolar, Educação Física.** São José do Vale do Rio Preto. 2020. Disponível em: <https://www.sjvriopreto.rj.gov.br/uploads/paginadinamica/33812/4_e_5_Ano__31_08_a_11_09.pdf> Acesso em: 06 de abr. 2023.

SANTOS, Simone. **Jogos cooperativos e jogos competitivos: Manifestações de suas características em um ambiente educativo.** Piracicaba, 2017. Disponível em: <https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/04042018_155233_simonecastrodossantos_ok.pdf> Acesso em: 02 de abr. 2023.

JOGOS COOPERATIVOS E COMPETITIVOS NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Alana do Amaral Pety¹

Eduarda Pinto de Souza dos Santos²

Fernanda Dutra Silveira³

Gerusa Bohlke Pinto Souza⁴

Kassandra de Moura⁵

Rodrigo Lemos Soares⁶

Resumo

Orientado por uma literatura especializada sobre jogos cooperativos e competitivos, este trabalho teve como objetivo investigar os diferentes corpos e as suas diferenças, tipos, benefícios e desvantagens, bem como as suas possibilidades de aplicação na Pedagogia. A pesquisa foi realizada através de uma revisão bibliográfica, a qual foi organizada buscando compreender seus conceitos, história, diferenças e tipos, além de analisar seus benefícios e desvantagens e a utilização desses jogos como estratégias pedagógicas. Dessa forma, o trabalho apresentou uma abordagem teórica sobre o uso desses tipos de jogos em contextos educacionais, destacando como eles foram utilizados em diferentes períodos e culturas. Nesse contexto, discutiu-se a importância de considerar as características dos alunos e o contexto em que os jogos serão utilizados para maximizar os benefícios educacionais. Por fim, a conclusão reforçou a importância dos jogos cooperativos e competitivos no contexto educativo, destacando suas contribuições para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo dos alunos. Além disso,

1 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <petyalana@gmail.com>.

2 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <dudapintos72@gmail.com>.

3 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <fernanda.silveira@yahoo.com.br>.

4 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <artesa84@gmail.com>.

5 Universidade Federal de Pelotas – Pedagogia – E-mail: <kassandrademoura020900@gmail.com>.

6 Universidade Federal de Pelotas – Faculdade de Educação – E-mail: <rodrigosoaresfurg@gmail.com>.

apresentou algumas limitações e desafios na aplicação desses jogos na prática, bem como sugestões para estudos futuros que possam aprofundar o tema. Espera-se que as informações e reflexões apresentadas aqui possam inspirar novas práticas pedagógicas e pesquisas futuras sobre o assunto.

Palavras-Chave: Jogos cooperativos. Jogos competitivos. Educação.

Introdução

Os jogos cooperativos e competitivos têm despertado cada vez mais interesse nos estudos em educação, especialmente no que se refere ao seu papel na formação de valores sociais e à promoção de um ambiente escolar mais justo e igualitário. Diante de um contexto sociocultural que reforça a competitividade exacerbada e a individualidade, construção de habilidades socioemocionais e a formação de indivíduos mais conscientes e solidários.

A Pedagogia, enquanto área que se dedica ao estudo dos processos de ensino e aprendizagem, tem um papel preponderante no uso dessas ferramentas lúdicas, visto que a aprendizagem pode ser facilitada quando envolve experiências práticas, participação ativa do aluno e estímulos emocionais. Ademais, o desenvolvimento de jogos cooperativos e competitivos é uma estratégia que permite ao professor estimular a construção de habilidades socioemocionais, como a empatia, a cooperação, o respeito e a tolerância.

Todavia, cabe ressaltar que a utilização de jogos cooperativos e competitivos deve ser realizada com critérios e cuidados específicos. A escolha dos jogos deve levar em consideração a faixa etária dos alunos, bem como suas necessidades e características individuais. Além disso, é essencial que os professores tenham uma formação adequada para a aplicação dessas práticas pedagógicas, de modo a planejar e conduzir as atividades de forma coerente e eficiente.

Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a importância dos jogos cooperativos e competitivos na formação dos alunos, destacando seus potenciais benefícios e desafios, e discutindo como eles podem ser integrados de maneira efetiva no contexto escolar. Espera-se que este estudo possa contribuir para a reflexão e aperfeiçoamento dessas práticas pedagógicas, favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos e o fortalecimento de valores sociais positivos.

Jogos Cooperativos e Competitivos

Os jogos cooperativos são atividades lúdicas que têm como objetivo principal a colaboração entre os participantes, em que o sucesso do grupo é mais importante do que a vitória individual. Nesse tipo de jogo, não há competição entre os

jogadores, mas sim uma dinâmica de cooperação e solidariedade, em que os participantes trabalham juntos para alcançar um objetivo comum, o que geralmente requer um alto nível de comunicação, negociação e apoio mútuo. Assim, para Borges e Souza (2013), há uma grande estima pelo trabalho em grupo e o respeito é considerado essencial. Os jogos cooperativos podem ser aplicados em diversas áreas, como na educação, no esporte, no trabalho em equipe, entre outras.

Por outro lado, os jogos competitivos são atividades lúdicas em que há uma disputa entre os jogadores, tendo como principal objetivo a vitória individual. Nesse tipo de jogo, os participantes são estimulados a competir uns contra os outros, buscando superar seus adversários e alcançar a vitória. Os jogos competitivos também são aplicados em diversas áreas, como no esporte, na educação e no trabalho, e são reconhecidos por estimular o desenvolvimento de habilidades, como a estratégia, a liderança, a autoconfiança e a competitividade. No entanto, é importante destacar que a competição excessiva pode levar a comportamentos agressivos e individualistas, o que pode prejudicar o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e a construção de valores positivos.

Uma das principais diferenças entre jogos cooperativos e competitivos está relacionada ao objetivo dos jogadores. Nos jogos cooperativos, os participantes trabalham juntos em busca de um objetivo comum, onde o sucesso é medido pelo desempenho da equipe como um todo. Já nos jogos competitivos, o objetivo é superar os outros jogadores ou equipes e vencer a disputa, onde o sucesso é medido pela quantidade de pontos ou pelo tempo mais rápido, por exemplo. Enquanto os jogos cooperativos promovem o espírito de equipe, solidariedade e cooperação, os jogos competitivos estimulam a individualidade e a superação pessoal.

Os jogos cooperativos e competitivos têm uma longa história na humanidade, remontando à antiguidade. Na Grécia Antiga, por exemplo, os jogos olímpicos, que eram competições atléticas entre as cidades-estado gregas, eram realizados em um espírito de cooperação e fraternidade entre os participantes, que representavam seus respectivos locais de origem. Já na Idade Média, os jogos medievais, como as justas, eram eventos que envolviam competições entre cavaleiros, em que o objetivo era derrubar o adversário de seu cavalo, em uma disputa que valorizava a habilidade, a coragem e a destreza.

No entanto, foi apenas no Século XX que os jogos cooperativos e competitivos começaram a ser estudados e aplicados de forma mais sistemática em diferentes áreas, como a educação. Como exemplo, o educador alemão Kurt Hahn (S-D), criador do movimento de educação ao ar livre, valorizava a importância dos jogos cooperativos para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e o fortalecimento do caráter dos jovens. No esporte, o francês Pierre de Coubertin (S-D), fundador do Comitê Olímpico Internacional, defendia a ideia

de que a competição saudável entre os atletas poderia contribuir para a promoção da paz e da amizade entre os povos. A partir dessas experiências pioneiras, os jogos cooperativos e competitivos foram ampliando seu espaço em diferentes áreas, consolidando-se como uma ferramenta importante para o desenvolvimento integral do ser humano.

Os jogos cooperativos e competitivos possuem benefícios e desvantagens, dependendo do contexto em que são aplicados e da forma como são conduzidos. No caso dos jogos cooperativos, os benefícios incluem o estímulo à cooperação e solidariedade entre os participantes, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a empatia, o trabalho em equipe e a resolução de conflitos, além da promoção de valores positivos, como a generosidade e a compaixão. Os jogos cooperativos também são indicados para situações em que o foco está na aprendizagem, no desenvolvimento de habilidades ou na construção de vínculos sociais, sem necessariamente haver uma competição entre os participantes. Por isso, para Comparin (2022), são importantíssimos para o desenvolvimento integral dos alunos.

Em contrapartida, os jogos competitivos também possuem benefícios, como o estímulo à competitividade e ao desafio pessoal, o desenvolvimento de habilidades específicas, como a estratégia, a liderança e a autoconfiança, e a promoção da motivação e do engajamento dos participantes. Os jogos competitivos são indicados para situações em que o objetivo é a superação pessoal ou a vitória em uma disputa, como em competições esportivas ou em processos seletivos. Segundo Silva (2014), os jogos competitivos também são capazes de agregar valores quando bem aplicados pelo docente, caracterizando-se como um excelente método de ensino-aprendizagem.

Portanto, ao escolher entre jogos cooperativos e competitivos, é importante considerar o contexto em que serão aplicados, os objetivos a serem alcançados e a forma como serão conduzidos, a fim de maximizar os benefícios e minimizar as desvantagens de cada tipo de jogo. Além disso, é fundamental que os jogos sejam conduzidos de forma ética, respeitando os limites e a integridade física e emocional dos participantes.

Existem diferentes tipos de jogos cooperativos e competitivos que podem ser utilizados em diferentes contextos, incluindo na educação, no esporte e no lazer. No caso dos jogos cooperativos, um dos tipos mais comuns é o jogo de construção, em que os participantes trabalham juntos para construir uma estrutura ou resolver um problema. Este tipo de jogo pode promover o trabalho em equipe, a comunicação e a criatividade. Outro tipo de jogo cooperativo é o jogo de simulação, em que os jogadores interpretam papéis em uma situação simulada, como um desastre natural ou uma missão espacial. Este tipo de jogo

pode desenvolver habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e tomada de decisões. Em resumo, Da Silva et. al. (2012) avalia o jogo cooperativo como tendo o objetivo de promover inclusão de todos os participantes independente de suas características raciais ou socioeconômicas.

No caso dos jogos competitivos, um dos tipos mais comuns é o jogo de estratégia, em que os jogadores precisam pensar em estratégias para superar seus adversários e alcançar a vitória. Jogos de tabuleiro, como xadrez e damas, são exemplos desse tipo de jogo. Outro tipo de jogo competitivo é o jogo de corrida, em que os jogadores competem uns contra os outros para chegar a um objetivo comum, como o fim de uma trilha ou a linha de chegada de uma corrida. Outros exemplos desse tipo de jogo são os jogos de cartas, como pôquer e buraco.

Por fim, é importante ressaltar que os jogos cooperativos e competitivos não precisam ser vistos como opostos, mas sim como complementares. Muitas vezes, um jogo pode envolver elementos cooperativos e competitivos ao mesmo tempo, e a escolha de um ou outro tipo de jogo dependerá do objetivo e da dinâmica do grupo. O importante é que os jogos sejam usados de forma consciente e planejada, de modo a promover o desenvolvimento das habilidades e valores desejados. Nesse sentido, Santos e Silva (2020), recomendam a diversificação dos jogos utilizados, gerando atividades entusiasmantes e estímulos diversos.

Os jogos cooperativos e competitivos têm sido amplamente utilizados na educação, com o intuito de proporcionar uma aprendizagem mais dinâmica e efetiva, além de promover o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas dos alunos. Os jogos cooperativos podem ser usados para incentivar a colaboração e o trabalho em equipe, estimulando a cooperação, a comunicação e a resolução de conflitos. Por outro lado, os jogos competitivos podem desenvolver habilidades como liderança, estratégia e resiliência, além de promover o senso de competição saudável. Em concordância, Dos Santos (2017) defende que em ambos os estilos de jogos é possível promover a integração e obter benefícios educativos.

Além disso, os jogos cooperativos e competitivos podem ser utilizados para enriquecer o processo de ensino de conteúdos específicos, como matemática, história e ciências, de uma maneira mais envolvente e divertida. Ao empregar tais jogos, os estudantes são desafiados a colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, em uma abordagem lúdica e desafiadora. Por exemplo, um jogo de tabuleiro que envolve operações matemáticas pode tornar a aprendizagem mais interessante e desafiadora do que a simples resolução de problemas em uma folha de papel. Da mesma forma, um jogo de simulação pode ajudar os alunos a compreender conceitos abstratos de ciências de uma forma mais prática e visual.

Considerações finais

Diante do exposto, é possível afirmar que os jogos cooperativos e competitivos possuem contribuições das mais diversas para a Pedagogia. Além disso, os jogos podem ser adaptados a diferentes níveis de ensino e a diferentes objetivos pedagógicos, possibilitando uma abordagem personalizada e mais eficaz para os estudantes. Dessa forma, a utilização desses jogos no contexto educativo pode proporcionar uma aprendizagem mais dinâmica e participativa, além de fomentar o desenvolvimento de uma competência crítica e reflexiva nos estudantes. Portanto, a inclusão dos jogos cooperativos e competitivos na prática pedagógica pode ser uma estratégia eficaz para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos.

A utilização dos jogos cooperativos e competitivos na Pedagogia, no entanto, requer planejamento e adaptação às necessidades e objetivos dos alunos. É preciso selecionar jogos adequados ao nível de desenvolvimento dos estudantes e às habilidades que se deseja desenvolver, além de considerar o papel do docente como orientador e facilitador para garantir que os jogos sejam usados de forma pedagogicamente adequada e que os alunos possam aprender de forma mais significativa e divertida. Ademais, é importante ressaltar que o uso dos jogos não deve ser visto como uma solução única para os desafios da aprendizagem, mas sim como uma ferramenta complementar à prática pedagógica.

Por fim, é importante mencionar as limitações e desafios da utilização de jogos cooperativos e competitivos na Pedagogia. A falta de preparação e capacitação dos docentes, bem como a falta de recursos materiais adequados, podem ser obstáculos para a implementação dos jogos na prática pedagógica. Além disso, é preciso considerar que nem todos os alunos têm o mesmo perfil de aprendizagem e que, em alguns casos, a competitividade pode gerar desigualdades e desmotivação entre os estudantes. Dessa forma, é importante avaliar cuidadosamente as limitações e desafios da utilização dos jogos cooperativos e competitivos no contexto educacional, buscando adaptar a prática pedagógica às necessidades e objetivos dos alunos, de forma crítica e reflexiva.

Os jogos cooperativos e competitivos são uma importante ferramenta pedagógica, capaz de contribuir para o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos indivíduos. Embora existam diferenças marcantes entre ambos, eles não são excludentes e podem ser utilizados em conjunto para atender às necessidades e objetivos dos estudantes. Diante disso, as contribuições dos jogos cooperativos e competitivos para a pedagogia são significativas, uma vez que promovem a socialização, a cooperação, o respeito às regras, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e físicas, a competição saudável e o senso de pertencimento.

Nesse contexto, ainda há desafios e limitações na utilização de jogos

cooperativos e competitivos na pedagogia, como a resistência de alguns professores em incluí-los em suas práticas educativas, a falta de recursos e materiais adequados, a dificuldade em encontrar um equilíbrio entre cooperação e competição, entre outros. Portanto, sugere-se que estudos futuros se dediquem a aprofundar essas questões, buscando identificar estratégias e práticas eficazes para a utilização desses jogos no contexto educacional.

Em suma, é possível afirmar que os jogos cooperativos e competitivos são uma importante ferramenta pedagógica, capaz de contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, para que sua utilização seja efetiva, é necessário que os professores estejam preparados e tenham conhecimento sobre esses jogos, suas potencialidades e limitações. Além disso, é fundamental que haja investimentos em pesquisas e na produção de materiais didáticos que auxiliem os educadores em sua prática pedagógica.

PLANO DE AULA

Objetivos:

Objetivo geral:

- Explorar as brincadeiras e praticar os jogos competitivos na educação infantil.

Objetivos específicos:

- Identificar as capacidades físicas e as habilidades motoras nos jogos e brincadeiras;
- Explicar por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem;
- Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas;
- Explorar matérias e texturas;
- Explorar a percepção sensorial;
- Estimular um desenvolvimento colaborativo.

Metodologia: Aula expositivo-participativa, orientada por diálogos sobre os diferentes corpos e suas diferenças. Estímulo à prática e realização de brincadeiras.

Recursos: Arcos (Bambolês), bolinhas de plásticos, barbante, materiais recicláveis, texturas variadas.

Avaliação: Será avaliado o melhor desempenho do grupo, a partir da colaboração dos integrantes entre si na melhor pontuação, ou seja, o grupo que estiver

com o maior número de pontos ganha a brincadeira competitiva.

Referências:

BORGES, JUNIOR.; SOUSA, F. Jogos cooperativos na escola. **Revista Digital EFDportes**, v. 182, p1, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd182/jogos-cooperativos-na-escola.htm>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

CAMPARIN, Elaine. **Jogos Cooperativos como fator de Motivação e Socialização**. São Paulo, 2012. Disponível em: Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2015/02/Artigo>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

COSTA, Francenilda Rodrigues. **Jogos cooperativos como ferramenta pedagógica na educação infantil**. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p195>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

DA SILVA, Jhonny Kleber Ferreira. Jogos cooperativos: contribuição na escola como meio socializador entre crianças do ensino fundamental. **Motrivivência**, n. 39. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-583412>> Acesso em 20 de abr. de 2023.

DIAS, Cleber. Perspectivas Históricas para o Lazer e a Educação na Natureza. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/reves>> Acesso em: 20 de abr. de 2023

DOS SANTOS, Paulo Roberto Barbosa; DA SILVA, Alexsandro Santos. A importância dos jogos cooperativos no ambiente escolar. **Revista Relações Sociais**, v. 3, n. 3, p. 0251-0261, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280233580_EDUCACAO_PARA_CONVIVENCIA_E_A_COOPERACAO_EDUCATION_FOR_COMPANIONSHIP_AND_THE_COOPERATION> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

DOS SANTOS, Simone Castro. **Jogos cooperativos e jogos competitivos: manifestações de suas características em um ambiente educativo**. 2017. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

LOPES, Jefferson Campos. Educação para convivência e a cooperação. **Conexões**, v. 3, n. 1, p. 16-25, 2005. Disponível em: <<https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

SILVA, Camila Souza da. **Jogos cooperativos no processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais**. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

SILVA, Fagner Lopes Almeida da. **Os jogos cooperativos no ambiente escolar: pontos negativos e positivos**. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle>> Acesso em: 20 de abr. de 2023.

SILVA, Maurício Paixão Ribeiro da. **Jogos cooperativos e jogos competitivos na Educação Física escolar**. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br>>
Acesso em: 20 de abr. de 2023.

SOUZA, João Ademir de. **Prática pedagógica: criação de jogos cooperativos a partir de jogos competitivos nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2015. Disponível em: <TCCE_EFIAI_EaD_2015_SOUZA_JOAO.pdf (ufsm.br)>
Acesso em: 20 de abr. de 2023.

